

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGEdu

Patricia Machado Vieira



Psiu! Fermento!
Pastoral da Juventude & Imprensa Estudantil
nos anos 1980 a 1990

Fermento

Porto Alegre
2014

Patricia Machado Vieira

PSIU! FERMENTO!
Pastoral da Juventude & Imprensa Estudantil
nos anos 1980 a 1990

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora:
Professora Dr^a. Maria Stephanou

Linha de Pesquisa:
História, Memória e Educação

Porto Alegre
2014

CIP - Catalogação na Publicação

Vieira, Patricia Machado

PSIU! FERMENTO! Pastoral da Juventude & Imprensa
Estudantil nos anos 1980 a 1990 / Patricia Machado
Vieira. -- 2014.

108 f.

Orientadora: Maria Stephanou.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. História Cultural. 2. Imprensa estudantil de
jovens. 3. Pastoral da Juventude. 4. Práticas de
produção de impressos. 5. Práticas de leitura e
escrita. I. Stephanou, Maria, orient. II. Título.

Patricia Machado Vieira

PSIU! FERMENTO!
Pastoral da Juventude & Imprensa Estudantil
nos anos 1980 a 1990

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em 17 de julho de 2014.

Profa. Dra. Maria Stephanou – Orientadora

Profa. Dra. Dóris Bittencourt Almeida – PPGEDU/UFRGS

Prof. Dr. Mauricio Perondi – PUCRS

Profª Drª Larissa Camacho Carvalho – UCS

AGRADECIMENTOS

Nestes dois anos de estudos no mestrado muitas pessoas estiveram ao meu lado e, direta ou indiretamente, foram fundamentais na construção desse trabalho. Nesse momento desejo agradecer a todos.

Ao meu pai, que esteve sempre presente nesse tempo, pelo apoio, compreensão nas minhas ausências, cuidado e amor dedicados.

À minha mãe, que mesmo não estando mais aqui, foi e sempre será inspiração e símbolo do amor mais sincero que já senti.

Aos meus familiares, especialmente a Luiza que vem se fazendo parte muito importante da família, é bom tê-los, perto ou longe, e sentir que posso contar com vocês mesmo quando não estou tão presente.

Aos amigos e amigas, família que a vida me possibilitou escolher, sobretudo os que o engajamento nas pastorais de juventude me trouxeram, pelos momentos de sorrisos partilhados e pelas vezes em que a tristeza ficou mais leve por dividi-la com vocês.

À minha orientadora, Prof^a Maria Stephanou, pelo empenho, colaboração, carinho e tempo dedicado na construção dessa dissertação. A tua leitura atenta, tuas indicações sempre pertinentes, as correções incansáveis foram fundamentais nesse trabalho. Agradeço principalmente pela amizade e cuidado que tens comigo, para além da vida acadêmica, deixo aqui registrada minha admiração pela pessoa incrível que és.

Às colegas de orientação, que mais do que colegas se tornaram amigas, Carine, Carolina, Mariana, Celine, Viviane e Michele pelos aprendizados construídos coletivamente, pelos afetos e pela amizade que foi muito importante nesse tempo e certamente fica de legado para a vida.

Aos colegas do PPGEdU, em especial Catharina, Roberta e Giovanni. Mesmo com as limitações que as exigências de cursar o mestrado nos impôs, cultivamos belos momentos de amizade, partilha e construção de conhecimento.

À Prof^a Luciana Piccoli, que generosa e carinhosamente me acolheu como aluna estagiária na disciplina de Linguagem e Educação I. Os aprendizados que tive nesse espaço foram muito importantes na minha formação profissional e pessoal. Te admiro muito pela ótima professora e pessoa que és. Também as alunas da turma A, meu agradecimento por me ensinarem e possibilitarem o exercício da docência.

À Rede La Salle, em especial na pessoa da Cilene, que abriu as portas do Centro de Assistência e Pastoral Lassalista e do Acervo a partir do qual essa pesquisa foi desenvolvida.

Aos três entrevistados, o jovem, o assessor e o liberado, que prontamente aceitaram participar da pesquisa e contribuíram de maneira muito significativa com suas memórias.

Às professoras Dóris Bittencourt Almeida e Larissa Camacho Carvalho, e ao professor Mauricio Perondi, por aceitarem ler essa dissertação e dividir seus valiosos conhecimentos comigo.

Aos funcionários do Programa de Pós Graduação em Educação da UFRGS, pelo atendimento sempre ágil e carinhoso nesses dois anos.

À CAPES, que por meio da concessão de Bolsa de Estudos, subsidiou essa pesquisa, tornando possível minha dedicação exclusiva aos estudos.

A todos estes, meus sinceros agradecimentos! Muito obrigada!

*“Eu acredito é na rapaziada
Que segue em frente e segura o rojão
Eu ponho fé na fé da moçada
Que não foge da fera e enfrenta o leão
Eu vou à luta com essa juventude
Que não corre da raia a troco de nada
Eu vou no bloco com essa mocidade
Que não ta na saudade e constrói
A manhã desejada...”*

(Trecho da música Acredito na Rapaziada – Gonzaguinha)

RESUMO

A dissertação examina impressos estudantis de juventude das décadas de 80 e 90 do século XX, produzidos no Rio Grande do Sul, especialmente aqueles periódicos que circularam entre jovens estudantes, confeccionados pelos próprios jovens. Adota os pressupostos teóricos da História Cultural e da história da cultura escrita, sob inspiração dos estudos de Roger Chartier e Arlette Farge. São analisados dois conjuntos de impressos estudantis de juventude: o primeiro conjunto consiste em 31 edições do periódico intitulado *Psiu*, produzido pela Pastoral da Juventude Estudantil, em sua organização a nível estadual, Rio Grande do Sul; o segundo compreende 19 edições, 2 cartas e 3 edições especiais do periódico intitulado *Fermento*, produzido pela Coordenação da Pastoral da Juventude da Arquidiocese de Porto Alegre. Como documentação complementar, foram produzidos documentos orais a partir da realização de três entrevistas, uma com jovem que participou da confecção de um dos periódicos, uma com um assessor adulto da Pastoral da Juventude que atuou no período de circulação do *Psiu* e do *Fermento* e uma com um jovem liberado, à época atuante nesse âmbito. As entrevistas, de caráter compreensivo, focalizaram três eixos: as motivações, os envolvidos e os processos de produção desses impressos. A partir deste corpus empírico, a análise procurou apreender os usos desses objetos, em seus contextos de produção e circulação. Para isso, são descritos: a materialidade desses impressos, ou seja, os suportes nos quais os textos são dados a ler; os dispositivos textuais e tipográficos, ou protocolos de leitura propostos no *Psiu* e no *Fermento*; as muitas imagens que integram esses periódicos, e que se relacionam aos textos e à identidade visual dos impressos, caracterizando-as também como protocolos de leitura. Constatou-se que os suportes apresentam variações quanto ao número de páginas, qualidade de impressão, formatação dos textos, tamanho. Entretanto, a forma de apresentação ou a estrutura gráfica e editorial é constante, sobretudo por seu caráter artesanal. Pode-se inferir que tal forma caracteriza o gênero discursivo dos impressos estudantis, em especial da Pastoral da Juventude entre os anos 80 e 90 do século XX, além de uma inspiração em outros jornais de circulação e impressos aos quais os jovens tinham acesso. O estudo descreve e analisa, ainda, as práticas de produção que estiveram implicadas no *Psiu* e no *Fermento*, valendo-se das referências presentes nos próprios impressos e nas informações obtidas nas entrevistas. Essas referências evidenciam o caráter artesanal de produção e o envolvimento dos jovens em todas as fases, desde a escrita dos textos até a distribuição dos impressos. Por fim, importa destacar o papel formativo desempenhado por essas práticas de produção de impressos ligados às Pastorais de Juventude da Igreja Católica. Os jovens liam muito, escreviam textos, ocupavam-se da feitura (composição, diagramação), impressão e distribuição desses impressos, processo que lhes possibilitou a aquisição de novos conhecimentos, aprendizados e competências. O próprio contexto de ação em que estavam inseridos pode ser concebido como um processo educativo intenso e extenso, designado pela Pastoral da Juventude como formação de jovens.

Palavras-chave: História Cultural. Imprensa estudantil de jovens. Pastoral da Juventude. Práticas de produção de impressos. Práticas de leitura e escrita.

ABSTRACT

The dissertation examines printed student youth of the 80s and 90s of the twentieth century, produced in Rio Grande do Sul, especially those periodicals that circulated among young students, made by young people themselves. Adopts the theoretical assumptions of Cultural History and the history of written culture, under the inspiration of the studies of Roger Chartier and Arlette Farge. Printed two sets of student youth are analyzed: the first set consists of 31 issues of the journal titled Psiu, produced by Pastoral da Juventude Estudantil in your organization at the state level, Rio Grande do Sul; the second comprises 19 issues, two letters and three special issues of the journal entitled Fermento, produced by the Coordination of Pastoral da Juventude of the Archdiocese of Porto Alegre. As additional documentation, oral documents were produced from conducting three interviews, one with a young man who participated in the making of one of the journals, one with an adult advisor to the Pastoral da Juventude who served during the period of circulation of Psiu and yeast and a with a young man released, the operative time in this context. The interviews, comprehensive character, focused on three areas: motivations, and processes involved in production of these printed. From this empirical corpus, the analysis attempts to capture the uses of these objects in their contexts of production and circulation. To this are described: these materiality printed, or media in which data are read texts; textual and typographical devices, or protocols proposed in reading Psiu and Fermento; the many images that integrate these journals, and that relate to the texts and the visual identity of printed, also characterizing them as reading protocols. It was found that variations in the brackets show the number of pages, print quality, formatting text, size. However, the presentation or the graphic and editorial structure is constant, especially for its artisanal character. Can be inferred that such features discursive genre of printed student, especially the youth ministry between 80 and 90 years of the twentieth century, as well as an inspiration for other newspapers in circulation printed and to which young people had access. The study describes and also analyzes the production practices that have been implicated in Psiu and Fermento, availing himself of the references in printed themselves and the information obtained in the interviews. These references show the artisanal character of production and the involvement of young people in all stages, from written texts to the distribution of printed. Finally, it is worth highlighting the formative role played by these practices linked to the production of printed Pastoral da Juventude of the Catholic Church. Young people had read a lot, wrote texts, busied themselves in making (composition, typesetting), printing and distribution of printed, a process that enabled them to acquire new knowledge, learning and skills. The context of action in which they were inserted itself can be conceived as an intense and extensive educational process, appointed by the Pastoral da Juventude and youth training.

Keywords: Cultural History. Young student press. Pastoral da Juventude. Production practices printed. Practices of reading and writing.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Design da Pesquisa.....	25
Figura 2 – Mapeamento do período de publicação dos impressos.....	27
Figura 3 – Fachada do Centro de Assistência Social e Pastoral Juvenil Lassalista.	31
Figura 4 - Parte do Acervo do IPJ.....	34
Figura 5 – Recorte da página 1 da edição nº 1 do Psiu.....	42
Figura 6 – Montagem com as capas das edições localizadas do Psiu em ordem cronológica de publicação.....	46
Figura 7 – Página 7 da edição de número 14.....	48
Figura 8 – Contracapa da edição de número 4 do Psiu.....	49
Figura 9 – Recorte da página 7 da edição de número 13 do Psiu.....	51
Figura 10 – Montagem com as capas das edições localizadas do Fermento em ordem cronológica de publicação, além das Edições Especiais e Cartas no final.....	55
Figura 11 – Recorte da página 1 da edição de número 5 do Fermento	57
Figura 12 – Imagem que acompanha o campo Discuta com seus companheiros, no Fermento.....	58
Figura 13 – Charge presente na página 5 da edição de número 14 do Fermento....	60
Figura 14 – Imagem presente na página 2, junto ao Editorial da edição de nº 6 do Fermento.....	68
Figura 15 – Recorte da página 1 do Psiu nº 17.....	88
Figura 16 – Recorte da contracapa do Psiu nº 18.....	89
Figura 17 – Recorte das páginas 4 e 5 do Fermento nº 2.....	89
Figura 18 – Recorte da página 2 do Fermento nº 11.....	90
Figura 19 – Recorte da Capa do Psiu de número 35.....	91
Figura 20 – Recorte da contracapa do Fermento de nº 4.....	91
Figura 21 – Páginas 11 e 12 do Psiu de nº 4.....	93
Figura 22 – Página 12 do Fermento de nº 17.....	93
Figura 23 – Recorte da página 2 da edição nº 3 do Psiu.....	94
Figura 24 – Contracapa da edição nº 11 do Psiu.....	95
Figura 25 – Página 3 da edição nº 16 do Fermento.....	96

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Descrição das entrevistas.....	29
Tabela 2 – Edições localizadas do impresso Psiu.....	43
Tabela 3 – Referências à temática Escola no Psiu.....	50
Tabela 4 – Edições localizadas do impresso Fermento.....	53
Tabela 5 – Referências à temática Política no Fermento.....	59
Tabela 6 – Referências a produção presentes no impresso Psiu.....	62
Tabela 7 – Referências a produção presentes no impresso Fermento.....	63
Tabela 8 – Citações e Referências presentes no impresso Psiu.....	80
Tabela 9 – Citações e Referências presentes no impresso Fermento.....	82

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIJ – Ano Internacional da Juventude
CAMP – Centro de Assessoria Multiprofissional
CELAM – Comissão Episcopal Latino Americana e Caribenha
CF – Campanha da Fraternidade
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudo Socioeconômico
IBASE – Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas
IPJ – Instituto de Pastoral da Juventude
MPS – Movimento de Pastoral Secundarista
MST – Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
ONU – Organização das Nações Unidas
PJ – Pastoral da Juventude
PJB – Pastoral da Juventude do Brasil
PJE – Pastoral da Juventude Estudantil
PJMP – Pastoral da Juventude do Meio Popular
PJR – Pastoral da Juventude Rural
PO – Pastoral Operária
PS – Pastoral Secundarista

SUMÁRIO

1 DE VOLTA AO COMEÇO.....	12
1.1 FAZER HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, UM OFÍCIO POSSÍVEL.....	15
2 OS CAMINHOS PERCORRIDOS.....	24
2.1 DESIGN DA PESQUISA.....	24
2.2 O ACERVO DO INSTITUTO DE PASTORAL DA JUVENTUDE.....	30
3 PRÁTICAS DE PRODUÇÃO DOS IMPRESSOS.....	38
3.1 O ESPAÇO VISUAL DAS PÁGINAS.....	40
3.1.1 Psiu: jornal de divulgação e informação da PJE-RS.....	41
3.1.2 Fermento: Informativo da Pastoral da Juventude da Arquidiocese de Porto Alegre.....	51
3.2 NARRATIVAS DA PRODUÇÃO: NAS PÁGINAS E NAS FALAS.....	61
3.3 OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS À PRODUÇÃO DOS IMPRESSOS.....	69
4 PRÁTICAS DE LEITURA E PRÁTICAS DE ESCRITA IMPLICADAS NO PSIU E NO FERMENTO.....	73
4.1 OS RASTROS DAS LEITURAS.....	78
4.2 OS PROTOCOLOS DE LEITURA.....	86
5 PSIU E FERMENTO: INDÍCIOS OS DAS PRÁTICAS DE LEITURA, ESCRITA E PRODUÇÃO DE IMPRESSOS DE JOVENS DAS PASTORAIS DE JUVENTUDE.....	99
REFERÊNCIAS.....	105

1 DE VOLTA AO COMEÇO



Pelo prazer de ser surpreendido, pela beleza dos textos e o excesso da vida ofertado em tantas linhas ordinárias. O desejo de não esquecer essas histórias de vida e de comunicá-las não é certamente um defeito grave.
(FARGE, 2009, p. 70)

Esta é uma dissertação de mestrado que intenta lançar olhares sobre impressos estudantis das décadas de 80 e 90 do século XX, em circulação no Rio Grande do Sul, especialmente aqueles periódicos que circularam entre jovens estudantes e foram produzidos pelos próprios jovens.

O campo teórico no qual a pesquisa se insere é a História Cultural que, segundo Chartier (2004), concebe a leitura e a escrita como práticas culturais. As práticas são entendidas como culturais “já que traduzem em atos as maneiras plurais como os homens dão significação ao mundo que é o seu” (CHARTIER, 2004, p.18). Nas práticas de escrita estão implicados diretamente esses conjuntos de significação, que ficam evidenciados nos textos, transcrições, protocolos de leitura, etc. As práticas de leitura possibilitam produções e apropriações diferenciadas, de acordo com cada sujeito e o contexto em que são empreendidas. Também modificam-se de acordo com as materialidades em que os textos são dados a ler.

Pedagoga de formação, me descobri e venho me fazendo historiadora da educação, pouco a pouco, pelos caminhos de pesquisa e de filiação teórica, os quais me aproximo e traço desde a iniciação científica. A inserção neste campo de pesquisas, e que levou a pesquisar impressos estudantis de jovens, está na imbricação de uma dimensão da vida pessoal e da experiência como bolsista de iniciação científica em dois projetos de pesquisa, ambos sob orientação da prof^a Dr^a Maria Stephanou.

O primeiro¹ objetivava dar visibilidade aos jovens – como personagens, autores ou temática – na literatura contemporânea. No âmbito deste primeiro projeto desenvolvi a análise da obra *Cinzas do Norte*², de Milton Hatoum, procurando identificar representações da condição e da situação juvenil³ presentes na narrativa. Com o encerramento deste projeto, passei a integrar, também como bolsista de iniciação científica, a equipe de pesquisa do projeto “Educar a escrita: os sentidos da caligrafia na história da educação no Brasil (séculos XIX e XX)”, que analisa mais amplamente as práticas de escrita, aquelas especificamente ligadas à caligrafia, na história da educação brasileira. Pude realizar algumas pesquisas menores a partir da temática central do projeto com o objetivo de mapear os discursos presentes em manuais de formação de professores das décadas de 1930 a 1960, que justificavam e defendiam o uso da caligrafia como prática no ensino da escrita na escola primária.

Também na dimensão pessoal, o caminho percorrido na pesquisa começou antes mesmo do mestrado, pois meu contato com as Pastorais de Juventude⁴ se deu ainda na adolescência. Apesar de só ter tomado conhecimento dos impressos analisados com o início desta pesquisa, me sinto um pouco nativa do campo e dos objetos da pesquisa (SARMENTO, 2003), devido às identificações pessoais com os sujeitos produtores dos impressos, pois também fui militante da Pastoral da Juventude e da Pastoral da Juventude Estudantil.

A História da Educação, em especial a vertente de pesquisadores alicerçados nos pressupostos teóricos da História Cultural, vem examinando diversificados artefatos culturais da escola e de seu entorno nas pesquisas sobre a cultura e o cotidiano escolar. Também alguns estudos da História da Cultura Escrita encontram-se em intersecção com a História da Educação e a História Cultural. Um exemplo dessa interface são os estudos apresentados por Antonio Castillo Gómez (2012),

¹ Intitulado “Visibilidade de jovens e das culturas juvenis na narrativa brasileira contemporânea”, do qual participei entre abril e agosto de 2009, como Bolsista da Iniciação Científica.

² HATOUM, Milton. **Cinzas do Norte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

³ Os conceitos de condição e situação juvenil são oriundos dos estudos sobre juventude e dizem respeito, respectivamente, ao modo como uma sociedade dá significado a essa fase da vida e as diferentes formas e percursos que os jovens experimentam de acordo com variados recortes: classe, gênero, etnia... (SPOSITO, 2003)

⁴ As Pastorais de Juventude são quatro específicas que trabalham de acordo com o seguimento de pertencimento dos jovens. São elas: a Pastoral da Juventude, que tem como meio específico as paróquias e os jovens que as freqüentam; a Pastoral da Juventude estudantil, nas escolas; a Pastoral da Juventude Rural, nas comunidades paroquiais do interior, do meio rural; e, a Pastoral da Juventude do Meio Popular, nas comunidades paroquiais e outros espaços de regiões periféricas.

dando destaque à centralidade cultura escrita na escola. De cadernos, livros, diários de professoras até mobiliários escolares, uniformes, diários íntimos, passamos a uma infinidade de outros artefatos onde podem ser identificados indícios das práticas de escolarização, da cultura escolar de um determinado tempo-espaço, das compreensões sobre determinadas disciplinas escolares, etc.

Neste conjunto de possibilidades e objetos de pesquisa, chamaram minha atenção e interessa destacar aqui aqueles ligados às práticas de leitura e às práticas de escrita de jovens estudantes, mais especificamente os impressos de juventude no formato de pequeno jornal.

Os impressos estão inseridos no contexto social da época em que foram produzidos e circularam. Considero-os, neste estudo, como documentos constituídos e constituintes das relações socioculturais dos jovens estudantes, para além do contexto escolar. Essa pesquisa torna-se relevante, assim, por analisar impressos produzidos por jovens, ligados a suas práticas de leitura e escrita. Ampliam os sujeitos e os objetos pesquisados em relação aos estudos comumente realizados na História da Educação (GALVÃO e LOPES, 2010).

Analiso dois impressos estudantis de jovens – Puiu e Fermento – em circulação no Rio Grande do Sul nas décadas de 1980 e 1990. A opção por um recorte relacionado apenas a alguns periódicos e a duas décadas fundamenta-se numa espécie de alerta de Roger Chartier, quando afirma que

Descrever uma cultura seria então compreender a totalidade das relações que nela se encontram entrelaçadas, o conjunto das práticas que nela se exprimem, as representações do mundo, do social ou do sagrado. Tarefa impossível. (CHARTIER, 2004, p. 18)

A abordagem aqui proposta constituiu uma imersão no objeto de estudo e não uma mirada panorâmica acerca da temática imprensa estudantil. Privilegia os impressos produzidos pelos próprios estudantes, e segue as sugestões de Roger Chartier (2004) quanto à opção em examinar as práticas particulares de produção, leitura e escrita, empreendidas a partir de objetos específicos, constituídos por dois conjuntos de impressos. O intuito maior é compreender os usos desses objetos, em seus contextos de produção e circulação nos anos 1980-1990. Examina, ainda, os sentidos atribuídos por aqueles que escrevem e produzem esses impressos às práticas ligadas aos mesmos objetos.

Portanto, este estudo objetiva identificar e compreender os processos pelos quais se deu a produção dos impressos e qual papel tais impressos desempenhavam na formação de jovens estudantes secundaristas. Nas palavras do pesquisador Antonio Viñao Frago (2001), pode-se dizer que o objetivo foi compreender “o quem e como se escreve e se lê, em que contextos, com que meios e com que fins, assim como os significados e representações sociais de tais actos e contextos” (p. 33).

Para tal análise, o corpus documental da pesquisa se constituiu de dois conjuntos de periódicos juvenis – Psiu e Fermento – e três entrevistas com sujeitos que participaram dos processos de produção dos impressos. As construções desse estudo, análises e reflexões detiveram-se nesses documentos.

1.1 FAZER HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, UM OFÍCIO POSSÍVEL

Como pedagoga, meus primeiros contatos com a História da Educação ocorreram em duas disciplinas, entre 2007 e 2010, durante a graduação, que foram panorâmicas pela falta de tempo e, naquele contexto, pouco chamaram minha atenção. Somente ao ingressar na Iniciação Científica me aproximei de forma mais significativa desse âmbito de estudos e compreendi a História da Educação como um campo de pesquisa amplo e de grande relevância para os estudos em Educação, porque busca desnaturalizar e historicizar os fenômenos e acontecimentos.

Como anunciei antes, este estudo embasa-se nos pressupostos teóricos da História Cultural e de maneira mais específica inspira-se nos estudos sobre história da cultura escrita, com destaque, dentre outros, aos estudos do historiador francês Roger Chartier.

Na História Cultural um dos pressupostos diz respeito aos sujeitos estudados, “[...] valorizam-se cada vez mais os sujeitos ‘esquecidos’ da história, como as crianças, as mulheres, os negros, os índios e as camadas populares” (GALVÃO e LOPES, 2010, p.32). Acrescento a estes, os jovens, que pouco foram estudados como sujeitos da história, de suas próprias histórias. Por vezes, as motivações desse silêncio histórico em relação a alguns sujeitos diz respeito à abordagem que a

historiografia assumiu, valorizando os grandes feitos, os heróis, a história das ideias pedagógicas. Diferentemente, a História Cultural tem atribuído maior importância a determinados recortes, conjuntos de práticas e grupos ou sujeitos mais específicos. Compreende que assim é possível ampliar as análises e propor um outro tipo de reconstrução, que sobretudo contempla as realidades específicas e cotidianas.

De outra parte, é importante destacar, nas últimas três décadas, o crescente número de estudos a respeito das juventudes, como aponta Mauricio Perondi (2008), em um levantamento realizado no Banco de Teses e Dissertações da CAPES. Perondi enfatiza que há carência de estudos ligada ao “ser jovem”, pois a grande maioria das pesquisas dá maior ênfase ao papel de aluno exercido por esses jovens e um olhar externo, dos jovens como parte dos processos e não como sujeitos. Mais escassa ainda é a produção sobre a história da educação articulada às agremiações e grupos juvenis e impressos de juventude.

Em consulta realizada em maio de 2014 junto ao Banco de Teses e Dissertações da CAPES⁵ utilizando como descritores de pesquisa “imprensa de juventude”, “imprensa e juventude”, “impressos juvenis”, “imprensa Pastoral da Juventude” e “periódicos Pastoral da Juventude” não localizei nenhum resultado. Com o descritor “imprensa estudantil” localizei duas pesquisas em âmbito de mestrado, porém apenas uma com relevância para este estudo, pesquisa realizada por Andrea Silva Fraga, que será comentada posteriormente neste capítulo. Na pesquisa por “Pastoral da Juventude” também localizei dois estudos realizados na área da Teologia e Ciência da Religião com foco nos processos religiosos envolvidos nos grupos de jovens e na formação dos jovens.

Outro pressuposto da História Cultural refere-se ao fato de operar por verossimilhança (PESAVENTO, 2005) por não buscar verdades absolutas supostamente necessárias à reconstituição de um período histórico. Ao analisar as práticas de leitura e de escrita a partir de impressos estudantis, realizei uma aproximação possível a um passado recente, busquei os sentidos dessas práticas por verossimilhança. A aproximação foi pautada nos estudos que realizei no âmbito da História Cultural, da História da Educação e da História da Cultura Escrita.

⁵ Os resultados que consegui localizar na plataforma de buscas do Banco de Teses e Dissertações da CAPES são referentes apenas ao período posterior ao ano de 2011, sendo assim tenho consciência da possível existência de outros trabalhos defendidos em período anterior ao evidenciado na busca.

Segundo Peter Burke (2008), os historiadores tem uma preocupação de estudo que centra-se, entre outros, em dois principais conceitos: as representações e as práticas. No que se relaciona com as práticas, os estudos da História Cultural podem constituir-se como uma *história das práticas*, como é o caso do presente estudo. A descrição e reflexão sobre essas práticas, além da busca do sentido atribuído a elas por aqueles que as exerciam, são passos fundamentais do caminho percorrido. Para Chartier (2004), e como referi inicialmente, todas as práticas são culturais,

já que traduzem em atos as maneiras plurais como os homens dão significação ao mundo que é o seu. Portanto, toda história, quer se diga econômica, social ou religiosa, exige o estudo dos sistemas de representação e dos atos que eles geram. Por isso ela é cultural. (CHARTIER, 2004, p. 18)

Assim, quando se fala em práticas culturais, estas referem-se às formas como determinados grupos sociais deram e dão significado ao mundo ao seu redor, variando de acordo com o grupo social, religioso, territorial e de nível cultural a que pertencem os sujeitos em questão. Coexistem, assim, diferentes *conjuntos de significados* (PESAVENTO, 2005) em uma mesma sociedade, que se constituem a partir de diferentes tempos e lugares, múltiplos pertencimentos possíveis a um sujeito. Quanto aos impressos de juventude que aqui são objeto de estudo, pode-se identificar um *conjunto de significados* partilhados pelos jovens, ao mesmo tempo produtores e leitores desses impressos. As culturas juvenis manifestas nas páginas dos impressos expressam representações e significações que aqueles sujeitos tinham de si mesmos e do mundo ao seu redor.

Dentre os grupos que podemos identificar como construindo significações comuns estão aqueles ligados ao mundo da escola. No contexto escolar, podemos afirmar a existência de uma cultura própria, com significados comuns e códigos partilhados pelos sujeitos que aí circulam. Essa cultura escolar, segundo Vinão Frago (2002) não é uma reprodução da cultura que circula fora da escola.

La noción de cultura escolar, en este caso, no alude a la cultura que se adquiere en la escuela, sino a la cultura que no se adquiere más que en la escuela. No es, pues, aquella parte de la cultura global que se difunde por la escuela a las nuevas generaciones, sino una cultura específicamente escolar en sus modos de difusión, desde luego, pero también en su origen, en su génesis y en su configuración.[...] Con ello se destaca: a) el carácter relativamente autónomo de la cultura escolar: la escuela no se limita a

reproducir lo que esta fuera de ella, sino que lo adapta, lo transforma y crea un saber y una cultura propia. (VIÑAO FRAGO, 2002, p. 71 – 72)

A cultura escolar origina-se e é transmitida no ambiente escolar. Segundo Antonio Viñao Frago (2002), ela tem início na apropriação feita pela escola da ou das culturas que a circunscrevem sem, no entanto, repeti-las. A escola apropria-se e ressignifica tais culturas, formando uma cultura própria, que se difunde por meio da transmissão dos mais velhos aos mais jovens, de professores a alunos. Segundo Dominique Julia, a cultura escola poderia ser descrita como

um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). (JULIA, 2001, p. 10)

De acordo com o excerto anterior podemos evocar também a função social da escola nessa compreensão. Para Dominique Julia (2001), a cultura escolar em sua organização já é uma forma de transmissão e garantia de continuidade. As práticas da cultura própria da escola estão voltadas à incorporação de comportamentos e apropriação de significados comuns.

A cultura escolar está na intersecção e circunscrita por outras culturas, que por vezes são valorizadas, e outras que são negadas no contexto escolar. Julia (2001) sinaliza para uma compreensão das culturas infantis como parte dessa cultura escolar. Para fins de compreensão deste estudo, arrisco dizer que precisamos também compreender as culturas juvenis que se desenvolvem *à revelia da escola* (MAFRA, 2003) e que se pode entrever nas práticas escolares. Essas culturas juvenis têm sido, em geral, esquecidas, negadas ou afastadas da sala de aula. De acordo com Juarez Dayrell (2003), a compreensão que a escola tem sobre as juventudes contribui para essa marginalização de suas expressões e artefatos culturais.

Em nome do “vir a ser” do aluno, traduzido no diploma e nos possíveis projetos de futuro, tende-se a negar o presente vivido do jovem como espaço válido de formação, assim como as questões existenciais que eles expõem, bem mais amplas do que apenas o futuro. (DAYRELL, 2003, p. 41)

A compreensão das culturas juvenis na história das práticas ligadas à escolarização possibilitaria um olhar mais sensível aos sujeitos que, em muitos casos, são vistos somente como alunos, desconsiderando a complexidade das experiências que os constituem. Como sugere Chartier, “é preciso reconhecer a circulação fluida e as práticas comuns que extrapolam as fronteiras sociais” (1992, p. 230).

Os impressos estudados nessa pesquisa foram produzidos de forma independente à instituição escolar, por organizações juvenis, trabalho dos próprios jovens, por vezes tutelados de alguma forma por um adulto que os acompanha, no caso da pastoral. A questão central a pensar é que esses impressos estão impregnados de aprendizagens escolares, circularam no espaço da escola, foram lidos pelos jovens que frequentavam as escolas. Muitos jovens tiveram sua formação fortemente embasada no ideário presente nos textos e páginas desses impressos. Não parece possível e pertinente pensá-los, portanto, independentes da escola. Os impressos aqui estudados estiveram, portanto, próximos da cultura escolar e sofreram sua influência.

Há uma complexidade muito sutil e, ao mesmo tempo, marcante nesses impressos juvenis. Ao falar dos objetos impressos Chartier afirma “que são sempre mais do que meros textos” (1998, p. 18) referindo-se aos protocolos de leitura, imagens e dispositivos tipográficos. Penso não trair o autor ao acrescentar a esses as subjetividades presentes na produção dos impressos, as culturas juvenis, as identidades, os ideários políticos e sociais, até mesmo as intenções e expectativas depositadas. Esses elementos têm reflexo sobre os textos, em parte constituem os textos em si. Os objetos impressos estudados nesta pesquisa são mais do que os textos que portam, do que as imagens que apresentam, são registros de memórias, trajetórias e desejos de grupos juvenis, daqueles que os escreveram, daqueles que os leram, daqueles que buscaram formar outros jovens escrevendo textos a eles dirigidos e daqueles que foram formados pela leitura. E tais impressos tornam-se documentos históricos passíveis de tais leituras, pois é como os encaro enquanto pesquisadora, é como os questiono e me relaciono com eles.

Reafirmo que o Psiu e o Fermento são mais do que impressos estudantis de juventude constituídos de textos, imagens e citações. Acredito que são compósitos das experiências vividas pelos jovens que os produziam, pois de acordo com Castillo Gómez (2003, p. 223)

Se puede observar en muchos de los usos políticos e institucionales de la escritura, producidos y conservados con la explícita voluntad de convertirlos [os impressos] en «lugares de memoria»; pero también en buena parte del denso y variado filón de los escritos cotidianos y de la gente común. (CASTILLO GÓMEZ, 2003,p. 223)

No caso dos impressos estudantis analisados na pesquisa, considero-os como suporte para memórias de um grupo, de um coletivo, de muitos jovens representados em suas páginas. A escrita e a leitura destes impressos estão ligadas à constituição de uma identidade que se faz no âmago dos grupos nos quais os jovens se inserem, nos quais circula, e com os quais vai criando afinidades e apropriando-se de significações que lhes são comuns.

Podemos garimpar rastros das memórias individuais e coletivas nos periódicos e escritos estudantis. Encarar os impressos de juventude que compõe o corpus empírico da pesquisa como suportes de memória dos jovens e grupos que os produziram, possibilita também compreender as culturas juvenis de um dado momento histórico, a partir da análise desses conjuntos de impressos.

As pesquisas que desenvolvemos não se encontram solitárias nos campos de investigação e em sua construção somos parte de um conjunto de pesquisadores e de tradições de pesquisa que vão desenhando um cenário mais amplo que nos inspira e orienta. Nesse sentido, na sequência apresento pesquisas desenvolvidas no campo da História da Educação que ajudam a pensar os impressos estudantis produzidos por jovens para seus pares.

A revista História da Educação, da Associação Sul-Riograndense de Pesquisadores em História da Educação, em 2013, vol. 17, nº 40, publicou um dossiê sobre imprensa estudantil⁶. Neste dossiê é destacada a relevância dos jornais estudantis produzidos pelos próprios estudantes, como “instituições complementares ou associações auxiliares à escola, estimuladas pelos protagonistas da Escola Nova desde as primeiras décadas do século 20” (BASTOS, 2013, p. 7). Nos artigos que compõem o dossiê, pude vislumbrar diversas possibilidades de análise desse documento histórico: os periódicos e impressos produzidos por estudantes. Dentre os estudos apresentados, evoco aqui, em especial, dois artigos.

⁶ Revista História da Educação, vol.17, nº 40, Santa Maria, Mai./Ago. 2013.

O primeiro, intitulado “*Os jornais estudantis Ecos Gonzagueanos e Estudante: apontamentos sobre o ensino secundário católico e laico (Pelotas/RS, 1930 a 1960)*” (AMARAL, 2013), em que a autora apresenta dois jornais que circularam concomitantemente no município de Pelotas/RS, intitulados Ecos Gonzagueanos e Estudante, produzidos por jovens estudantes de duas escolas secundárias, uma confessional católica e outra estadual, respectivamente. A autora recolhe elementos da cultura escolar dessas duas instituições que ficam evidenciados nos impressos produzidos pelos jovens. Quais práticas e discursos estavam em circulação no cotidiano escolar daquelas instituições e tinham influencia nos impressos produzidos pelos jovens alunos, é a indagação da autora. E ela conclui que foi possível perceber a influencia do cotidiano escolar nas práticas de produção dos impressos pelos jovens.

O segundo artigo, intitulado “*O Crisol: periódico das alunas do Colégio Americano (Porto Alegre/RS, 1945-1964)*” (ALMEIDA, 2013), objetiva lançar um olhar sobre as memórias e culturas juvenis através de um jornal estudantil produzido pelas alunas daquela escola. A autora identifica, por meio dos textos e imagens inscritos no suporte do periódico, evidências que permitem pensar as culturas juvenis pelas quais as jovens alunas, que escreviam os textos e produziam os impressos, circulavam e eram formadas. De outro lado, a autora também busca rastros de memórias das autoras e de seus coletivos, compreendendo o periódico estudantil como suporte das memórias de um grupo com características comuns. O estudo está atravessado pelo recorte de gênero e põem em cena a formação e a subjetivação de jovens leitoras e escritoras.

A opção feita por apresentar estes artigos deve-se ao fato de serem os que mais se aproximam do estudo aqui elaborado como dissertação. Ambos têm como objetos de pesquisa periódicos estudantis produzidos por jovens estudantes da segunda fase da escolarização – ensino secundário, atualmente, ensino médio. Tais abordagens inspiraram a pensar o objeto de estudo como espaço privilegiado para compreender as culturas juvenis e as relações entre os sujeitos, durante determinado tempo-espaço.

Outro estudo empreendido por Almeida (2012) analisa o impresso estudantil O Clarim, que circulou entre 1945 – 1965, produzido por alunos de uma escola privada de Porto Alegre/RS. A autora também apresenta representações das culturas juvenis daquele período possíveis de entrever no impresso. O objetivo foi

identificar como os discursos presentes no impresso contribuíram para a construção das identidades juvenis, ou de uma determinada identidade, modos de pensar e agir comuns entre aqueles que empreendiam práticas leitoras desses periódicos.

A dissertação de Silvana S. Piñeda (2003) integra o universo restrito de pesquisas com impressos estudantis de jovens. Intitulado “*Hyloea: o feminino na revista dos alunos do Colégio Militar de Porto Alegre (1922-1938)*”, o estudo propõe-se a analisar a revista Hyloea a partir das referências e representações do universo feminino presentes nos textos e fotografias de muitos números desse periódico. Outras temáticas também são evidenciadas, como: os esportes, o humor, o cotidiano escola. Por meio de análise de discursos e textual, levantamento de dados, imagens, periodicidade, colaboradores, descrição dos suportes e análise interna do próprio impresso, o estudo se vale da História Cultural para desenvolver as reflexões.

Por fim, destaco a dissertação de mestrado de Andrea da Silva Fraga (2013), intitulada “*Imprensa estudantil e práticas de escrita e de leitura: a revista ‘O Estudo’*”. A análise se detém num conjunto de 31 revistas produzidas por jovens estudantes normalistas do Instituto de Educação General Flores da Cunha, em Porto Alegre/RS, nos anos de 1922 a 1931. No excerto a seguir a autora apresenta brevemente a problemática, com a qual me identifico para o presente estudo.

A problemática norteadora desta pesquisa diz respeito às práticas de leitura das alunas na revista *O Estudo*, para isso a ideia axial de Chartier sobre a análise das práticas de leitura e escrita se torna essencial, ou seja, estudar as relações entre o *suporte, o texto e as práticas de leitura*. Como fazer? A História, ao se aproximar da Antropologia, apropriou-se de um método conhecido como *descrição densa*. E é nessa direção que se encontra a análise da tríade – suporte, texto e práticas de leitura, pois a descrição densa não significa apenas descrever o objeto (FRAGA, 2013, p. 26 e 27)

A proposta metodológica do trabalho de Fraga (2012) ajuda a pensar no design da pesquisa que desenvolvi. Realizo uma descrição densa dos impressos, o suporte, os textos, as práticas de escrita e leitura implicadas, mas também descrevo relações possíveis de se fazer dos aspectos entre si e com outros aspectos externos.

Os estudos apresentados acima ajudaram a pensar aproximações e diferenciações possíveis nas análises que realizei. A partir do que já foi pesquisado,

escrito, analisado justifica-se a relevância do presente estudo, ao mesmo tempo que traça um pano de fundo teórico e do campo de inserção para o mesmo.

2 OS CAMINHOS PERCORRIDOS



Na verdade, a “questão do método” só tem sentido ser escrita por último. O método é algo que nós vamos constituindo à medida que pesquisamos – em filosofia, eu diria, escrevemos. Só ao término do trabalho é que sabemos como ele funcionou.
(RIBEIRO, 1999, p. 190 e 191)

Os caminhos que foram percorridos durante o desenvolvimento desta pesquisa só são possíveis de serem descritos nesse momento posterior, como refere Ribeiro (1999). A partir do processo de pesquisa documental junto ao Acervo, de realização de entrevistas, de leituras, de tabulação das informações, de análise dos achados, a pesquisa foi se construindo passo a passo, a partir de uma proposta e um objetivo inicial, reconstruídos constantemente frente aos achados e aos silêncios do trabalho de campo e elaboração do texto.

Na sequência, descrevo os caminhos que percorri na elaboração desta dissertação, os elementos que se entrecruzaram, os sujeitos informantes e o Acervo que guarda o corpus documental analisado.

2.1 DESIGN DA PESQUISA

As leituras que fazemos vão mostrando a multiplicidade de caminhos possíveis a percorrer quando da execução e escrita de nossas pesquisas. A partir delas buscamos inspirações para criar nossos próprios caminhos e itinerários.

Para traçar o percurso desta dissertação, algumas delimitações se fazem necessárias e relevantes. A primeira delas refere-se ao *design da pesquisa*

(SARMENTO, 2003), ou seja, o conjunto de escolhas teóricas e empíricas que constituem o estudo. O esquema abaixo busca ilustrar essas escolhas.

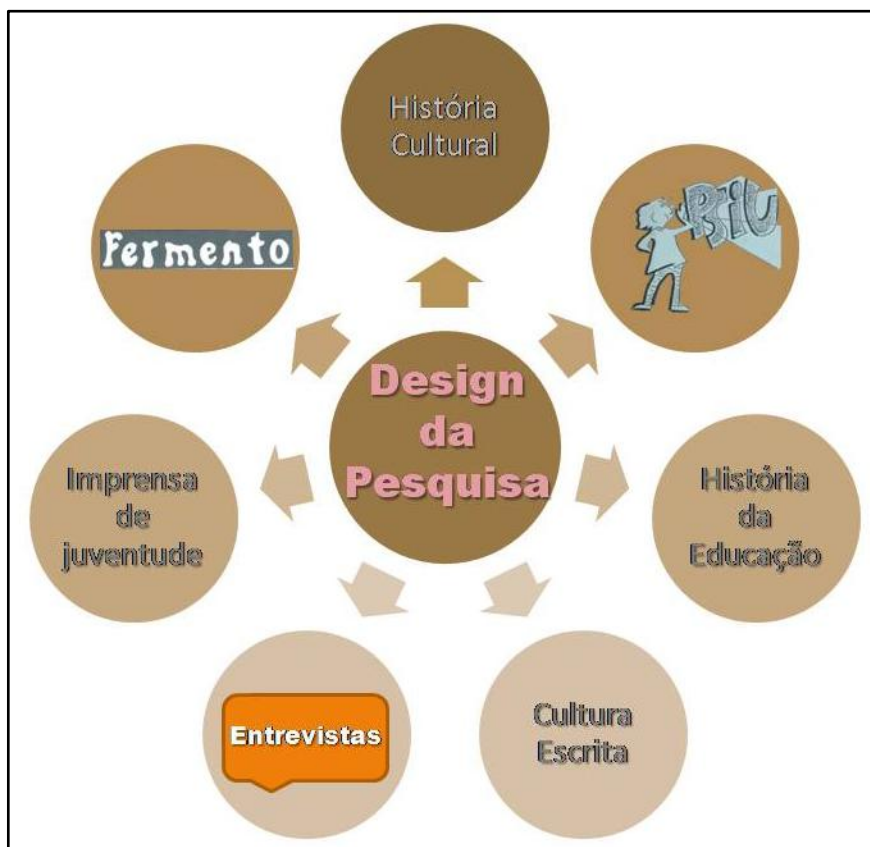


Figura 1 – Design da Pesquisa
Fonte – Esquema produzido para a pesquisa.

Neste design estão presentes os elementos de delimitação que possibilitaram a realização da pesquisa e da dissertação. Como apresentei anteriormente, o campo de pesquisa é a História da Educação. Embasa-se nos pressupostos teóricos da História Cultural. O recorte temático se inscreve na história da cultura escrita, em especial a imprensa estudantil de jovens.

Entrelaçado com essas escolhas teóricas e temáticas constitui-se o corpus empírico, composto por dois conjuntos de impressos de juventude e três entrevistas.

Os impressos são o objeto central da pesquisa, que por meio de uma descrição densa de suas materialidades, protocolos de leitura, temáticas que abordam, intenta demonstrar a importância dos mesmos na formação dos jovens pertencentes aos grupos juvenis que os produziam e que filiavam-se às pastorais de juventude da Igreja Católica.

O primeiro conjunto de impressos consiste em 31 edições do periódico intitulado *Psíu*, produzido pela Pastoral da Juventude Estudantil, em sua organização a nível estadual, Rio Grande do Sul. Localizei indícios de que circularam durante as décadas de 1980 a 1990, possivelmente 38 números entre março de 1984 e outubro de 1999.

A Pastoral da Juventude Estudantil (PJE) é uma organização da Igreja Católica do Brasil criada em 1982 sob o título de “Pastoral Secundarista”. O objetivo é atender os jovens no meio específico onde se encontram, a escola. Dentre suas opções metodológicas estão o trabalho com grupos, a formação continuada dos jovens e um grande investimento de ação transformadora sobre a realidade (PJE, 2005). A PJE é, portanto, um segmento da Igreja Católica que se ocupa da tarefa de evangelizar e trabalhar com jovens estudantes em seu meio específico, a escola. Os grupos de jovens, as atividades e ações são desenvolvidas na e a partir da escola.

Mauricio Perondi (2008) descreve a organização da PJE, que serve também para o presente estudo, pois tal pastoral ainda hoje organiza-se de forma bastante semelhante ao período dos impressos analisados. “A PJE, enquanto organização que está presente em diversos estados do Brasil, possui uma estrutura organizativa que viabiliza sua atuação. Esta acontece em diversos níveis, desde os grupos nas escolas até as instâncias nacionais” (PERONDI, 2008, p. 55). Essa estrutura que sustenta sua atuação está ligada, prioritariamente, as congregações religiosas que trabalham com jovens estudantes, aos institutos de juventude e escolas confessionais católicas.

O segundo conjunto analisado compreende 19 edições, 2 cartas e 3 edições especiais do periódico *Fermento*, com período de produção e circulação entre 1982 e 1989. Esse conjunto diz respeito à segunda fase de publicação desse impresso, sobre o qual pude identificar três momentos distintos de produção, com formatos diferentes e reiniciando a contagem das edições. O impresso era produzido e visava atingir o público de jovens da Arquidiocese de Porto Alegre⁷, sob responsabilidade quanto à organização, manutenção e distribuição pela Coordenação Arquidiocesana de Jovens da Pastoral da Juventude.

A Pastoral da Juventude (PJ), assim como a Pastoral da Juventude Estudantil, é uma organização da Igreja Católica para o trabalho com juventude. Ela

⁷ Arquidiocese é uma circunscrição eclesiástica da Igreja Católica, territorial e administrativa. A Arquidiocese de Porto Alegre é composta por 29 municípios do entorno da cidade de Porto Alegre.

articula grupos juvenis inseridos em comunidades paroquiais, tendo como público jovens e adolescentes, em sua maioria, em idade escolar. A Coordenação da Pastoral da Juventude é composta por jovens representantes dos grupos organizados e desempenha funções ligadas ao suprimento das necessidades dos grupos para se organizarem, como: encontros formativos, materiais informativos, subsídios. Nesse contexto pode-se inserir a produção e circulação dos periódicos juvenis.

A imagem a seguir tem por objetivo a visualização dos períodos de edição dos dois impressos. Observa-se que por cinco anos – 1984 a 1989 – houve a publicação dos dois impressos, permanecendo o *Psiu* em circulação por mais dez anos.

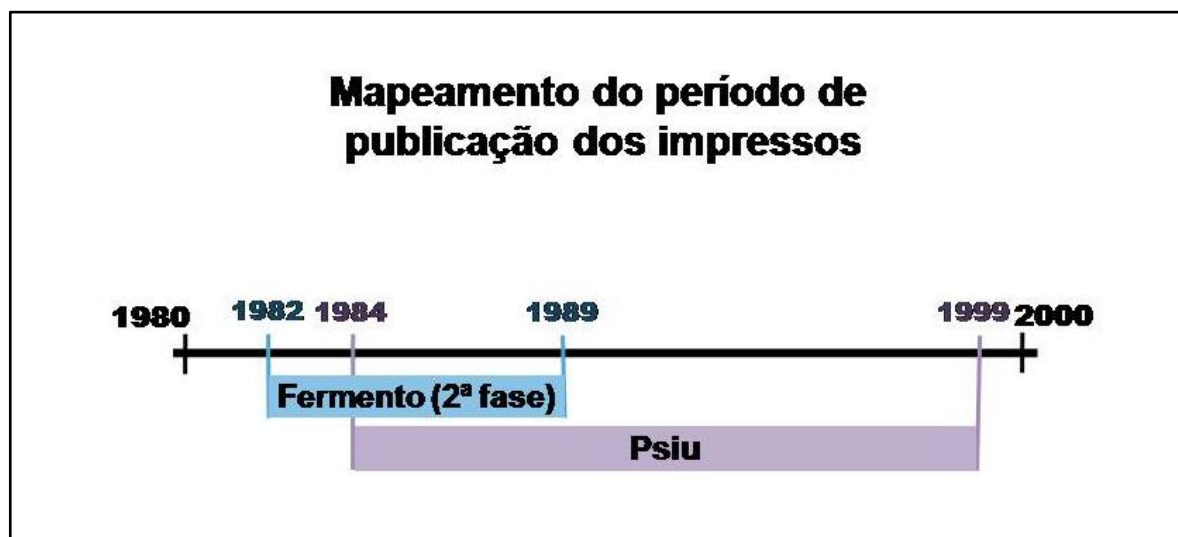


Figura 2 – Mapeamento do período de publicação dos impressos
Fonte – Esquema produzido para a pesquisa.

As datas de início e fim das edições analisadas estão muito relacionadas ao recorte temporal escolhido para a pesquisa. O *Fermento* teve outras duas fases de publicação, uma na década de 1970 e outra no início dos anos 2000, com contagens de ano e número sempre reiniciadas. Já o *Psiu* teve edições publicadas em sequência aos números analisados até o ano 2005, no entanto não participam deste estudo pelo recorte temporal definido.

Ao longo dos anos em que o *Psiu* e o *Fermento* foram impressos, muitos jovens participaram dos processos de produção e distribuição, muitos outros foram leitores e contribuíram com sugestões e textos. No desenvolvimento da pesquisa, senti a necessidade de ouvir algumas vozes desses sujeitos, não para analisar

aquilo que dizem, mas para compreender o que os textos e os impressos em si mesmos não dizem.

As entrevistas aconteceram como conversas quase informais, cujo objetivo foi rememorar as experiências vividas em relação aos impressos. Foram conduzidas por três eixos centrais e alguns desdobramentos. Os eixos foram:

1º Quais as motivações? – Por que esses impressos eram produzidos e distribuídos? O que motivava os jovens a se envolverem na produção e leitura dos impressos? Quais os objetivos desses impressos?

2º Quem estava envolvido? – Quem se envolvia na produção e distribuição desses impressos? Quem escrevia os textos? Eram apenas jovens? Qual era o papel do adulto/assessor?

3º O que lembra do processo de produção? – Onde imprimiam? Como organizavam o processo? Como era distribuído? De onde vinha o material para produção?

As entrevistas realizadas podem ser caracterizadas, como as define Nadir Zago (2003), como entrevistas compreensivas. Realizei todas pessoalmente assim como fiz a transcrição. Propus os eixos centrais a partir dos quais a entrevista se desenrolava e, conforme seguia a fala dos sujeitos, acrescentando novos questionamentos, com vistas a atingir o objetivo da pesquisa.

Foram entrevistados três sujeitos envolvidos nos processos de escrita dos textos, produção dos impressos e que foram, também, leitores do *Psiu* e do *Fermento*. Suas falas aparecerão no decorrer do texto, identificadas por designações gerais, que atribuí a eles para atender ao pacto de sigilo ético: o assessor, o jovem e o liberado.

Essas denominações decorrem das funções que os entrevistados exerciam, ou o título que lhes era atribuído de acordo com o papel que desempenhavam nas Pastorais da Juventude no período de produção dos impressos. Assessores são todos aqueles adultos, leigos ou religiosos, que acompanham os grupos de jovens e tem como função ajudar na formação dos jovens e no desenvolvimento do grupo. As dioceses e o Estado tinham uma figura chamada Liberado, que nada mais era do que um jovem que recebia uma ajuda de custo simbólica para desenvolver atividades pastorais. Em geral, eram jovens eleitos pelas coordenações diocesanas

e estaduais. Por fim, jovens são todos os membros das Pastorais de Juventude, destinatários e protagonistas da ação pastoral.

O quadro abaixo apresenta as entrevistas que realizei.

Sujeito	Data da entrevista	Local da entrevista	Pontos importantes
Assessor	12.03.2014	Casa onde reside atualmente	- Destaque para o contexto da época; - Caracterização dos jovens militantes das Pastorais da Juventude nas décadas de 1980 e 1990.
Liberado	29.04.2014	Em seu local de trabalho	- Processo de produção dos impressos; - Formas de distribuição e circulação dos impressos entre os jovens.
Jovem	12.05.2014	Em seu gabinete de campanha eleitoral	- Envolvimento dos jovens na escrita dos textos e produção dos impressos; - Sentidos e motivações da participação nesses processos.

Tabela 1 – Descrição das entrevistas

Fonte – Sistematização realizada para a pesquisa.

O assessor entrevistado é sacerdote da congregação dos Jesuítas, atualmente com idade de cerca de 77 anos, reside na cidade de São Leopoldo/RS. Durante o período de produção e circulação dos impressos analisados nesta pesquisa, acompanhava grupos de jovens, primeiramente na região nordeste do país, mudando-se no final da década de 1980 de volta ao Rio Grande do Sul. Trabalhava e residia no Instituto de Pastoral da Juventude, local de constituição do Acervo desta pesquisa.

O liberado entrevistado, atualmente, trabalha em uma revista voltada para o público juvenil, com certo caráter pastoral. Seu envolvimento com os impressos se deu pela função que exercia de liberado da Pastoral da Juventude da Diocese de Novo Hamburgo. Além de participar da produção de um impresso estadual da Pastoral da Juventude, o Vento Novo, teve contato com muitos outros que circulavam no período pela função que exercia de liberado.

O jovem entrevistado, à época dos impressos participava de um grupo de jovens do núcleo Camobi, região periférica da cidade de Santa Maria, RS. Era

membro da coordenação estadual da Pastoral da Juventude Estudantil representando o seu e demais grupos da região de Santa Maria. Participava da produção de um impresso do grupo ao qual pertencia, intitulado Novo Grito, e da equipe que organizava e distribuía o Psiu. Atualmente, com cerca de 40 anos de idade, trabalha na política estadual no Rio Grande do Sul, e teve recentemente cargo no governo do estado.

O contato com os sujeitos entrevistados e a própria realização das entrevistas permitiram ampliar o repertório de informações sobre as práticas de produção, de escrita e de leitura implicadas no Psiu, no Fermento e em muitos outros impressos estudantis de juventude da mesma época. Foi possível entrever o contexto de militância e de trabalho pastoral vivenciado pelos entrevistados.

2.2 O ACERVO DO INSTITUTO DE PASTORAL DA JUVENTUDE

Os impressos sobre os quais desenvolvo a pesquisa encontram-se disponíveis, reunidos e conservados, em um Acervo específico, apesar da identificação ser feita como acervo sob responsabilidade da UNILASALLE⁸. No ano de 2012, optou-se pela reforma e adaptação de um espaço para a alocação adequada desse Acervo. Ficaram guardados junto ao Centro de Assistência Social e Pastoral Juvenil Lassalista, no bairro Niterói, cidade de Canoas/RS.

⁸ UNILASALLE é um centro universitário dos Irmãos Lassalistas, localizada no centro da cidade de Canoas/RS.



Figura 3 – Fachada do Centro de Assistência Social e Pastoral Juvenil Lassalista, Canoas, RS
Fonte – Site da Rede La Salle⁹

Quando do início da pesquisa, era um Acervo, ao mesmo tempo, território familiar e desconhecido, um espaço de vidas, juventudes e militâncias arquivadas em meio a muitos documentos, como atas de reuniões, registros de contas, jornais, revistas, fitas VHS,... Diante das vivências pessoais como jovem militante das Pastorais da Juventude, um espaço familiar, pois narra histórias das Pastorais as quais também participei, embora em outros tempos. Um território completamente desconhecido, com uma lógica de organização por mim ignorada, documentos com os quais nunca tive contato, jovens narradores e narrados que conheço apenas os nomes registrados nos documentos.

O Acervo pesquisado foi constituído por um Instituto que não existe mais, que não tem mais casa, não tem mais projetos, só restam as memórias e o Acervo. É, atualmente, espaço de grande potencial para pesquisas, embora haja um fundo de biblioteca de luzes apagadas. Descrições possíveis, que buscam apresentar as formas como percebo o antigo Banco de Dados do Instituto de Pastoral da Juventude (IPJ)¹⁰. Segundo descrições publicadas,

⁹ <www.lasalle.edu.br> Acesso em 08 de junho de 2014.

¹⁰ O Instituto de Pastoral da Juventude (IPJ) foi criado em janeiro de 1980, com sede em Porto Alegre/RS, localizado em uma casa nos fundos do Colégio Anchieta, dos padres Jesuítas. Constituíam-se em ação intercongregacional de trabalho com a juventude. Dentre as congregações com

O Banco de Dados foi criado como um espaço para arquivar e deixar registradas várias iniciativas das Pastorais de Juventude das dioceses, regionais do Brasil e dos países da América Latina, dos diversos movimentos juvenis e da juventude em geral. “As caixinhas”, como era chamado o Banco de Dados, guardavam as riquezas da caminhada pastoral de muitos lugares latino-americanos: históricos, relatórios de encontros, conclusões de assembléias etc... (PULITA, 2004, p. 32)

Na atual biblioteca do Centro de Assistencial Social e Pastoral Juvenil Lassalista, cujo acervo do IPJ encontra-se conservado, a sala das “caixinhas” adquire, por outro lado, um ar de familiaridade, pois foi constituída como Acervo pelo IPJ, Instituto que frequentei em seus últimos anos de existência, entre 2005 e 2008, em diversas atividades da Pastoral da Juventude. E também por localizar-se fisicamente, hoje, em um espaço que frequento por afetos, pessoas que conheci na minha trajetória pastoral, e opção de, mesmo indiretamente, ainda acompanhar algumas atividades dessas pastorais. Entretanto, de certa maneira, os documentos me eram, de início, completamente desconhecidos. O primeiro contato direto com “as caixinhas” foi exatamente em busca de possíveis materiais de pesquisa.

No ano de 2010, quando o Instituto de Pastoral da Juventude encerrou suas atividades, foi realizado uma espécie de inventário de seus bens. Como fiéis depositários de sua Biblioteca e banco de dados, foram escolhidos os Irmãos das Escolas Cristãs (lassalistas)¹¹. Uma questão a ser respondida é: por que tais materiais ficaram sob guarda dos irmãos lassalistas? Segundo relatos das pessoas que acompanharam o inventário, as demais congregações que demonstraram interesse em tornarem-se fiéis depositárias da antiga Biblioteca e Acervo do IPJ não garantiram que os documentos ficariam reunidos. Apenas os lassalistas comprometeram-se a não desmembrar o material. Houve também uma questão de logística, pois nos últimos dois anos de existência do IPJ, o instituto funcionou tendo

compunham o conselho administrativo do IPJ, figuram algumas bastante importantes no âmbito das escolas privada: Jesuítas, Maristas, Lassalistas, Salesianos, entre outros.

Como iniciativa das diferentes frentes de trabalho com a juventude católica, mas também com o intuito de atender e ser espaço de acolhida para as diferentes juventudes (PULITA, 2004), o IPJ foi referência latino-americana em trabalho com juventudes e realizou atividade de formação, assessoria e pesquisa durante 30 anos, tendo suas atividades encerradas no ano de 2010.

¹¹ O Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, Irmãos Lassalistas, “foi inaugurado por São João Batista de La Salle em 1680 e, desde então, espalhou-se pelo mundo. Atualmente, atuam nas Comunidades Educativas e Assistenciais da Rede La Salle, no Brasil, mais de 200 Irmãos Lassalistas e 3 mil educadores, que acolhem a mais de 60 mil estudantes, em todos os níveis de ensino, em 10 estados e no Distrito Federal” Disponível em: <<http://www.lasalle.edu.br/sobre-a-instituicao/a-rede-la-salle>> Acesso em: 28 de agosto de 2013.

como sede algumas salas do Centro de Pastoral Lassalista, em Canoas, daí porque o material já se encontrava no local onde está atualmente, mesmo que mal acondicionado e sem as condições adequadas.

Estou implicada e envolvida nessa pesquisa por motivos que transcendem o ato de pesquisar. O interesse pelo campo teórico decorreu das experiências vividas na formação acadêmica, como o interesse pelo objeto e a abordagem a ser feita a partir dele, que decorreu das vivências pessoais como militante das Pastorais da Juventude. Apesar de ter circulado pelo IPJ, apenas tinha breve notícia da Biblioteca e do Acervo. Minha ligação afetiva relaciona-se com a história do Instituto, com as pessoas que animavam os projetos de formação e de acompanhamento aos jovens do instituto. Concordo com Renato Janine Ribeiro (1999) quando aponta as razões que motivam o pesquisador.

Não vejo razão, para alguém fazer uma pesquisa de verdade, que não seja o amor a pensar, a *libido* de conhecer. E, se é de amor ou desejo que se trata, deve gerar tudo o que o amor intenso suscita, de tremedeira até suor nas mãos, O equivalente disso na área de pesquisa é muito simples: o susto, o pavor diante da novidade. Mas um pavor que desperte a vontade de inovar, em vez de levar o estudante a procurar terra firme, terreno conhecido. (p. 190)

Falar do IPJ, mesmo que indiretamente, significa falar do desejo, no sentido proposto por Ribeiro (1999). Ao mesmo tempo, falar do Acervo do IPJ é desafiador, é caminhar por terreno desconhecido, um mundo a descobrir dentro de pequenas caixas de arquivo, como mencionei antes.

Atualmente, o Acervo de documentos está todo abrigado numa sala ao fundo da biblioteca do Centro de Assistência Social e Pastoral Lassalista, em espaço que foi especialmente reformado para abrigá-lo. Na sala do Acervo estão dispostas sete estantes com sete prateleiras cada, repletas de mais de uma centena de caixas de arquivo, além de uma estante de fitas VHS e algumas caixas grandes, com variados materiais, depositados aleatoriamente em um espaço “sobrante”.



Figura 4 - Parte do Acervo do IPJ
Fonte – Acervo pessoal

Na primeira visita que fiz ao Acervo procurei me familiarizar, ler as identificações das caixas, abrir algumas e ter contato com o material existente. Realizei, então, uma espécie de levantamento de títulos de impressos estudantis no formato de periódico (jornais). De acordo com as pistas metodológicas que Arlette Farge apresenta, esse primeiro movimento acontece

[...] bem devagar com manipulações quase banais sobre as quais, no fim das contas, é raro refletir. Entretanto, ao realizá-las, fabrica-se um objeto novo, constitui-se uma outra forma de saber, escreve-se um novo 'arquivo'(FARGE, 2009, p. 64).

Em sucessivas visitas comecei a entender a lógica de distribuição dos documentos nas caixinhas, suas identificações e então os achados aconteceram.

Havia algumas séries de impressos no formato de periódicos. Anotei nomes, li algumas páginas, ordenei-os por data de publicação em seus conjuntos e os conjuntos coloquei lado a lado. Sentada no chão da salinha ao fundo da biblioteca, fui me deixando conduzir pelos documentos impressos que garimpei nas estantes e caixas.

Deixei-me impregnar pelos impressos, pelos jovens que se narram e narram a sociedade na qual vivem, perceber aquilo que, sem tal imersão não era visível. Como afirma Farge (2009), essa imersão assemelha-se à adaptação dos olhos à escuridão de uma floresta sem clareira, depois de algum tempo sem visão, passa a identificar as formas antes indistintas (FARGE, 2009). Trata-se do tempo necessário à pesquisa, o contato com os impressos, idas e vindas, novos olhares lançados, organizá-los de uma forma, de outra e então reorganizá-los. Consistiu também em fotografar cada página e constituir meu arquivo pessoal para consultas posteriores; criar tabelas, interrogar as continuidades, as rupturas, elaborar quadros e descrições, eleger categorias. Após uma certa familiaridade do olhar, lançar-se à identificação das formas, daquilo que está dito e das faltas, o não dito.

Farge (2009) apresenta outra metáfora que parece conveniente para pensar o conjunto dos documentos de um arquivo. A autora relaciona o arquivo a um sistema métrico, sendo assim “[...] cria o paradoxo: disposto ao longo das prateleiras, medido em metros de fita como nossas estradas, ele [o arquivo] parece infinito, talvez até indecifrável. Seria possível ler uma estrada, ainda que ela fosse de papel?” (FARGE, p. 12). Mesmo que a grandiosidade nem se compare aos arquivos judiciais da França do século XVI, pesquisados por Farge, seria possível ler todo o Acervo do IPJ? Mesmo para os maiores conhecedores da história do Instituto e das Pastorais de Juventude, ainda assim acredito que não seria possível. Há muitas memórias ali implicadas, os documentos foram guardados por variadas motivações, há uma diversidade de documentos que em algum momento foram considerados importantes ou dignos de serem preservados em um Acervo. Houve muitas mãos que o compuseram ao longo do tempo. Por mais atento que seja o olhar do pesquisador, não consegue apreender tudo que está indiciado nestes documentos.

São muitos documentos que integram o Acervo do IPJ, alguns tantos deles de impressos no formato periódico. Destes, selecionei aproximadamente quinze

títulos¹² diferentes. Optei por dedicar uma maior atenção a dois conjuntos: Psiu e Fermento. Alguns aspectos influenciaram esta escolha: primeiramente, o número de edições disponíveis, pois era preciso ter uma amostra significativa. Outro aspecto referiu-se ao período de circulação, olhando para o que estava disponível, escolhi aqueles que circularam entre as décadas de 80 e 90 do século XX, pela maior abundância de edições. Por fim, fiz uma opção por âmbitos de circulação que caracterizam ao mesmo tempo uma homogeneidade e uma heterogeneidade. Ambos circularam em espaços comuns, porém um de distribuição estadual e outro de distribuição regional – Rio Grande do Sul e Grande Porto Alegre, respectivamente.

A escolha de alguns, entre muitos impressos do Acervo, foi importante no processo de construção do objeto de estudo, pois essa escolha implicou determinada aproximação mais detida com práticas empreendidas no passado. Segundo Pesavento, tal escolha

implica ir ao encontro das representações antigas, recuperando os registros do passado na sua irreduzível especificidade, quando os homens falavam, agiam e construíam representações do mundo estranhas aos nossos códigos e valores. É nessa medida que o trabalho da História é sempre dar a ver um *Outro*, resgatando uma diferença. (PESAVENTO, 2005, p. 59)

Na busca de narrar esse outro, que no caso deste estudo não é tão distante assim no tempo e nas práticas, daí porque ainda assim propõe uma aproximação a um tempo passado, ao não-vivido, escolhi como objeto de pesquisa para compor este trabalho os periódicos estudantis.

O Psiu e o Fermento circularam pelas escolas sem, no entanto, serem práticas instituídas, tuteladas ou legitimadas pelas instituições escolares. De acordo com Núbio Mafra (2003), esta condição de estar à revelia da escola, não significa que esta circulação não aconteça, mesmo que de forma quase invisível ou marginal pelas salas de aula e espaços escolares. Os impressos Psiu e Fermento, analisados neste estudo foram, em muitos momentos, apoiados e agenciados pelas instituições escolares católicas, sem, no entanto, serem práticas curriculares ou escolares, ou até mesmo valorizadas pelos professores em sala de aula. Não são práticas

¹² Cito aqui alguns dos títulos de outros impressos localizados no Acervo do IPJ: Fazendo História, Novo Grito, Gandhidéia, PJ a caminho, O judinho, Vento Novo, Metamorfose.

demandadas pela escola, são práticas próprias dos grupos de estudantes, por suas iniciativas de intervenção no mundo e de circulação sociocultural.

Segundo o historiador francês Roger Chartier (2004) “todas as formas e práticas nas quais os historiadores julgaram detectar a cultura do povo, na sua radical originalidade, aparecem como ligando elementos diversos, compósitos, misturados” (p. 9). Parece-me não ser diferente em se tratando dos impressos estudantis que busquei conhecer e compreender com este estudo, sobretudo suas práticas de leitura e escrita e os rastros das culturas juvenis e da cultura escolar daquele tempo que estão contidos em suas páginas. Tais impressos são compósitos porque constituídos de elementos diversos das culturas juvenis, das práticas pastorais, das experiências vividas pelos jovens em diversos contextos socioculturais, de suas variadas leituras, de seus posicionamentos político-religiosos.

As organizações juvenis vinculadas à Igreja Católica representaram, nos anos 1980 a 1990, um espaço significativo de formação e sociabilidades dos jovens. Possibilitavam diferentes experiências e aprendizados acerca de temáticas pouco abordadas em outros espaços, como a política e a análise de conjuntura. Num período imediatamente posterior à ditadura militar no Brasil e mesmo de redemocratização do país, os debates políticos e a crítica social se desenvolviam fortemente, por vezes encobertas pela identidade eclesial. Nos impressos aqui examinados, há repercussões destes movimentos.

3 PRÁTICAS DE PRODUÇÃO DOS IMPRESSOS



O impresso é um texto dirigido intencionalmente ao público. É organizado para ser lido e compreendido por um grande número de pessoas; busca divulgar e criar um pensamento, modificar um estado de coisas a partir de uma história ou de uma reflexão.
(FARGE, 2009, p. 13)

Arlette Farge (2009) refere-se a três dimensões de compreensão dos impressos: a intencionalidade dos textos, as formas pelas quais eles são organizados para serem compreendidos e o objetivo de provocar mudanças de pensamento e de realidade. Nas páginas que seguem, as análises do Psiu e do Fermento direcionam-se nesse sentido. Primeiramente me aproximo do suporte impresso por meio de uma descrição minuciosa dos conjuntos, sua materialidade e textos veiculados. Na seqüência, busco compreender as intencionalidades e motivações que levaram os jovens a escrever os textos e produzir os impressos, bem como os mecanismos que utilizavam para garantir a compreensão correta dos textos pelo maior número de jovens possível.

Sob inspiração da História Cultural, variados artefatos que circulavam na escola e em seu entorno tem sido considerados documentos históricos por excelência para estudos de História da Educação, dentre os quais sobressaem alguns exemplos: cadernos (MIGNOT, 2008); revistas para professores (CATANI e BASTOS, 1997); revistas de grêmios estudantis (FRAGA, 2012); manuais para formação de professoras (MONTEIRO, 2012); diários (CUNHA, 2007); cartas (GASTAUD, 2009); etc.

Dentre as possibilidades e objetos de pesquisa ainda pouco considerados ou mesmo que permaneceram na invisibilidade e que passaram a ser tomados como objetos de estudo, aqui manifesta-se o interesse em contribuir com os estudos da

história da cultura escrita focalizando, em particular, impressos ligados às práticas de leitura e escrita de jovens estudantes. Quanto aos periódicos produzidos por jovens alunos, ou melhor, quanto à imprensa estudantil, Maria Helena Bastos afirma

Os impressos de alunos, em diferentes níveis de ensino, são documentos importantes para analisar a cultura escolar e suas práticas. Na historiografia da história da Educação no Brasil encontram-se vários estudos com impressos escolares ou impressos estudantis, mas são poucas as pesquisas que privilegiam aqueles produzidos por alunos, de diferentes níveis de ensino - ensino primário, ensino médio e ensino superior - que decorre da sua pouca conservação, pois muitos deles foram manuscritos. (2013, p. 9)

A imprensa estudantil constitui-se assim, como um âmbito de produção de impressos, em diferentes épocas, contextos institucionais e por diferentes sujeitos, com variadas intencionalidades. Vale reforçar que o estudo empreendido objetiva contribuir com a História da Educação a partir desse recorte da imprensa estudantil. Assim, imprensa estudantil caracteriza a forma e conteúdo dos impressos analisados, mas também a categoria utilizada para classificá-los dentre os muitos impressos circulantes no âmbito da imprensa de Educação.

O primeiro objetivo desta pesquisa consiste em investigar as práticas de produção que estiveram implicadas nos impressos Psiu e Fermento, por meio do mapeamento de referências presentes nos textos dos impressos e de algumas entrevistas com sujeitos que estiveram envolvidos nessa produção. É, portanto, fundamental o alerta de que há uma diferença importante entre a produção de textos e a produção de impressos (CHARTIER, 2011b). Mesmo no caso dos impressos deste estudo em que os sujeitos coincidem nas práticas de escrita, de produção e de leitura, tais práticas constituem-se como processos distintos.

A seguir, dedico especial atenção às estratégias tipográficas empregadas para a produção desses impressos e à descrição das materialidades que conferem legibilidade aos textos, além de abordar as motivações que levaram ao empenho em produzir o Psiu e o Fermento.

3.1 O ESPAÇO VISUAL DAS PÁGINAS

Para compreender os significados atribuídos aos textos pelos seus leitores, Chartier ressalta que é preciso estar atento às “formas que permitem sua leitura, sua audição ou sua visão” (2002, p. 62), pois, segundo o autor, estas participam da construção de seus significados. Desse modo, considerar as materialidades do impresso é fundamental em qualquer estudo que pretenda a compreensão das práticas de produção, circulação e os sentidos diversos atribuídos aos textos impressos por seus leitores.

O “espaço visual da página” (CHARTIER, 1999, p. 47) nos impressos Psiu e Fermento foi construído a partir de combinações intencionais, ou não, mas que compunham a identidade visual desses impressos, assim como de muitos outros similares naquele contexto. A combinação de textos de crítica social, charges, imagens, citações bíblicas, músicas, inscritas de maneira quase artesanal no suporte impresso caracterizam um tipo específico de impresso, fruto de uma época e um modelo de ação pastoral. As pastorais com um engajamento político e social, mas com poucos recursos financeiros e sem profissionais com formação para a produção de impressos levaram a essas construções.

Procedo, então, a uma descrição da materialidade de cada impresso e algumas questões mais gerais relacionadas às temáticas. Faço isso movida pela inspiração em outros estudos, como de FRAGA (2012), ALMEIDA (2012, 2013) e LUCA (2008), dentre outros. As estratégias utilizadas na produção dos impressos têm uma intencionalidade que visa chegar ao leitor, auxiliar na construção de significações e de determinadas apropriações por parte do leitor, sobre o texto lido.

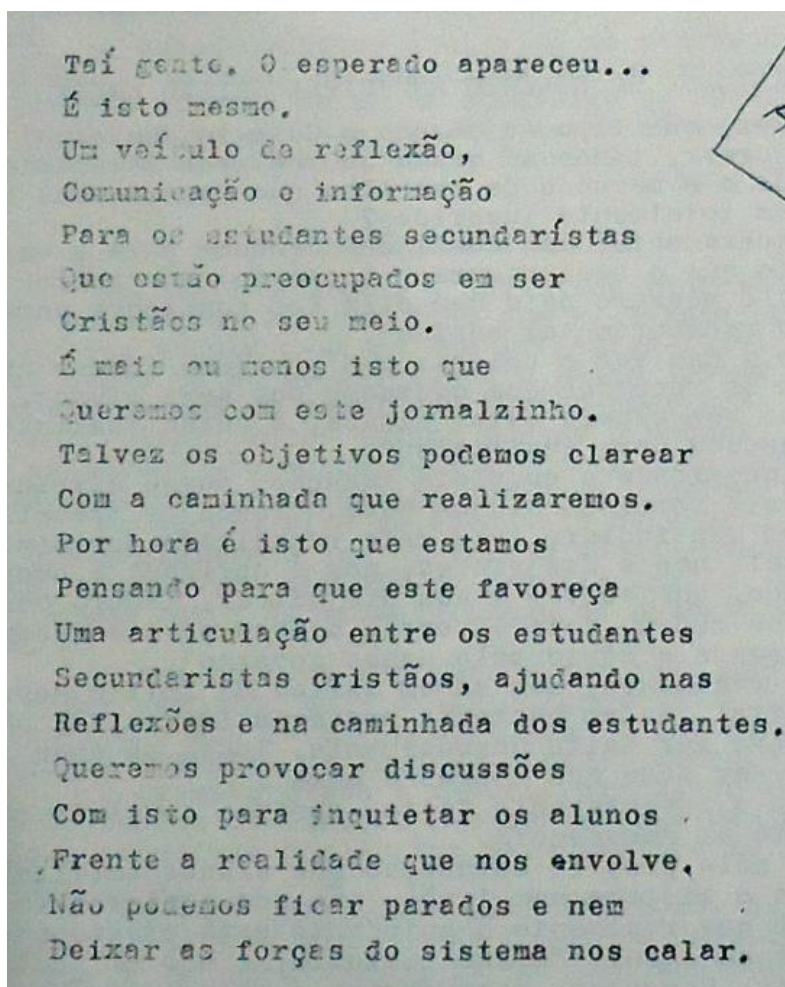
A descrição do Psiu e do Fermento, que consta nos subtítulos a seguir, está organizada da seguinte forma: uma apresentação geral do impresso, tabela e análise da periodicidade, número de páginas, tamanho, estrutura física (tipo de impressão, capa, sumário), colunas fixas, tipos de textos.

3.1.1 Psiu: jornal de divulgação e informação da PJE-RS

O primeiro conjunto que compõe o corpus desta pesquisa constitui-se de 31 edições do impresso estudantil *Psiu*, publicadas entre março de 1984 e outubro de 1999. Pela numeração das edições é possível afirmar que no período compreendido neste estudo, foram publicados ao menos 38 números, dos quais apenas 31 compõem o corpus examinado. Estão disponíveis dentre os materiais e documentos no Acervo consultado, enquanto os demais não foram localizados.

O Psiu constitui uma publicação da Pastoral da Juventude Estudantil (PJE) em seu âmbito de coordenação estadual. Isso significa um grupo de jovens representativo das diferentes regiões do Rio Grande do Sul onde havia grupos da PJE, que reuniam-se, em geral, com a periodicidade bimestral e o intuito de pensar e articular ações que qualificassem o trabalho pastoral com a juventude. Dentre as ações pensadas e executadas por essa coordenação estão as de comunicação e formação, nas quais o Psiu se inscreve.

No editorial da edição de número 1 (Figura 5) o Psiu foi apresentado como “um veículo de reflexão, comunicação e informação para os estudantes secundaristas que estão preocupados em ser cristãos no seu meio” (PSIU, nº 1, p. 1, mar./1984). Na figura a seguir, de número 5, o fac-símile do texto completo do editorial, onde também são apresentados alguns objetivos do impresso e um convite à mobilização dos jovens: “Não podemos ficar calados, nem deixar as forças do sistema nos calar” (PSIU, nº 1, p. 1, mar./1984).



Tal gente. O esperado apareceu...
 É isto mesmo.
 Um veículo de reflexão,
 Comunicação e informação
 Para os estudantes secundaristas
 Que estão preocupados em ser
 Cristãos no seu meio.
 É mais ou menos isto que
 Queremos com este jornalzinho.
 Talvez os objetivos podemos clarear
 Com a caminhada que realizaremos.
 Por hora é isto que estamos
 Pensando para que este favoreça
 Uma articulação entre os estudantes
 Secundaristas cristãos, ajudando nas
 Reflexões e na caminhada dos estudantes.
 Queremos provocar discussões
 Com isto para inquietar os alunos
 Frente a realidade que nos envolve,
 Não podemos ficar parados e nem
 Deixar as forças do sistema nos calar.

Figura 5 – Recorte da página 1 da edição nº 1 do Psiu
Fonte – Acervo do IPJ

Esse editorial utiliza um conceito que parece ser bastante amplo, mas é central no contexto desses impressos e da pastoral, a expressão “caminhada” (PSIU, nº 1, p. 1, mar./1984). A ideia de estar constantemente agindo frente à realidade social, de construir um processo de pastoral traduz a idéia de caminhada dos jovens e dos grupos juvenis.

A tabela abaixo apresenta as edições localizadas, o ano de sua publicação e o número de páginas de cada edição. A numeração das edições e suas datas de publicação constam na capa de cada exemplar. A paginação está presente em muitas edições, naquelas em que não está registrada fiz a contagem.

PSIU		
EDIÇÕES LOCALIZADAS		
EDIÇÃO	MÊS/ANO	NÚMERO DE PÁGINAS
01	Mar./1984	4
02	Mai./1984	6
03	Jul./1984	6
04	Out.Nov./1984	14
05	Mar.Abr./1985	15
06	Mai.Jun./1985	10
07	1ºsem./1988	10
09	Nov./1989	10
10	Mai./1990	10
11	1991	6
12	Out./1991	6
13	Jun./1992	10
14	Out./1992	10
15	Dez./1992	10
16	Jun./1993	10
17	Ago./1993	10
18	1993	10
19	Jan./1994	16
20	Abr./1994	10
21	Jul./1994	6
23	Mar.Abr./1995	4
24	Jun.Jul./1995	4
25	Ago.Set./1995	4
26	Nov.Dez./1995	4
27	Mar.Abr./1996	4
28	Jun.Jul./1996	4
31	Mar./1997	6
32	Abr.Mai./1997	6
35	Jun.Jul./1998	8
37	Jul./1999	8
38	Set.Out./1999	8

Tabela 2 - Edições localizadas do impresso Psu
Fonte – Levantamento realizado para a pesquisa

As edições desse impresso não se encerram na de número 38, ele continua a ser produzido por mais alguns anos, tem sua produção interrompida e depois retomada por mais algum tempo. No entanto, estas edições posteriores não estão no escopo da pesquisa por apresentarem características mais institucionalizadas pelas congregações e por sua publicação ter sido posterior ao recorte temporal escolhido, décadas de 1980 e 1990, quando este tipo de impresso era mais abundante.

Os intervalos entre as edições são variáveis. Tendo como mínimo intervalo dois meses, chegou a circular com intervalo de até dois anos. Possivelmente, os longos intervalos se devam às frequentes mudanças de local de impressão, sem uma garantia quanto ao apoio para sua distribuição. Outra possível causa de longos períodos sem publicação é a transição entre equipes de coordenação da PJE, problemas com o subsídio financeiro e a própria dificuldade dos jovens em elaborarem e organizarem o impresso.

Como é possível observar acima, não há regularidade no número de páginas das edições. Sete de suas edições conta com apenas quatro páginas, chegando ao número máximo de dezesseis páginas em uma das edições. Psiu apresenta, também, durante seu período de existência, uma grande variação quanto à materialidade do impresso. A fórmula editorial muda em diferentes períodos. Alguns desses períodos possuem características editoriais semelhantes, possíveis de ser descritas como fases de produção.

Identifiquei, a partir das características tipográficas, três principais agrupamentos semelhantes, que podem ser chamados de fases. A primeira fase vai da primeira à terceira edição e foi a mais artesanal, com duas ou três folhas, tamanho de ofício (A4), grampeadas em sentido vertical. A segunda, entre as edições de número 4 a 21, tinha um formato e recursos tipográficos bastante semelhantes aos outros conjuntos de impressos estudantis que localizei no acervo. Algumas folhas de ofício (A4) dobradas ao meio, com estilos de capa que perduram por mais de uma edição e um número maior de páginas. Por fim, a terceira fase do Psiu já não apresenta mais traços da produção artesanal. A partir da edição de número 22 ele conserva a identidade dos textos, mas muda a identidade visual para um boletim com patrocinadores, impresso em uma gráfica e não mais mimeografado.

No que se refere ao tamanho dos exemplares, o Psiu é o impresso que mais apresenta variações entre as edições localizadas para esta pesquisa. Inicialmente, tem um formato de três ou quatro folhas de ofício (A4) grampeadas, no sentido vertical. Na quarta edição, toma uma forma semelhante a do outro impresso, ou seja, folhas dobradas ao meio, formando um caderno grampeado. Esse formato é o que por mais tempo caracterizou o Psiu. Seu tamanho é de aproximadamente 22 cm de altura e 16 cm de largura. Apesar de algumas pequenas variações, possivelmente relacionadas a disponibilidade de papel de acordo com o local de impressão.

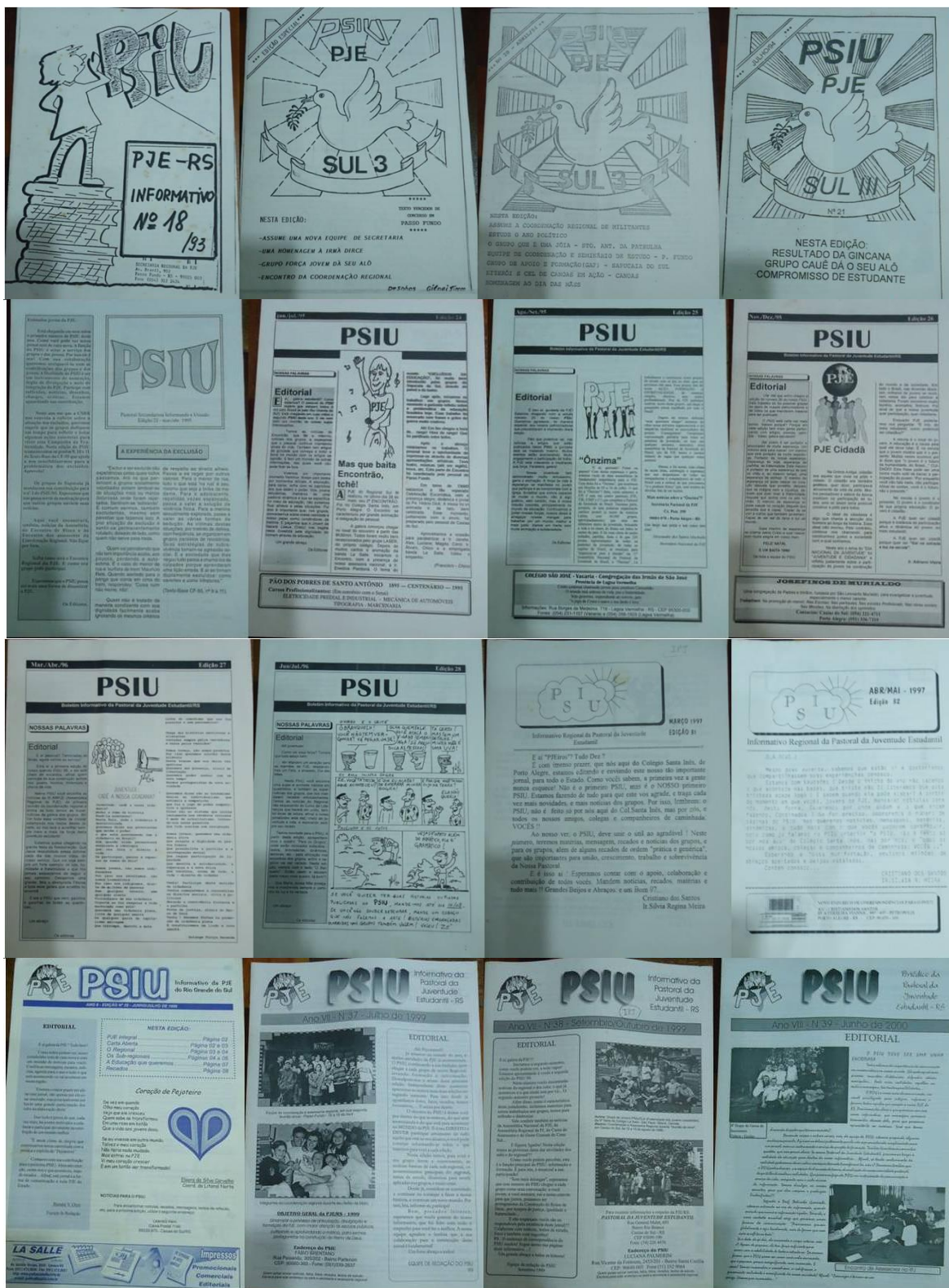


Figura 6 – Montagem com as capas das edições localizadas do Psiu em ordem cronológica de publicação
 Fonte – Acervo do IPJ

Na figura 6, pode-se ver a compilação das capas de todas as edições localizadas, nas quais ficam mais evidenciadas as características tipográficas.

Apenas uma edição apresenta-se em cor azul, e todas as demais com tinta preta em papel branco. A imagem de capa que representa um jovem sobre livros gritando, que se repete da edição de número 9 até a 18 tem muito a ver com o objetivo ao qual o impresso se propõe e a identidade que tem.

A maior parte das edições mescla em suas páginas textos e imagens. Dentre os textos, muitos são citações e transcrições de artigos e textos de jornais e livros, em outros são produzidos por jovens que desejam, ou são convidados a contribuir com a publicação. No capítulo 4 apresento uma análise minuciosa dos textos veiculados, principalmente aqueles que são citados de outros impressos, pelo Psiu e pelo Fermento.

No que tange às temáticas, o Psiu intercala notícias e textos formativos ligados à linha pastoral e às vivências de grupo, além de textos de análise de conjuntura, crítica social e formação política. Os exemplares apresentam textos e estruturas que deixam clara a compreensão do jovem estudante como sujeito de transformação social, daí que busquem instrumentalizá-lo com discursos e conteúdos que ajudem no processo de sua conscientização e engajamento.

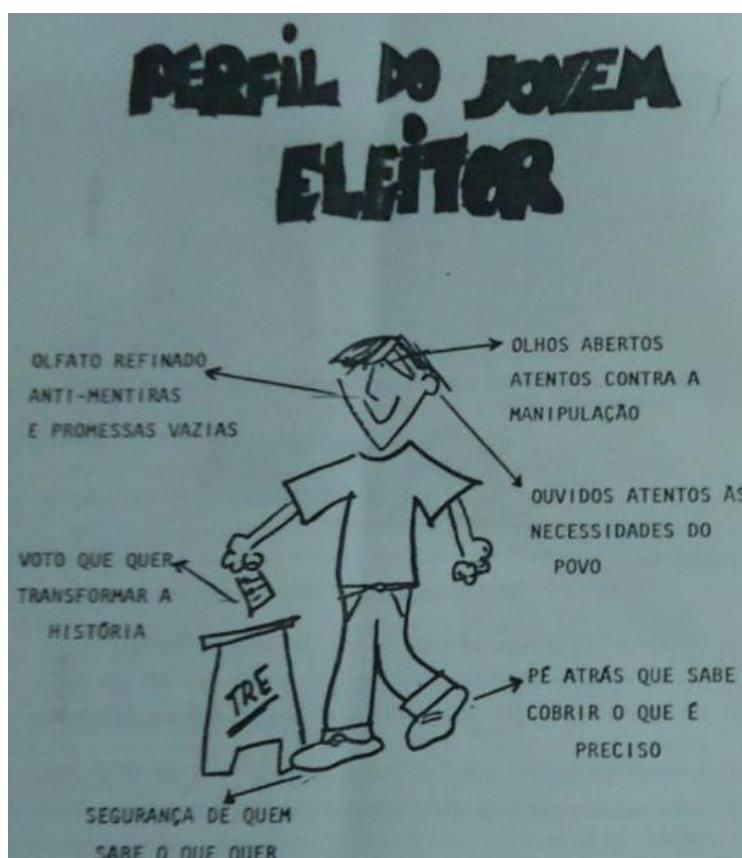


Figura 7 – Página 7 da edição de número 14
Fonte – Acervo do IPJ

Como no exemplo da figura 7, onde são apresentadas características importantes para o jovem eleitor, todo o tempo o jovem é autor, organizador, “editor”, leitor e temática central do Psiu. Nos textos e páginas do impresso prolifera a compreensão de que o jovem é o sujeito da transformação social.

O mesmo aparece na contracapa da edição número 4 do Psiu (figura 8), onde a temática principal era o ano de 1985, decretado pela Organização das Nações Unidas (ONU), como o Ano Internacional da Juventude (AIJ). O espaço visual da página foi composto com o título em tamanho grande no topo da página, “Atenção: 1985”; acompanhado de imagens e frases que tratam do AIJ, como um anúncio. Ao final fica evidenciado o pensamento do jovem como agente de transformação com o convite “Vá também transforme o mundo”.

ATENÇÃO: 1985

Está chegando o
ANO INTERNACIONAL DA JUVENTUDE

PROGRAMAÇÃO
JAN 6
Caminhada de abertura do A.I.J.

LOCAL
Esteio - Sapucaia

OMN SO CARA / O ENQUADRA / DE MONTE / ACABOU / COM AQUE / TRÊS / CANDIDOS

SAUINDO JADA / A MAIORIA É CARA / DE 15 17 ANOS / PODE MARRAVALIAR / SEM EMPREGO / SEM ACABA ARRABO / UMA BESTEIRA / AI EN NA CADERA / E FICA MARIADO

MAE DUA ABU / TA RECREIO AO / JORNAL. SÓ / CANDIDOS

É POR ACREDITA / EM TUDO QUE / JORNAL, RADIO / E TELEVISÃO / DIZEM ?

OS DADOS / DA EMPRESA / FALAM SO / O QUE / INTERESSA / PARA ELAS

POE EU / ACREDITO / AO JORNAL

AN É CLARO / E AN CEGONHA / NA NULA / SEM / CABEÇA / AO SACI / AO PAPE / MOEL / TAMBO / NE ?

INFORMAÇÕES SOBRE O A.I.J.
Instituto de Pastoral de Juventude
Rua Luiz Manoel Gonzaga, 744
Cx. P. , 358 - FONE: (0512)-34-8009
90.000 - PORTO ALEGRE - RS

Vá também

Transforme o mundo

Figura 8 – Contracapa da edição de número 4 do Psiu
Fonte – Acervo do IPJ

Assim como as referências à juventude e ao potencial transformador do jovem, outras temáticas compõem com certa frequência no Psiu, dentre elas os textos que abordam questões sobre escola e educação. A presença dessa temática justifica-se e é coerente com a identidade dos jovens que produzem o Psiu, os estudantes. Na tabela 3, apresento uma sistematização com onze textos, charges ou citações vinculadas à escola, à educação e ao contexto escolar.

Referências a Escola no Psiu			
Edição	Ano	Página	Citação
1	Mar./1984	1	O editorial fala dos objetivos do impresso e se dirige sempre ao público leitor como <i>estudantes</i> ou <i>alunos</i> .
		2	Texto intitulado “Situação do Ensino” e assinado pela União Caxiense de Estudantes Secundaristas, faz uma crítica ao pouco investimento público na educação e a crescente oferta de ensino privado – a que chamam de <i>privatização da educação</i> .
		3	Reportagem extraída da Revista Veja (sem referência de data ou autor) intitulada “Escola pública separa ricos de pobres”.
2	Maio/1984	Capa (1)	Manchetes: “A escola, ópio da juventude?”
		2	Texto produzido pelos jovens Elenita e Robert (Colégio Estadual Emilio Meyer e Colégio Dom Bosco), intitulado “Escola, espelho da hierarquia social e militar”. Apresenta a realidade da escola como espaço de submissão dos alunos, propondo uma mudança de comportamento por parte destes com vistas à <i>elaboração de uma sociedade nova</i> .
4	Out. Nov./1984	7 e 8	Texto intitulado “A escola”, extraído do livro “A vida na escola e a escola da vida” ¹³ . Aponta problemas da educação brasileira que não garante o acesso e permanência na escola pelos 8 anos da educação básica, como previsto em lei.
11	1991	4	Anúncio das eleições para diretores das escolas estaduais.
12	Out./1991	2	Texto intitulado “Diretor de escola...eleições???” que denuncia a tentativa do governador do estado de tornar inconstitucional as eleições para diretor nas escolas estaduais.
13	Jun./1992	5	Reportagem do Jornal Diário da Manhã (15/10/1991) que relata a experiência da Escola Aberta em Passo Fundo, intitula-se “Escola Aberta: uma nova escola”
		7	Charge sobre a escola como lugar de homogeneização
35	Jun. Jul./1998	7	Texto intitulado “Educação”, escrito pela jovem Lidiane Barazzetti

Tabela 3 – Referências à temática Escola no Psiu

Fonte – Levantamento realizado para a pesquisa

¹³ CECCON, Claudio; OLIVEIRA, Claudio; OLIVEIRA, Rosiska. **A vida na escola e a escola da vida**. Petrópolis: Editora Vozes, 1982.

Os textos veiculados pelo Psiu que tematizam a escola, o fazem sempre com o intuito de conscientizar os jovens sobre uma realidade de desigualdade ou se injustiça. Nesse momento histórico, há uma forte inserção da PJE nas escolas públicas e nas lutas por acesso e qualidade na educação básica oferecida pelos governos. Também encontrei alguns casos em que a própria instituição escolar foi alvo de críticas por sua estrutura e funcionamento. É o caso da charge em que a sala de aula é representada como uma forma onde todos devem se encaixar, buscando uma uniformização¹⁴ (figura 9).

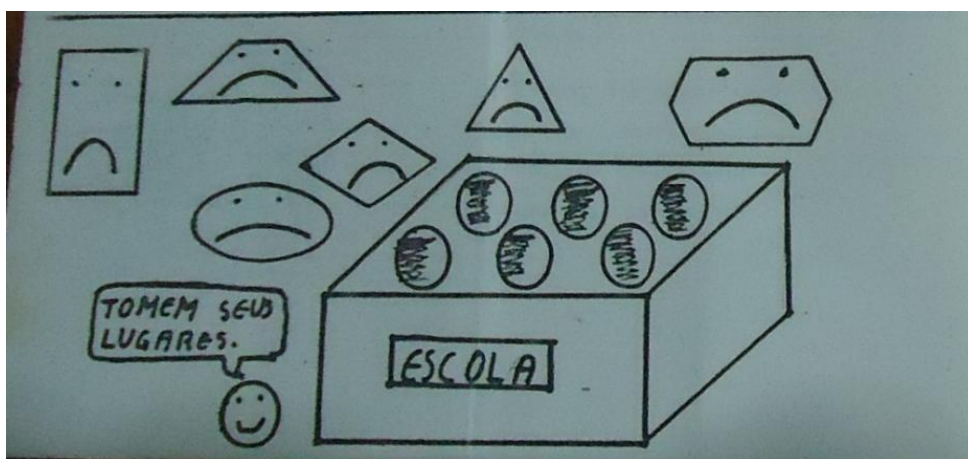


Figura 9 – Recorte da página 7 da edição de número 13 do Psiu
Fonte – Acervo do IPJ

A identidade de jovens estudantes daqueles que produziam o Psiu fica evidenciada nas páginas do impresso. Comparecem nos textos, imagens, citações o compromisso que acreditavam e assumiam publicamente nos movimentos que almejavam a "transformação da realidade", a formação de outros jovens, a denúncia das situações de desigualdade econômica e social.

3.1.2 Fermento: Informativo da Pastoral da Juventude da Arquidiocese de Porto Alegre

O conjunto de exemplares do impresso Fermento compreende 19 números, 2 cartas e 3 edições especiais que foram localizados no Acervo consultado. Esse

¹⁴ Imagem inspirada no livro de Paulo Freire e Claudio Ceccon (1980), intitulado "Cuidado, escola!".

conjunto diz respeito à segunda fase de publicação do impresso, do qual localizei edições distribuídas em três momentos diferentes de produção, com formatos diferentes e reiniciando a contagem das edições.

As edições do Fermento aqui examinadas também integram o Acervo do IPJ, que possui, ainda, os exemplares das outras duas fases de edição do Fermento. A primeira foi produzida entre 1973 a 1977, com 26 edições disponíveis, sendo que a última edição dessa fase disponível é a de número 29. A terceira fase é mais recente e data de 2000 a 2003, com poucas edições. O que diferencia essa última fase é a materialidade, ela é impressa em papel jornal, num formato que em uma primeira observação já classificamos como se tratando de um jornal, semelhante ao formato jornal que conhecemos hoje.

No período examinado, o impresso era produzido e visava atingir o público de jovens da Arquidiocese de Porto Alegre, e a responsabilidade de sua organização, manutenção e distribuição estava a cargo da Coordenação Arquidiocesana de Jovens da Pastoral da Juventude.

A Pastoral da Juventude (PJ), assim como a Pastoral da Juventude Estudantil, é uma organização da Igreja Católica para o trabalho com juventude, como indiquei anteriormente. Ela articula grupos juvenis inseridos em comunidades paroquiais, tendo como público jovens e adolescentes, em sua maioria, estudantes secundaristas ou do ensino médio.

A Coordenação da Pastoral da Juventude é composta por jovens representantes dos grupos organizados nas paróquias, meio específico de trabalho da Pastoral da Juventude. Esses representantes desempenham funções ligadas ao suprimento das necessidades dos grupos para se organizarem, como: encontros formativos, materiais informativos, subsídios, tais como o Fermento.

A numeração das edições localizadas começa no número 1 e vai até o número 19, sem faltar nenhuma edição nesse intervalo. Essa numeração foi atribuída quando da produção do impresso e consta, em geral, na capa. Os outros cinco exemplares localizados são: duas cartas (identificadas como “C1” e “C2” na tabela 4) intituladas “Fermentando”, e três edições especiais (identificadas como “EE1”, “EE2” e “EE3” na tabela 4). As edições especiais pautaram temáticas específicas como: as eleições, o Dia Nacional da Juventude (DNJ) e a 3ª Assembléia da Pastoral da Juventude.

FERMENTO		
EDIÇÕES LOCALIZADAS (2ª fase)		
EDIÇÃO	MÊS/ANO	NÚMERO DE PÁGINAS
01	1982	8
02	Ago./1982	14
03	Out./1982	14
04	Mar./1983	14
05	Jun./1983	14
06	Nov./1983	18
07	Out./1984	2
08	Jan./1985	8
09	Set./1985	12
10	Nov./1985	12
11	Jul.Ago./1986	16
12	Set.Out./1986	8
13	Maió.Jun./1987	12
14	Jul.Ago./1987	16
15	Set.Out./1987	12
16	Jun.Jul./1988	16
17	Set.Out./1988	26
18	Mar.Abr./1989	20
19	Maió.Jun./1989	32
C1	Agosto(s/ano)	4
C2	Setembro(s/ano)	4
EE1	1987	8
EE2	Out./1989	3
EE3	S/d – 1989 (indícios)	24

Tabela 4 - Edições localizadas do impresso Fermento.

Fonte – Levantamento realizado para a pesquisa.

A periodicidade das edições do Fermento variou muito ao longo dos oito anos em que circulou, sendo publicado com um intervalo mínimo de dois meses até a publicação de um único número no ano de 1984, lançado em outubro. Em alguns editoriais, o Departamento de Comunicação justifica os longos períodos entre uma publicação e outra, como a dificuldade em produzir o impresso, a falta de tempo, de recursos financeiros e até de participação dos grupos de jovens no envio de material, textos e notícias.

As 19 edições do Fermento que circularam entre 1982 e junho de 1989 apresentam características de conteúdo e tipográficas que coincidem bastante com a do outro conjunto, o Psiu. Quanto às edições analisadas, integrantes da segunda

fase de publicação, não há indicações de que a edição de número 19 tenha sido a última. No entanto, não foi localizado nenhum número posterior a esse na seqüência de edições.

Os impressos adicionais que integram o conjunto Fermento – Cartas (C1, C2) e Edições Especiais (EE1, EE2 e EE3) – podem ser pensados como suplementos portadores de textos que por algum motivo não foram apresentados ou considerados como adequados ou possível de serem contemplados nas edições regulares.

O tamanho e formato do suporte do Fermento foi bastante regular, à exceção da edição de número 7 e da Edição Especial 2. Todas as demais edições eram compostas por folhas de ofício (A4) no sentido horizontal, dobradas ao meio, formando uma espécie de caderno. A impressão em tinta preta feita em folhas brancas só variou na edição de número 12, onde a tinta utilizada foi de cor azul e a Edição Especial 2 que é um tom rosa avermelhado. Acredito que a cor desta EE2 possa ter sido preta ou azul, mas o exemplar conservado no Acervo do IPJ foi a matriz do mimeógrafo, o que conferiu uma especificidade na cor.

fermento

Um jornal feito por nós

1

...Deprevenir, de acordo com a pastoral dia-

cial e orgânica, uma Pastoral de Juventude que le-

ve ao encontro a realidade social dos jovens domini-
cantes que atenda ao aprofundamento e ao crescimento
do fé para comungar com Deus e com os homens; que
orienta a opção vocacional dos jovens; que lhes ofere-
ça elementos para as tomadas realistas de vida; que
lhes apresente os canais eficazes para a participa-
ção ativa na Igreja e na transformação da sociedade.

(PUBESIA)

UM JORNAL EM (PRE)CONSTRUÇÃO

FERMENTO

2

ONTEM HOJE

CPJ

Fe. Mar. 1983 - Fe. 1000 - Fe. 1000 - Fe. 1000

FERMENTO

3

OUT-82

A TORÇA FRANCILESSONA
DIRIGIDA INCLUSIVE CON-
VITE PARA QUE OS PROFISSO-
JUVENS HONREM E EDUCEM NELA
O LINHA DE SUA COMISSÃO COM UNO-
COM OS HOMENS. A FIM DE CONCRETI-
A REALIZAÇÃO DO AMB' E DEFICKAR
A PAZ NA JUSTIÇA (pubesia) 1982

IGREJA JUSTIÇA
Artes
ELEIÇÕES JUVENTUDE

Um jornal feito por nós

fermento

4

MARÇO 83

14

Um jornal feito por nós

fermento

5

JUNHO 83

"A juventude feminina está passando por uma crise de identidade. Devido à confusão existente sobre a imagem da mulher hoje, há algumas negativas da libertação feminina e um certo mal-entendido sobre a realidade. Impõe-se uma ação promotora da mulher, com parte indispensável na construção da sociedade."

- Pubesia 336 -

Um jornal feito por nós

fermento

6

NOVEMBRO 83

VAMOS A LUTA

Fermento

7

Informação da Pastoral de Juventude da Arquidiocese de Porto Alegre

1985

ANO INTERNACIONAL DA JUVENTUDE

Fermento

8

1985

ANO INTERNACIONAL DA JUVENTUDE

VII CONGRESSO INTERNACIONAL DE CAMPO DE JUBIAS

Fermento

9

1985

ANO INTERNACIONAL DA JUVENTUDE

Fermento

10

NOVEMBRO 1985

PÃO E TERRA COMPROMISSO DE TODOS

Fermento

11

Surto de cachumba na Annoni

João Jardim alerta para os riscos de uma anonnização

Marimom garante: desconhece a formação da UDF

Justiça agrária, um ideia ainda distante

5 DE OUTUBRO

DIA NACIONAL DA JUVENTUDE

JUVENTUDE CONQUISTANDO A TERRA PROMETIDA

N:12 SET/OUT

Fermento Especial

Fermento

12

MUNICÍPIOS DA ARQUIDIOCESE DE PORTO ALEGRE

CONHECER A REALIDADE PARA SER PRESENÇA E PARTICIPAÇÃO

II ASSEMBLÉIA ARQUIDIOCESANA DE PASTORAL DE JUVENTUDE

Fermento

13

ESTA TERRA É NOSSA

MJDH coloca novo painel e pede punição para tortura

Fermento

14

DA JUSTIÇA DO AMB' DA JUSTIÇA DO AMB'

Fermento

15

OUVI O CLAMOR DESTA POVO

CAMPANHA DA FRATERNIDADE 1983 - CNBB



Figura 10 – Montagem com as capas das edições localizadas do Fermento em ordem cronológica de publicação, além das Edições Especiais e Cartas no final

Fonte – Acervo do IPJ

As capas das edições do Fermento localizadas no Acervo do IPJ apresentam, em geral, uma regularidade na ordenação do espaço visual. O título colocado no topo da página, em tamanho grande, uma ou mais imagens colocadas de forma a ratificar ou enfatizar as temáticas apresentadas nas manchetes ou pequenos textos. Há variação nas fontes usadas no título “Fermento”, em geral reproduzindo-se tipos.

O Fermento possui certa regularidade na forma. A capa em papel mais espesso apresenta, repito, o nome do periódico, ano, número e data da publicação, além de imagens e uma manchete. As páginas internas são brancas e apresentam textos de jovens, além de muitas reproduções de artigos e textos de jornais e livros referidos. Na maioria dos números, os textos vêm acompanhados de imagens e charges. Em grande parte, as imagens e charges aparecem como protocolos que objetivam contribuir para uma determinada compreensão do texto.

As imagens, tanto ilustrativas, quanto no formato de charges, são abundantes no Fermento. Algumas se repetem em variadas edições, embora, sempre impressas em tinta preta com contorno simples, condizentes com os recursos disponíveis naquele contexto e estilo artesanal de produção. As imagens veiculadas pelo impresso eram desenhadas pelos próprios jovens que detinham alguma habilidade

nessa tarefa, ou recortadas de outros impressos em circulação no mesmo período, como é o caso das charges de cartunistas famosos.

Há, no Fermento, alguns campos constantes durante esta segunda fase de produção e circulação. O Editorial consta ao início de cada exemplar regular, exceto nas edições especiais e cartas. Em alguns números o Editorial aparece acompanhado da imagem de um jovem lendo, como é o caso da edição de número 5 (figura 12).

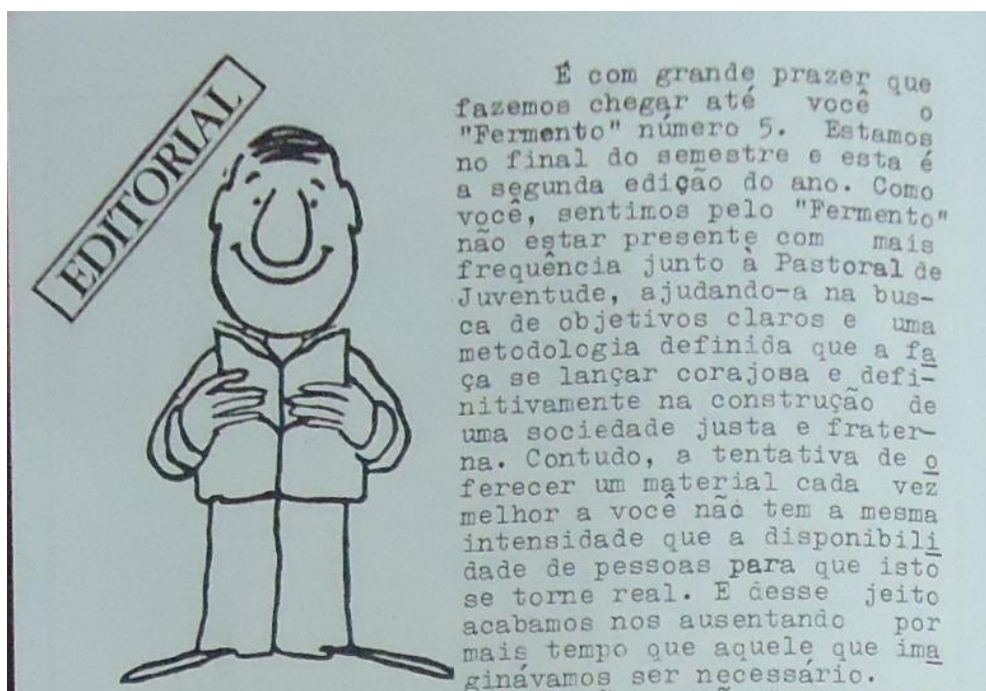


Figura 11 – Recorte da página 1 da edição de número 5 do Fermento

Fonte – Acervo do IPJ

A representação de um jovem leitor que acompanha o editorial (figura 11) demonstra uma intenção que justificava a feitura do impresso: composto e escrito para ser amplamente lido por outros jovens. Pode ser pensada também como uma representação do jovem militante da PJ como aquele que lê e estuda muito.

Outro campo que aparece com grande frequência é o “Discuta com seus companheiros”, acompanhado de algumas perguntas para reflexão em grupo, o que constitui uma dinâmica própria dos grupos de jovens da PJ. E uma marca desse campo específico é vir acompanhado de uma imagem ilustrativa (figura 11) com o título, como jovens em torno de uma mesa circular, que sugerem uma reunião de grupo de jovens. Os demais campos aparecem com títulos diferentes, porém remetendo a temas comuns, como educação, pastoral, política, oração, entre outros.



Figura 12 – Imagem que acompanha o campo Discuta com seus companheiros, no *Fermento*.

Fonte – Acervo do IPJ.

Das temáticas propostas para discussão, ou veiculadas em textos, poesias, músicas, charges, uma das mais recorrentes é sobre política. Análises de conjuntura, críticas ao sistema político ou econômico, convite para o engajamento no movimento de transformação social, apresentação de situações de desigualdade são constantes. Realizei um levantamento das referências diretas feitas à temática política no *Fermento*. Apresento abaixo a tabela de sistematização.

Referências a Política no Fermento			
Edição	Ano	Página	Citação
2	Ago./ 1982	14	Texto intitulado “A importância da crescente participação da Igreja no seio da sociedade”. Utiliza citação do documento de Puebla (CELAM), para demonstrar a necessidade da participação política.
3	Out./ 1982	10 a 12	Texto escrito pelo jovem Paulo Ferreira intitulado “O grupo e a política”, diz ter como objetivo auxiliar os grupos de jovens a refletir sobre a política.
10	Nov./ 1985	Capa (1) e 3	Com a temática “Pão e Terra: compromisso de todos”, apresenta a proposta de uma ação de Natal, trazendo uma reflexão sobre a questão social da pobreza.
		Contra Capa	“Os acampados da Fazenda Anoni ¹⁵ ”, é um texto que apresenta a situação dos sem terra acampados em uma fazenda pedindo reforma agrária e convida a todos a contribuírem com essa luta.
11	Jul. Ago./ 1986	Capa até pág. 7	Manchetes, textos e uma entrevista tratam da situação na Fazenda Anoni, a necessidade de Reforma Agrária, e a entrevista é feita com dois acampados, sendo um padre assessor de jovens.
		12 e 13	Texto intitulado “Constituição e Constituinte”, assinado por Marcelo S. M., trata das eleições para a Assembléia Constituinte que acontecerão em breve e apresenta um histórico das constituições que o Brasil já teve.
12	Set.	Contra	Manifesto escrito pelos jovens da Pastoral da Juventude

¹⁵ Primeira ocupação Sem Terra no Rio Grande do Sul.

	Out./ 1986	capa(8)	sobre a Constituinte.
14	Jul. Ago./ 1987	7	Reportagem intitulada “Dispersar o povo”, sem referência a autor (no entanto com uma estrutura diferente das demais páginas do impresso, pode denotar que foi recortado de outro jornal ou revista), trata da política que está sendo implementada de retirar os acampados da Fazenda Anoni.
18	Mar. Abr./ 1989	12 e 13	Três pequenos textos informativos intitulados “A greve geral contra o plano ladrão”, “Reforma Agrária: a luta continua!” e “Violência e tortura contra os colonos”, relatam a situação política do país, mais especialmente relacionada as questões de opressão.
19	Maio. Jun./ 1989	6 e 7	Texto intitulado “Mulheres” de autoria da jovem Carla Beatriz trata das lutas sociais empreendidas e protagonizadas pelas mulheres pela garantia dos direitos sociais.

Tabela 5 – Referências à temática Política no Fermento

Fonte – Levantamento realizado para a pesquisa

Os textos e imagens aparecem com a intencionalidade de produzir um posicionamento crítico, uma leitura ideal, por esse motivo muitas vezes aparecem juntos.

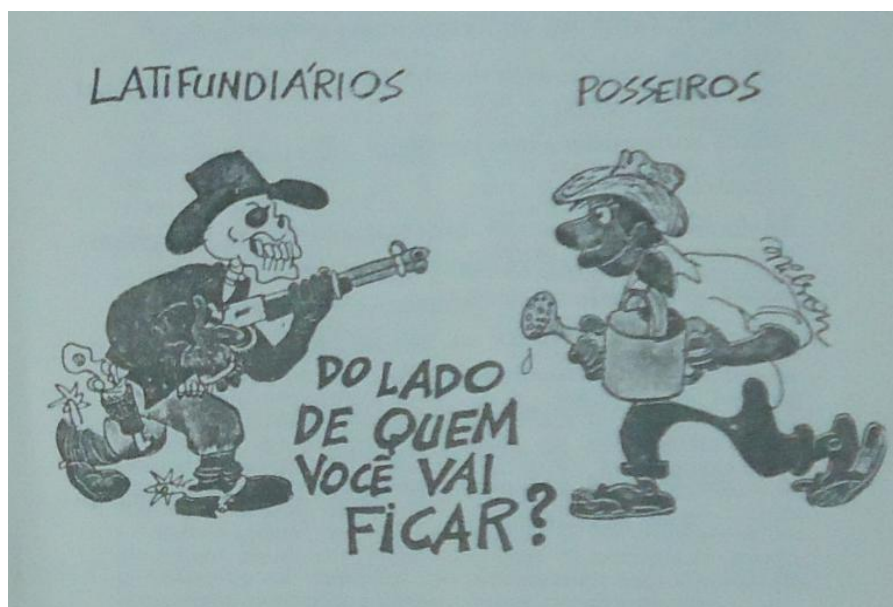


Figura 13 – Charge presente na página 5 da edição de número 14 do Fermento

Fonte – Acervo do IPJ

Na figura 13 a charge apresentada encontrava-se ao final de um texto sobre o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e uma situação de ocupação de terras. A representação do dono das terras, o latifundiário, como uma caveira de arma na mão, em oposição ao trabalhador sem terra, o posseiro, com o regador nas mãos, é complementada com a pergunta “Do lado de quem você vai ficar?”. A

imagem didatiza o texto no intuito de garantir um convencimento de qual lado se deve ficar.

Os impressos Psiu e Fermento, com seus textos, imagens, materialidades, tinham objetivos próprios, fortemente influenciados pelos ideários aos quais estavam vinculados: uma escola de qualidade, uma sociedade mais justa e com menos desigualdades, a promoção dos mais pobres, a valorização do jovem como sujeito de transformação social, sobretudo através da conscientização e do engajamento nos movimentos pastorais e sociais. Essas intenções atravessam fortemente os processos de produção dos impressos, os próprios jovens escrevem, desenham, organizam, imprimem. Passo a uma tentativa de elucidar esses cenários de produção a partir das narrativas presentes nos próprios impressos e nas falas dos sujeitos entrevistados.

3.2 NARRATIVAS DA PRODUÇÃO: NAS PÁGINAS E NAS FALAS

No âmbito deste estudo sobre impressos estudantis produzidos por jovens, parece relevante destacar mais uma vez o alerta feito por Chartier (2011b, p. 96) acerca da necessidade de “separar dois conjuntos de dispositivos, frequentemente confundidos: os procedimentos de produção dos textos de um lado, e os de produção de livros do outro”. Acredito que podemos pensar esta distinção não só quanto aos livros, mas para todos os procedimentos editoriais e tipográficos envolvidos na produção de impressos, na colocação de textos em um suporte que vai lhes conferir legibilidade.

Ainda que no caso dos impressos analisados seja necessário ressaltar que os sujeitos autor e editor em geral coincidem desde o processo de escrita dos textos até a produção dos impressos e a distribuição para os leitores, trata-se de procedimentos que exigem competências e recursos diferenciados e que demonstram a complexidade envolvida no processo da imprensa de juventude.

Para identificar informações que pudessem levar ao conhecimento dos procedimentos de produção dos textos e impressão dos jornaizinhos aqui

examinados, procurei indícios sobre esses aspectos nos próprios impressos, consultando todos os exemplares. Realizei um levantamento que denominei referências à produção dos impressos.

Nos exemplares do Psiu, identifiquei seis referências e nos exemplares do Fermento, nove referências.

Referências à Produção do Psiu			
Edição	Ano	Página	Citação
1	Mar./1984	1	EDITORIAL “Taí gente, o esperado apareceu... É isso mesmo. Um veículo de reflexão, comunicação o informação para os estudantes secundaristas que estão preocupados em ser cristãos no seu meio. É mais ou menos isto que queremos com este jornalzinho. Talvez os objetivos podemos clarear com a caminhada que realizaremos. Por hora é isto que estamos pensando para que este favoreça uma articulação entre os estudantes secundaristas cristãos, ajudando nas reflexões e na caminhada dos estudantes. Queremos provocar discussões com isto para inquietar os alunos frente a realidade que nos envolve. Não podemos ficar parados e nem deixar as forças do sistema nos calar.”
2	Maiio/1984	2	EDITORIAL “Foram publicados 500 exemplares na 1ª edição, os quais foram distribuídos pelos núcleos do MPS a nível de Grande Porto Alegre e interior do Estado (RS). Sentimos que apesar da boa aceitação do 1º número, não houve a colaboração por parte da maioria dos núcleos para que se formulasse o 2º número, faltando-nos depoimentos, informações e sugestões de como está indo a articulação dentro de suas respectivas áreas. [...] Porém, entretanto, todavia esperamos que no 3º número possamos contar com a colaboração de todos”.
4	Out. Nov./1984	1	EDITORIAL “O PSIU foi elaborado com a intenção de possibilitar aos militantes da PJE e os estudantes em geral uma maior informação e reflexão sobre: Conjuntura Nacional, Educação e Situação atual da PJE, além de informes de Cursos e Encontros, como também relatos de atividades dos núcleos.”
7/8	1ºsem./1988	1	EDITORIAL “Mas para que ele se torne realmente bimestral, conforme é nosso propósito, é preciso que os núcleos realmente se comprometam em mandar material.”
9	Nov./1989	1	EDITORIAL “As matérias que nele estão, são de autoria dos próprios jovens.”
21	Jul./1994	3	EDITORIAL “Ah, não se esqueçam de divulgar o nosso jornalzinho, e de assiná-lo, é claro. Continua custando R\$ 3,00 anuais.”

Tabela 6 – Referências a produção presentes no impresso Psiu.

Fonte – Levantamento realizado para a pesquisa.

Referências à Produção do Fermento			
Edição	Ano	Página	Citação
1	1982	anexo	“Como participar do Fermento? Se você quiser, e puder, participar do Fermento poderá fazê-lo: enviando notícias do seu grupo, área ou movimento, articulando a distribuição do jornal em sua área, contribuindo em dinheiro para a obtenção de folhas e matrizes, escrevendo textos ou relatos que sirvam como material de reflexão, ou de qualquer outra forma, o importante é que você participe.”
2	Ago./ 1982	12	EDITORIAL “[...] o Depto. de Comunicações da CPJ, não se propõe a fazer um jornal PARA os grupos, antes de tudo, objetiva um Fermento construído com a participação efetiva dos jovens na elaboração das matérias, na contribuição espontânea, essencial ao funcionamento do jornal, e ainda, fundamentalmente, na distribuição do mesmo nas áreas.”
3	Out./ 1982	2	EDITORIAL “Esta tiragem, supera a casa dos 1.600 exemplares, todos com colocação.”
		15	Convite para a assinatura do Fermento, que passará a existir a partir desta edição, no valor de Cr\$500,00 ao ano, com um mínimo 8 edições.
6	Nov./ 1983	2	Imagem destacando a dificuldade implicada na produção de um jornal.
13	Mai. Jun./ 1987	2	EDITORIAL “Depois de um tempo fora das ‘bancas’ da Pastoral da Juventude, o Fermento volta a circular a fim de ser um jornal de verdade, ou seja, um canal de informação, integração e interligação entre todos os grupos da Arquidiocese.”
16	Jun. Jul./ 1988	2	EDITORIAL “Paramos por um tempo, porque sentimos que o jornalzinho não estava tendo efetivo alcance nos grupos e áreas. Esta situação preocupou a equipe que o preparava e ocasionou a parada da publicação do Fermento. Este ano o trabalho será diferente!... As áreas terão papel fundamental e imprescindível na elaboração do jornal. E a equipe, por sua vez, terá sua estrutura mais ampla, composta numa concreta interligação com os Deptos. de Formação, a Equipe de Secretaria e a CPJ.”
18	Mar. Abr./ 1989	17	Há um anúncio das temáticas do próximo número, com uma lista de assuntos intitulada “E o que teremos para o próximo Fermento?”
19	Mai. Jun./ 1989	2	EDITORIAL “[...] o compromisso de ser na mão de nós, jovens, um meio de comunicação voltado para a realidade desse próprio jovem, um instrumento a mais na luta pela transformação da sociedade que tantas vezes nega ao jovem a liberdade de expressão e a sua capacidade imensa de denunciar as formas injustas que nos oprimem e escravizam.”

Tabela 7 – Referências a produção presentes no impresso Fermento.

Fonte – Levantamento realizado para a pesquisa.

A grande maioria das referências aparece na coluna inicial dos impressos, intitulada Editorial. Apontam as dificuldades de produção e que levaram ao atraso da nova edição. Também convocam os leitores a contribuírem com opiniões e textos e apontarem motivações e objetivos da produção dos impressos.

Nos dois conjuntos de impressos foi possível encontrar muitos convites para participação na publicação, sugerindo o envio de cartas, comentários e opiniões. O Fermento apresenta quase na totalidade de seus números uma chamada para que os grupos enviem notícias das atividades desenvolvidas, ou então o calendário de suas próximas atividades. Aponta repetidas vezes como motivo para a demora na publicação de uma nova edição a pouca colaboração dos grupos e áreas, e justifica que

[...] não se propõe a fazer um jornal PARA os grupos, antes de tudo, objetiva um Fermento construído com a participação efetiva dos jovens na elaboração das matérias, na contribuição espontânea, essencial ao funcionamento do jornal, e ainda, fundamentalmente, na distribuição do mesmo nas áreas. (FERMENTO, ago./1982, ano 1, nº 2, p.12)

O objetivo de ser um jornal construído com os grupos de jovens demonstra a participação de muitos na escrita de textos, envio de notícias, distribuição dos impressos. Nas várias etapas do processo de produção, os grupos de jovens são convidados a contribuir com uma participação efetiva. O sentido de protagonismo dos jovens comparece fortemente neste excerto, pois não se quer um jornal feito para os jovens, para os grupos de jovens e sim feito por eles, com eles.

A rede que se articulava para a elaboração do impresso possivelmente era muito maior do que a equipe que se envolvia nas práticas de produção em si mesmas. Havia muitos envolvidos na escrita de textos, na comunicação com os grupos para que esses textos chegassem aos que produziam o impresso, e mesmo em sua distribuição. No próprio jornal os jovens registram a tarefa desafiadora de manter o impresso. A figura 14 é provocativa, ainda mais em sua legenda: “Não é mole fazer jornal”.

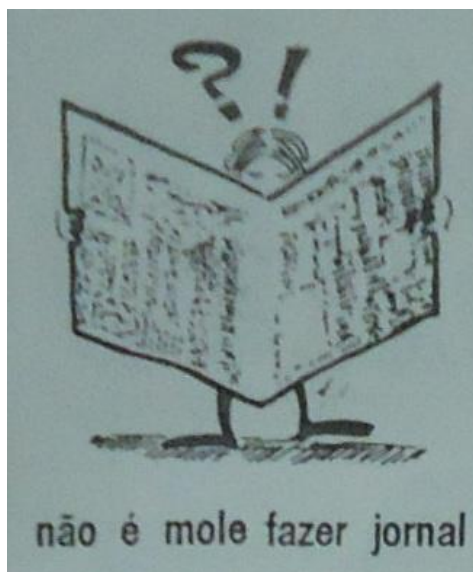


Figura 14 – Imagem presente na página 2, junto ao Editorial da edição de nº 6 do Fermento
Fonte – Acervo do IPJ.

Encontrei poucas referências à tiragem dos impressos, uma delas na edição de número 3 do Fermento, que afirma ter chegado ao montante de 1600 cópias. Acredito que houve uma grande variação nessas tiragens, de acordo com a disponibilidade de material para a produção, do tempo para a produção e distribuição e dos recursos financeiros para impressão.

Das informações que foram possíveis de mapear no conjunto dos impressos, poucas narram sobre os processos de produção em si, os sujeitos envolvidos, a organização dos envolvidos, a escolha das temáticas, etc... Para contemplar estes aspectos, busquei informantes que participaram e acompanharam os processos de produção desses e de outros impressos. Realizei três entrevistas. Os entrevistados, apresentados anteriormente, contribuíram para elucidar o contexto de produção desses impressos, desde as reuniões entre os jovens que pensavam esses impressos até os subsídios para manter a distribuição do impresso e as motivações dessas produções.

Na entrevista 2, o Jovem, que participou ativamente dos processos de produção do Psiu e teve textos de sua autoria publicados, apresenta logo de início o processo de produção de um impresso de menor circulação que era produzido pelo seu grupo de jovens.

Nós tínhamos um jornal da PJE lá na diocese, se chamava Novo Grito. Para a produção nós tínhamos a reunião semanal, então a gente discutia o tema do jornal e encarregávamos as pessoas de escrever o editorial e os textos. E tinha um dos

camaradas nossos que tinha mais habilidade e fazia os desenhos. E naquela época não era fácil de fazer desenho, hoje é barbada. Fazer desenho numa matriz, pra depois dessa matriz passar no mimeógrafo a álcool ou a tinta. (Jovem. Entrevista 2)

A decisão por essa ou aquela temática, segundo o relato, acontecia coletivamente, sugerindo que ocupavam muitas reuniões do grupo de jovens. Os estudos e leituras empreendidos pelos jovens possibilitavam um grande repertório de temáticas e, ao mesmo tempo, a opção por umas e não outras. Depois de decididas as temáticas, a delegação da função de escrita dos textos ou a escolha de textos para serem citados também acontecia coletivamente entre os jovens.

O jovem entrevistado dá destaque, na passagem acima transcrita, à dificuldade de inserir desenhos na publicação, pois eles precisavam ser produzidos em uma matriz de mimeógrafo para ser reproduzida posteriormente. Era preciso alguém com habilidade para executar tal tarefa, alguém que soubesse desenhar e fosse capaz de fazê-lo na matriz. Devido a essa dificuldade, algumas vezes o mesmo desenho era encontrado em diferentes edições, aproveitava-se a mesma matriz que era recortada e inserida em outra página de outra edição.

Ainda referindo-se ao jornal de seu grupo, intitulado Novo Grito, o jovem entrevistado apresenta o Psiu.

Alguns dos artigos nossos iam também para o jornal estadual, que era o Psiu, que era o nosso jornal da pastoral na organização estadual. E muitos dos nossos eram aproveitados, não só aproveitados, porque nós tínhamos um conselho editorial que a gente participava, era ativo. (Jovem. Entrevista 2)

O Psiu tinha uma visibilidade muito maior, era organizado por jovens de diferentes regiões do Estado e distribuído nessas regiões. O jovem participou também desse grupo a que se refere como “conselho editorial”, era a própria coordenação estadual da Pastoral da Juventude Estudantil que dava conta desse processo. Fica evidenciada nessa fala a multiplicidade de textos publicados, pois além daqueles produzidos especificamente para o Psiu, assim como para o Fermento, e daqueles transcritos de livros ou de jornais de grande circulação, eles reproduziam textos publicados em impressos de menor circulação e que também eram produzidos por jovens.

Essa presença de textos dos jovens de diferentes regiões do Rio Grande do Sul e de diferentes cidades da Arquidiocese de Porto Alegre são constantes nas

páginas do Psiu e do Fermento. Além de veicularem notícias específicas das diferentes localidades, a maior parte dos textos produzidos pelos jovens vem acompanhada do nome do jovem autor e a região ou seu grupo de origem.

No que diz respeito ao subsídio financeiro para os impressos, o jovem da entrevista 2 e o assessor da entrevista 1 falaram das alternativas que possibilitavam a produção, mesmo sem um custo de assinatura e sem uma instituição que financiasse essa prática.

A gente se virava, se virava muito. E as paróquias também ajudavam. Basicamente o mimeógrafo era o mimeógrafo da igreja ou do Centro de Pastoral. E a folha a gente conseguia. Aliás, o mercado era o mercado da folha. Como a gente ficava feliz quando tinha quinhentas folhas, eram duzentos jornaizinhos! O mercado era o mercado da folha. (Jovem. Entrevista 2)

Tinha sempre um dinheirinho e pra isso até se vendia coisas. E eles se aproveitavam, por exemplo, os estudantes eles estudavam em determinado colégio e o colégio tinha mimeógrafo. Eles conseguiam. Ou então com muita licença, sem muita licença, eles conseguiam passar à mão. Ou até mesmo na CNBB, eles iam lá e passavam. (Assessor. Entrevista 1)

Há, na maioria das vezes, o suporte de uma instituição que, de forma autorizada ou não, disponibilizava o mimeógrafo para cópias, tecnologia disponível naquele momento. Como diz o assessor: “com muita licença, sem muita licença, eles conseguiam passar à mão” e nas palavras do jovem, “a gente se virava, se virava muito”.

Os próprios jovens produziam as cópias do Psiu e do Fermento, buscavam espaços onde tinham acesso e que possuíssem mimeógrafo. Autorizados, ou não, reproduziam seus impressos para distribuírem ao maior número de grupos e outros jovens. A tecnologia era precária, e o jovem comentou durante a entrevista 2 que, em alguns, momentos foi preciso de mais de um mimeógrafo para dar conta das cópias do Psiu.

Os espaços citados como possuidores de mimeógrafos usados pelos jovens – igreja, Centro de Pastoral¹⁶, colégio e CNBB¹⁷ – eram espaços de referência para os

¹⁶ O Centro de Pastoral é uma espécie de sede administrativa da Igreja Católica que existe em grande parte das regiões (dioceses e arquidioceses), onde as pastorais e grupos organizados tem suas salas e é uma referência para os trabalhos desenvolvidos naquela região.

¹⁷ A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) é uma instituição da Igreja Católica que congrega os bispos para pensar e dinamizar a missão de evangelização e as ações da Igreja. Em cada estado, ou a cada dois estados do país a CNBB tem uma sede administrativa.

grupos da pastoral, local onde se reuniam, que tutelava e agenciava, em certa medida, essas práticas de militância.

O jovem entrevistado deu ênfase ao que chamou de “mercado da folha”. A questão das cópias já não era um problema, no entanto eram necessárias folhas para a impressão. As folhas eram doadas pelas paróquias, escolas, grupos ou então adquiridas com o “dinheirinho” a que o assessor se referiu.

A gerência desses processos era feita pelos próprios jovens, com uma organização própria, como narram o jovem e o liberado, entrevistas 2 e 3 respectivamente.

Tinha um momento de organização, hoje chamaria Conselho Editorial, mas era a própria coordenação estadual que conversava, dialogava. (Jovem. Entrevista 2)

A gente sabe que um veículo [de comunicação], pra ele sair, porque tem prazo, precisa ter algumas pessoas que se dedicavam. Então tinha uma equipe de comunicação que a gente criou na época. (Liberado. Entrevista 3)

As equipes de comunicação são citadas no Psiu e no Fermento como aquelas que mais diretamente se envolviam na produção dos impressos, as pessoas que articulavam para que o mesmo acontecesse. Não eram jornalistas, não eram profissionais. Os jovens, eles próprios, desempenhavam todo tipo de função, se organizavam em grupos que, como afirma o jovem entrevistado, hoje seria chamado de conselho editorial. Pensavam temáticas, distribuía funções, selecionavam textos, organizavam as páginas, desenhavam, imprimiam, grampeavam, distribuía enfim.

A distribuição era feita mão a mão. Em alguns casos, devido às distâncias, recorriam ao correio, mas na maioria dos casos os próprios jovens que produziam o impresso carregavam-no consigo e entregavam nos grupos, escolas, paróquias por onde circulavam.

Tu imagina nessa época em que o impresso tinha mais valor do que tem hoje, tu imprimir cada exemplar cada mês, cada trimestre ou cada semestre, dependia de cada veículo que tem sua periodicidade, quando tu tira ele do forno é um orgulho. (Liberado. Entrevista 3)

O liberado reafirma o valor do impresso e o orgulho de “tirar do forno” cada edição. Não se escrevia nem se produzia para guardar. Após cada edição pronta

iniciava uma articulação para distribuir, fazer chegar até outros jovens de toda Arquidiocese ou de todo o Estado os impressos produzidos.

No contexto de produção desses impressos também favorecia a distribuição o fato das visitas entre grupos ou aos grupos serem freqüentes, seja para passar recados, para acompanhar atividades, para convidar ou informar-se, era preciso “ir ao encontro”. Os jovens da coordenação, que também eram responsáveis pela produção dos impressos, iam com muita freqüência ao encontro dos grupos, assim como os jovens “liberados” de cada diocese, ou da própria organização estadual da PJ e PJE.

Tu perguntasses sobre a questão de como eles [os impressos] chegavam. Tem um contexto de que nessa época foi a época de maior número de jovens liberados nas dioceses pra Pastoral da Juventude. Praticamente todas as dioceses tinham jovens liberados. [...] E esses jovens dedicavam tempo integral à Pastoral da Juventude, então eles visitavam paróquias, eles visitavam grupos, eles visitavam escolas, eles vinham em atividades que aconteciam. Então existia através desses jovens liberados, desses jovens das coordenações diocesanas tinha muita comunicação. (Liberado. Entrevista 3)

Os jovens envolvidos nesses processos faziam das experiências de pastoral sua atividade principal. O trabalho e os estudos eram o meio, a militância na pastoral, o engajamento na luta por uma sociedade diferente era o fim, aquilo que de fato importava.

Assim, os impressos produzidos no contexto de militância e crença em um projeto de sociedade estavam atravessados por subjetividades, eram mais do que textos e imagens impressos em suportes simples de papel. O Psiu, o Fermento e tantos outros, eram ações de militância, de formação dos jovens, eram parte do processo que se acreditava necessário para a transformação da escola, da sociedade, da realidade.

3.3 OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS À PRODUÇÃO DOS IMPRESSOS

Os impressos não eram produções isentas de intencionalidades. Quem escreve, quem desenha, quem pensa a estrutura, quem imprime... quem oferece a ideia primeira de produzir um jornalzinho, um impresso, até a distribuição dele, tem

objetivos muito fortes, motiva todo o processo. Arlette Farge destaca que o impresso, “disfarçado ou não, ele é carregado de intenções, sendo que a mais evidente é a de ser lido pelos outros” (2009, p. 13).

Os sentidos atribuídos à produção desses impressos estão explicitados nos editoriais, nas falas dos entrevistados e, mesmo que assim não estivessem, é possível entrevistê-los nas páginas das muitas edições analisadas. O levantamento realizado sobre as referências à produção presentes nos impressos (Tabelas 6 e 7) e as entrevistas realizadas evidenciaram duas motivações principais para a produção do Psiu e do Fermento: a comunicação e a militância.

Na entrevista 3, o liberado iniciou sua fala com um apontamento para o contexto em que os impressos eram produzidos e que demonstra a articulação dessas duas motivações. Mesmo antes de ser indagado sobre o porquê de produzir tais impressos, ele afirmou:

Primeiro quero dizer que nós estamos falando de contextos diferentes. Nós estamos gravando aqui em 2014, numa época em que a internet, o Facebook e outros meios eletrônicos invadiram e então é outro tempo da comunicação entre grupos, entre pessoas, entre jovens. Então falar daquele período, década de noventa, que foi o período em que eu atuei na Pastoral da Juventude, bem início da década de noventa. São contextos bem diferentes. Justamente aquele contexto, era um contexto em que o impresso, ele tinha muito valor. O impresso era a visibilidade de qualquer coisa, era a forma de visibilizar os encontros, as atividades dos grupos, aquilo que estava se fazendo. E também era uma forma de registro, porque aquilo que não era registrado corria o risco de desaparecer da memória. Então o registro era muito importante. (Liberado. Entrevista 3)

A narrativa acima destaca o contexto e suas mudanças. O impresso, em suas variadas tipologias, era fundamental para qualquer organização ou grupo que desejasse registrar e dar visibilidade às suas ações. O papel constituía-se como o espaço de memória e de divulgação. Em muitos momentos, em vários editoriais, os impressos se afirmam como espaço de “comunicação com, dos e entre os” grupos de jovens. Comunicar as atividades, as notícias, as datas, os registros do que passou, os convites. O sentido de comunicar atribuído aos impressos é claramente identificado nos discursos sobre os impressos e nas práticas evidenciadas por eles.

Os boletins são ao mesmo tempo fatores de comunicação e fatores de convencimento... de ideologia, de postura política, de postura teológica, de postura pedagógica. Defesa de idéias, não é? (Assessor. Entrevista 1)

A segunda grande motivação que levou os jovens a produzirem impressos nas décadas de 1980 e 1990 está ligada à disseminação da ideologia, pois os impressos eram vistos como uma forma de militância pastoral e social. Segundo o assessor entrevistado, os jovens almejavam o convencimento, acreditavam que por meio dessas publicações levariam seus ideais para outros jovens, que seriam conscientizados e mobilizados.

A militância pastoral, neste contexto, era muito semelhante à militância política. Os jovens estudavam muito sobre a sociedade, as desigualdades, a violência, a política, a economia e, sobretudo, a teologia e a Bíblia. A partir dessas leituras, dos estudos empreendidos, construía-se a crítica social e pensava-se ações de intervenção e transformação da realidade. Militantes eram aqueles jovens fortemente engajados nas leituras, nos debates, nos estudos e nas ações de intervenção social.

Tal engajamento na disseminação um ideário político-social torna-se ainda mais forte se pensarmos no contexto social mais amplo. Os dois impressos desse estudo começaram a circular em um período de redemocratização, pós ditadura militar no Brasil. O jovem entrevistado aponta em seu depoimento que a motivação por parte dos assessores para a produção desses impressos era “dar a ouvir a voz que por tantos anos ficou calada” pelo Regime Militar.

Alguns assessores eram mais avançados que a gurizada. Eles vinham da luta contra a ditadura e estavam felizes com essa abertura. Para eles era uma certa realidade, porque essas pessoas ficaram uma boa parte da sua vida quietos, calados, sem ter o que dizer, sem ter direitos. (Jovem. Entrevista 2)

O projeto subjacente aos textos do Psiu e do Fermento, de uma sociedade mais justa, estava diretamente ligado aos discursos da Teologia da Libertação¹⁸, que nessa época estava em ascensão. Ou seja, tal projeto advém não só da militância política, mas sobretudo de um discurso religioso da Igreja Católica, a qual os grupos pertenciam. Os impressos comunicavam e também buscavam convencer sobre esses discursos que norteavam as discussões e as ações dos grupos.

¹⁸ A Teologia da Libertação é uma corrente teológica da Igreja Católica, que tem suas origens das décadas de 1950 e 1960 na América Latina, e ganha força a partir de 1970. Busca interpretar a fé cristã e a Bíblia a partir das realidades de pobreza e desigualdade social. Tem um grande engajamento e militância nos meios políticos e sociais, por acreditar no projeto de uma sociedade mais justa e de promoção dos mais pobres e oprimidos. Entre seus fundadores e expoentes estão: Gustavo Gutierrez, Leonardo Boff, Jon Sobrino, Juan Luis Segundo, João Batista Libânio.

Importa neste estudo de História da Educação destacar o papel formativo que os processos de produção de impressos tiveram na vida dos jovens que participavam, juntamente com seus grupos, na feitura desses artefatos. Além de serem produzidos com o intuito explícito de formar outros jovens, o que denota um empenho de didatização para que os mesmos pudessem ser objeto de leitura e debate, o próprio processo de produção era em si mesmo educativo, pois para produzi-los era preciso estudar, conhecer a realidade, ler muito, aprender as técnicas de composição, diagramar, distribuir.

Nesse contexto, a formação e os aprendizados eram variados nas vivências e nas ações práticas desenvolvidas nos grupos de jovens e nas atividades das pastorais de juventude de um modo mais amplo. No caso da produção dos impressos, vale ressaltar que não havia uma formação prévia sobre escrita de textos jornalísticos, ou de editoração, ou de impressão. As produções eram bastante artesanais, desenvolvidas a partir das experiências que iam sendo feitas diante da tarefa e dos aprendizados entre pares, adquiridos coletivamente por meio delas.

Os jovens das pastorais de juventude ampliavam seus repertórios de leituras, e tinham forte motivação para isso. Ampliavam também seus conhecimentos de história e de conjuntura social e política, por vezes tão descuidados nos currículos escolares, além dos conhecimentos de teologia e da Bíblia, no contexto de ação em que estavam inseridos. Liam, discutiam, escreviam, expunham publicamente para outros jovens suas leituras, tudo isso no âmbito de uma espécie de educação não-formal, designada na PJ como *formação*, contexto em que iam se apropriando de diversas competências, conteúdos e saber-ser/saber-fazer de múltiplas ordens. Essa formação desempenhava papel fundamental na vida dos jovens, que em muitos casos consideravam tais aprendizados como mais legítimos e efetivos em suas vidas do que as aprendizagens escolares, consideradas desinteressantes, inúteis, alienantes, sem participação dos estudantes, o que está atestado nas charges e textos críticos à escola nos impressos juvenis. Na PJ, os contrários pareciam aos jovens inteiramente presentes: conteúdos interessantes, com aprendizados religiosos, sociais e políticos significativos, que permitiam a consciência crítica e, sobretudo, a participação ativa dos jovens.

4 PRÁTICAS DE LEITURA E PRÁTICAS DE ESCRITA IMPLICADAS NO PSIU E NO FERMENTO



A escritura acumula, estoca, resiste ao tempo pelo estabelecimento de um lugar e multiplica sua produção pelo expansionismo da reprodução. A leitura não tem garantias contra o desgaste do tempo (a gente se esquece e esquece), ela não conserva ou conserva mal a sua posse, e cada um dos lugares por onde ela passa é repetição do paraíso perdido.
(CERTEAU, 2008, p. 270)

Michel de Certeau (2008) refere-se à permanência dos vestígios das práticas de escrita em contraposição à efemeridade das práticas de leitura. As práticas de escrita deixam marcas que, muitas vezes, atravessam anos e tornam-se documentos históricos para muitos pesquisadores. É o caso dos impressos analisados neste estudo. Já as práticas de leitura são silenciosas, se desgastam, mesmo aquele que as empreendeu, por força do tempo acaba por esquecê-las. Há, no entanto, formas de rastreá-las, de buscar vestígios sutis que atestam a existência e dão pistas sobre essas práticas.

Nesta seção apresentarei alguns vestígios das práticas de leitura dos jovens que encontrei ao analisar as práticas de escrita e de produção dos impressos Psu e Fermento. Uma peculiaridade desses impressos que possibilita tal análise consiste no fato de que no âmbito do circuito de produção, impressão, circulação e apropriação, os sujeitos podem coincidir. Como venho insistindo, são jovens estudantes aqueles que escrevem, selecionam textos já publicados para transcrição, produzem, imprimem, distribuem e lêem os impressos.

A complexidade envolvida no estudo dessas práticas leva a destacar alguns aspectos instigantes. O primeiro diz respeito à singularidade das práticas de leitura, que são fugidias por terem acontecido em um tempo que não é o nosso, e serem

únicas, a cada leitura uma nova apropriação e uma nova atribuição de significado (CHARTIER, 1998). As práticas de leitura, repito, diferente das práticas de escrita, deixam pouco ou nenhum vestígio, embora influenciem fortemente as práticas de escrita que são empreendidas pela leitura dos impressos estudantis. Concordo, assim, que

a escrita depende de seus antecedentes – muita leitura, muita pesquisa – para que o gesto de criar nasça de uma falta que ainda se instale, um querer-dizer que não se reconhece como excesso, mas como suplemento que interroga, desvia, e demanda de forma inesperada que o receptor não se cale. (YUNES, 2009, p. 66)

Portanto, considero ser possível inferir algumas práticas de leitura dos jovens por meio dos textos que escrevem, daquilo que citam, dos impressos que produzem. O esforço nesse sentido foi mapear citações de textos, frases, poemas, músicas e indicações de leituras presentes no Psiu e no Fermento, considerando que aquilo que é citado, apresentado ao leitor, foi anteriormente lido e apropriado por quem compôs os impressos aqui analisados. Pude localizar outros indícios dessas práticas nos depoimentos dos entrevistados, que narraram o contexto das Pastorais de Juventude como sendo um importante espaço de formação de jovens, que proporcionava muitas leituras, debates e produção de materiais escritos, entre eles os impressos deste estudo.

Aqueles que escreveram e produziram o Psiu e o Fermento, não o fizeram a partir de idéias inovadoras, tampouco genéricas. Os jovens eram leitores de outros jornais, de outros impressos estudantis, de livros e textos de formação. A partir dessa pluralidade de leituras, promoveram reflexões que possivelmente deram origem a muitas páginas do Psiu e do Fermento. Segundo Eliana Yunes,

Do ato de ler decorre o ato de se escrever, de escrever a própria história e dos outros, de marcar a própria existência social com traços que podem, no entanto, guardar-se sob a forma das oralidades, tanto quanto ganhar volumes, cores e sinais. (2009, p. 35)

Desse modo, os textos, o conteúdo e até mesmo a organização espacial material e o espaço visual dos impressos, podem ser tomados como indícios das práticas leitoras dos jovens que escreveram e produziram os impressos estudados. As práticas de leitura, no contexto dos mesmos, eram centrais na formação dos jovens. A organização, por meio dos impressos, era a forma possível e disseminada

de comunicar, articular e formar jovens. Como relatou o assessor na entrevista 1, ler provocava reações nos sujeitos.

Um dos aspectos da organização é a comunicação, então a comunicação tinha sentido. As revistas eram curiosas. A turma não só tinha vontade de ler, mas de escrever e discordar até. (Assessor. Entrevista 1)

As escritas realizadas para a composição dos impressos muitas vezes se assentavam em leituras anteriores, em apropriações de livros, artigos, poemas, em outros impressos produzidos por seus pares ou de grande circulação à época. Por certo essas produções escritas produziram novas apropriações, de outros jovens estudantes, aqueles leitores dos impressos. Possivelmente, os jovens leitores dos impressos estudantis também tenham produzido outras escritas, inspirados, movidos ou até instigados pelas provocações e apropriações feitas.

Chartier (2011b) exemplifica que Chavette, um trabalhador têxtil francês do século XVII, leitor assíduo de folhetins, reproduzia em suas escritas a fórmula e os enunciado de suas leituras. Penso ser possível sugerir o mesmo quanto aos impressos estudantis analisados. Os articulistas e editores reproduziam em seus periódicos, por exemplo, a fórmula de jornais de grande circulação, em alguns momentos compilando títulos, enunciados e até mesmo artigos completos, deixando assim pistas de suas práticas de leitura.

Essas práticas eram, em geral, compreendidas como estudo. Ler textos ligados à militância pastoral, à dimensão teológica, social, política, era parte da formação dos jovens. Por meio desses estudos, como narrou o jovem entrevistado, os jovens eram capazes de escrever textos por suas próprias mãos. Os adultos que tinham a função de acompanhar os grupos, conhecidos como assessores, acompanhavam as escritas, sugeriam leituras, corrigiam. A escrita era dos jovens.

A gente sempre teve suporte dos assessores, mas eu acho que de uma forma muito democrática, muito parceira. De certa forma eu sentia que nós éramos a voz deles, por terem ficado calados muito tempo. Mas a gente não escrevia pela mão deles, nós escrevíamos porque a gente estudava. (Jovem. Entrevista 2)

O assessor entrevistado também relatou o processo de acompanhamento das escritas dos jovens. Sob outro ponto de vista, afirmou que os jovens ocupavam esse lugar de autoria, com o apoio e o olhar atento dos assessores.

Um dos trabalhos do assessor, da assessora, não era tanto controlar, mas ajudar. Por exemplo, que fizessem menos erro possível porque vai ser publicado. [...] Eram eles como jovens que decidiam. O adulto também tinha chance de escrever, mas por outro lado ele dependia da qualidade pedagógica desse adulto de acompanhar e evitar que saísse besteira. Besteira com relação à política e até com relação à Igreja. De repente fala umas coisas que “não convêm” para a PJ ou a PJE naquele momento. (Assessor. Entrevista 1)

O assessor entrevistado salientou em sua entrevista essa dupla participação do adulto, que supervisionava a escrita dos textos e a organização e produção dos impressos. De um lado, o adulto tinha a função de ajudar na escrita dos textos, na correção ortográfica, a publicação deveria ter pouco ou nenhum erro. De outro, ele acompanhava a reflexão daquilo que era conveniente ou não ser publicado. Essa conveniência ou não de veiculação dos textos estava ligada ao ponto de vista do assessor que acompanhava a escrita e produção do impresso. Os impressos eram assinados e respaldados por um grupo, a PJ ou a PJE (lembramos que são organizações da Igreja Católica), e distribuídos em quantidade expressiva para a época, tinham grande visibilidade. O que estava escrito poderia contribuir ou prejudicar todo o grupo; os adultos tinham a responsabilidade de acompanhar o que podia ou não ser publicado naquele momento histórico, naquele contexto.

Pode-se entrever o contexto no que está escrito, mas também naquilo que não comparece, nos silêncios. Segundo Viñao Frago, “o textual [...] remete à, e indica a existência de um contexto de produção e de uma realidade posta por escrito – o referente” (2001, p. 27). As práticas de escrita dos jovens nesses impressos remetem ao contexto de produção, a um contexto sócio-histórico. As escritas não são uma reprodução exata do referente, mas uma interpretação e uma produção a partir do real. “Não há modo de prescindir, num texto, do peso, da presença, de uma realidade de que o textual também faz parte, tampouco dos silêncios e ausências; do que fica de fora” (VIÑAO FRAGO, 2001, p. 27). Há o que fica de fora e nos escapa, que só é possível reconstruir por aproximação, seguindo referências de outros estudos, memórias, notícias.

A realidade, o contexto de escrita e produção dos impressos influenciaram na compreensão que tinham desse processo, os sentidos atribuídos a ele, as motivações para escrever. A fala do assessor elucida o contexto em que a militância era a chave para a participação dos jovens em diversas ações.

Entra no aspecto da militância. Não escrevia-se só por escrever. Fazia-se questão de mandar e distribuir, de vender, de espalhar. (Assessor. Entrevista 1)

A escrita não tinha um fim em si mesma, o interlocutor não era o próprio autor ou alguns poucos jovens. Aqueles que escreviam textos para os impressos, no caso o Psiu e o Fermento, tinham uma motivação militante, escreviam para que muitos lessem, para formar opiniões, para promover debates, para informar. Portanto, o desejo de distribuir, espalhar, como se refere o assessor em sua fala, era expressivo.

Cabe pensar que a história das práticas de leitura também pode ser feita a partir das diferentes representações de leitura dadas em um contexto, como é o caso dos jovens militantes das Pastorais da Juventude nas décadas de 1980 e 1990.

Esse choque do movimento estudantil com a Pastoral. Por exemplo, o fato de ser chamado de “igrejeiro”, isso não era uma coisa ruim. Por quê? Os igrejeiros também eram militantes, não só porque rezavam o Pai-nosso, mas porque pensavam diferente sobre a sociedade. (Assessor. Entrevista 1)

Os “igrejeiros” que o assessor entrevistado mencionou, eram militantes, jovens engajados, percebidos como sujeitos intelectualizados. A militância, nesse contexto, incluía muita leitura e reflexão; as críticas sociais feitas eram embasadas por estudos de diferentes textos considerados fundamentais.

Outras motivações, talvez mais pessoais, levaram os jovens a se envolverem na escrita de textos para os impressos. O assessor expõe duas outras motivações: a habilidade e a visibilidade.

Havia gente que gostava, tinha jeito. [...] Sempre tinha uma ou outra liderança, um ou outro adolescente que gostava de fazer isso. Porque é também uma forma de aparecer. Você escrever e aparecer o teu nome. [...] Era uma forma de ser visível, de fazer-se visível. (Assessor. Entrevista 1)

A habilidade ou gosto pela escrita e pela produção de impressos levava alguns jovens a se envolverem mais diretamente com os impressos. Alguns que tinham maior afinidade com a escrita, que sentiam-se mais à vontade nesse lugar de autoria, destacavam-se nas equipes que organizavam e produziam os impressos. Isso podia variar: maior interesse e habilidade na escrita de poemas, ou de textos de

crítica, ou de análise de conjuntura, ou ainda de interpretação bíblica, de depoimento pessoal, e, inclusive, habilidade e gosto pelo desenho, em especial de caricaturas ou sátiras.

A outra motivação era a visibilidade. Ter um texto ou desenho de sua autoria publicado em um impresso da organização da qual era participante, fazer-se visível para os pares, era uma motivação importante. Os jovens também almejavam ter seus nomes em evidência. O jovem entrevistado narrou que quando um texto seu era publicado pelo Psiu, já chegava no grupo de jovens com outra atitude, sentia-se importante porque algo de sua autoria seria lido por jovens participantes da PJE de todo o Estado.

Também as práticas de leitura decorriam das práticas de escrita empreendidas anteriormente. De acordo com Chartier, “as formas de ler não estão, de maneira alguma, separadas das práticas de escrita ligadas a elas” (2011, p. 20). As intenções que levam os jovens a escrever e produzir seus periódicos, as tiragens, as modalidades de distribuição, encontram-se diretamente relacionadas com as práticas de leitura produzidas a partir dos impressos. Essa relação não é casual, acontece em ato, simultaneamente.

Tal relação se dá, sobretudo, porque a liberdade de apropriação daquele que lê não é absoluta. O texto lido está inscrito em um suporte que lhe confere legibilidade e participa na construção dos sentidos atribuídos. Também há uma certa estabilidade dos textos, mudam as apropriações, dentro no universo de possibilidades daquilo que é dado a ler.

4.1 OS RASTROS DAS LEITURAS

Apreender as práticas de leitura, ou fazer uma história das práticas de leitura dos periódicos analisados não é o objetivo principal desta dissertação. Segundo Chartier, “reencontrar esse fora-do-texto não é tarefa fácil, pois são raras as confidências dos leitores comuns sobre suas leituras” (2011a, p. 21 e 22). As práticas de leitura dadas a ver no contexto desta pesquisa são aquelas empreendidas pelos jovens que produzem os impressos Psiu e Fermento, que

deixaram em seus escritos rastros de suas práticas leitoras, nas citações e referências feitas a outros textos, como referi antes.

Para aproximar-me dessas práticas, realizei um levantamento de textos, livros, autores, músicas citados no Psiu e no Fermento. A variedade de referências feitas é muito significativa, desde citações bíblicas, próprias da inserção religiosa dos grupos até músicas populares com tom crítico e engajado e pensadores conhecidos nacional e internacionalmente.

Apresento abaixo as tabelas resultantes do levantamento realizado. A primeira foi elaborada a partir das edições localizadas do Psiu.

Citações e Referências - PSIU			
Edição	Ano	Página	Citação
1	Mar./1984	3	Artigo intitulado “Escola pública separa ricos de pobres”, Revista Veja
4	Out. Nov./1984	1	Citação Bíblica, evangelho de Mateus
		7 e 8	Livro “A vida na escola e a escola da vida”, de Claudio Cecon
5	Mar. Abr./1985	14	Tirinha da Mafalda (Quino)
		Contra capa	Charges (Henfil)
6	Mai. Jun./1985	capa	Charge (Marco Aurélio)
		7 a 9	Manchetes com resenha de notícias do Jornal Zero Hora: “Congresso aprova diretas e voto d analfabeto” (09/05/1985), “Terminou a fidelidade: partidos em luta aberta” (19/05/1985), “Funcionários denunciam a farsa da Nova República” e “Câmara aprova projeto que favorece corruptos” (25/05/1985).
7	1ºsem./1988	7	Resenha do texto “Tio patinhas no centro do universo”, de José de Souza Martins
		9	Trecho do livro “Alice do outro lado do espelho”, de Lewis Carroll Charge sobre a nova greve do magistério (Schroder)
		Contra capa	Trecho da música “Pai nosso dos mártires” ¹⁹ , de Zé Vicente
9	Nov./1989	Páginas N° par	Frase de Paulo Freire
		10	Frase de Agostinho Neto
10	Mai./1990	10	Charges sobre a política brasileira (Henfil)
11	1991	5	Texto intitulado “Para você refletir”, com referências ao texto “Cinco dificuldades de escrever sobre a verdade”, de Bertold Brecht
13	Jun./1992	5	Reportagem do Jornal Diário da Manhã (15/10/1991) intitulada “Escola Aberta: uma nova escola”
		9	Coluna intitulada “Frases”, com citações de autores conhecidos, como: São Paulo, Vitor Hugo, Aníbal, João H. Pestalozzi, G. Rollenhagen.
		10	Coluna intitulada “Reflexões Bíblicas” com a citação de diversos versículos bíblicos. Trecho da música “Pra não dizer que não falei de flores” de Geraldo Vandré
14	Out./1992	10	Coluna intitulada “Frases” com citações de autores, como: Goethe, Sêneca, Vitor Hugo, Francis Guarlis, La Fontaine, Corneille.
		Contra capa	Poesia “Despertar do povo” de Ana Alves Godoy
15	Dez./1992	1	No Editorial a epígrafe é um verso da música “Alegria, alegria” de Caetano Veloso
		5 e 6	Texto “A nossa nova vida e a TV”, retirado de Open Mind nº 5 ano I - Yázigi
		8	Texto “Carta ao meu filho” publicado originalmente na Folha de São Paulo em 23/08/1992

¹⁹ “Não vamos seguir as doutrinas corrompidas pelo poder opressor!” (PSIU, nº7/8, contracapa, 1ºsem/1988)

		9	Frase de Prolíbio
		10	Frase de Vítor Hugo
16	Jun./ 1993	9	Poema “O analfabeto político” de Bertold Brecht
17	Ago./ 1993	3	Frase de Francis Guarlis
		5	Frase de Sêneca
18	1993	3	Frase de Benjamin Franklin
		9	Frase de Albert Einstein
20	Abr./ 1994 Nov.	3	Poema de Mário Quintana (homenagem por ocasião de seu falecimento)
23	Mar. Abr./ 1995	3	Frase de Herber Lima
24	Jun. Jul./ 1995	4	Síntese e opinião sobre a reportagem “Planeta teen”, publicada originalmente na revista Veja, nº 16, 19/04/1995.
26	Dez./ 1995	2	Trecho da música “Utopia” de Milton Nascimento
27	Mar. Abr./ 1996	4	Dicas de leitura: dois salmos bíblicos (62 e 139); e autores gaúchos: - “Canção de um dia de vento”, Mário Quintana - “A asa esquerda do anjo”, Lya Luft - “Caminhando na chuva”, Charles Kiefer - “Cego e amigo”, Moacir Scliar
28	Jun. Jul./ 1996	4	Dicas de leitura: dois salmos bíblicos (08 e 22); e autores diversos: - “Felicidade: um trabalho interior”, John Powell - “Fernão Capelo Gaivota”, Richard Bach - “A máquina capitalista”, Pedrinho Guareschi
32	Abr. Mai./ 1997	3 e 4	Texto proposto para reflexão “Há coisas que você detesta”, do livro “Para viver bem” de Frei Bernardo Cansi. Edições Paulinas
		4	Frase de Max Jacobs
37	Jul./ 1999	3	Frase de Vitor Hugo
		4	Duas frases de Paulo Freire Poema “A utopia” de Eduardo Galeano

Tabela 8 – Citações e Referências presentes no impresso Psiu.

Fonte – Levantamento realizado para a pesquisa.

Em 22 edições das 31 edições localizadas do Psiu pude mapear citações, transcrições e referências a outros textos preexistentes e de variados gêneros. Identifiquei, inclusive, uma seção intitulada “Dicas de leitura”, presente em duas edições (27 e 28), que tinha por objetivo central indicar textos bíblicos, poemas e livros para os leitores do impresso.

A seguir, a tabela construída a partir do levantamento feito nas edições localizadas do Fermento.

Citações e Referências - FERMENTO			
Edição		Página	Citação
2	Ago./ 1982	Capa (1)	Trecho do Documento de Puebla (CELAM)
		6	Música "Sangue Latino", de Ney Matogrosso
		16 (cc)	Poesia de Dom Hélder Câmara
4	Mar./ 1983	Capa (1)	Trecho de uma fala feita pelo Papa João Paulo II em julho/1980, na visita feita ao Brasil.
5	Jun./ 1983	Capa (1)	Trecho do Documento de Puebla (CELAM)
6	Nov./ 1983	12 e 13	Citações bíblica, do livro de Jeremias
9	Set./ 1985	8 e 9	Entrevista exclusiva para o Fermento com Frei Leonardo Boff
11	Jul. Ago./ 1986	14	Texto do Frei Leonardo Boff
		15	Lista de sugestões com doze livros e subsídios sobre a Constituinte
12	Set. Out./ 1986	4 e 5	Espécie de folheto de cantos com nove músicas (sem referência aos autores ou cantores)
13	Maio. Jun./ 1987	7	Charge sobre o salário mínimo (Penna)
		9	Texto ilustrado de Penna
14	Ago./ 1987	5	Charge sobre Possesores e Latifundiários (Nilson Adelino Azevedo)
		10 a 12	Entrevista realizada com "Movimento de Justiça e Direitos Humanos", do qual três membros haviam sido incriminados por acusação indevida.
		12	Charge sobre a Reforma Agrária (Brito)
		14	Frase de D. Pedro Casaldáliga
15	Jul.Set. Out./ 1987	5 e 6	Texto sobre a História de Che Guevara, na ocasião dos 20 anos de sua morte
16	Jun. Jul./ 1988	Contra capa	Citação da Solicitude Social nº 41 do Papa João Paulo II
17	Set. Out./ 1988	14 e 15	Poesia de Pedro da Silva, "Ouvi o clamor deste povo"
		17 e 18	Poesia intitulada "Operário", de Juvêncio P.M., CEUPA 88
		22 a 24	Texto extraído da Revista Mundo Jovem intitulado "Como se organiza um grupo de jovens"
19	Maio. Jun./ 1989	2	Referência ao editorial do Fermento da primeira edição, da primeira fase de produção (30 de junho de 1974)
		6	Trecho da música de Chico Buarque, "Mulheres de Atenas"
		7	Trecho da música de Caetano Veloso, "Dom de iludir"
		30	Frase Charles Chaplin
EE3	1989 (indícios)	4 e 5	Citações bíblicas do evangelho de Mateus
		6	Citações bíblicas do evangelho de João
		8 e 9	Referências ao documento de Puebla, do CELAM.
		10	Citação do documento de João Paulo II sobre os leigos

Tabela 9 – Citações e Referências presentes no impresso Fermento.

Fonte – Levantamento realizado para a pesquisa.

Em 14 das 24 edições do Fermento aparece ao menos uma citação, transcrição ou referência a textos preexistentes. A partir desse levantamento pode constatar a variedade de textos citados e referidos nos impressos, dentre eles: citações de passagens bíblicas, excertos de documentos da Igreja, letras de músicas, poesias, reportagens, charges, frases de pensadores, compilações e sínteses de trechos de livros, entrevistas. A leitura atenta dos dados possibilita a divisão dos textos em três categorias de referências, utilizando como critério a temática: textos de caráter religioso, textos de caráter político e textos de caráter popular/cultural.

No primeiro conjunto de citações, as religiosas, constam trechos e versículos bíblicos, excertos de documentos da Igreja, textos papais e de pensadores católicos. Dentre as citações da Bíblia, as que mais comparecem são dos Evangelhos, livros que narram a vida de Jesus, utilizados como referência religiosa, mas também como exemplo de atitude política, de posicionamento em relação ao projeto de uma sociedade mais justa onde os pobres sejam promovidos. Essas referências estão fortemente presentes nos dois impressos.

Outro texto de caráter religioso que aparece citado três vezes no Fermento é o Documento de Puebla (CELAM, 1979), da Conferência Episcopal Latino Americana (CELAM)²⁰. Esse documento foi fruto de um encontro do CELAM, realizado em 1979 na cidade mexicana de Puebla, que dá nome ao documento. A relevância do texto está no fato de os bispos, nesta conferência, terem reafirmado uma opção preferencial pelos pobres, já descrita em documentos anteriores, e acrescentado a opção preferencial também pelos jovens. Assim, tal documento constituiu-se como um documento base da Igreja mais progressista à época, e foi apropriado pelos leigos ligados à pastoral que tinham, também, essa identificação mais progressista.

No Fermento, igualmente, aparecem três referências a textos do Papa João Paulo II: um trecho de uma fala realizada em visita ao Brasil em julho de 1980 (FERMENTO, nº4, p.1, mar./1983), citação do documento Solicitude Social nº 41 (FERMENTO, nº 16, jun.jul/1988) e, citação de um documento sobre os leigos que se refere ao papel dos jovens (FERMENTO, Edição Especial 3, p.10, 1989). Como

²⁰ É uma organização colegiada composta pelos bispos da Igreja Católica da América Latina e do Caribe. Foi criada em 1955 e tem como missão o lançamento de diretrizes de ação pastoral e de animação da Igreja Católica na América Latina e no Caribe.

autoridade máxima da Igreja Católica, essas citações buscavam legitimar junto à Igreja os conteúdos veiculados pelo impresso. Era também uma busca de apoio nos documentos institucionais para a obtenção de um reconhecimento institucional frente às tensões subjacentes entre os jovens e alguns agentes religiosos.

Músicas, excertos e menções a documentos utilizados pelo clero e pelos leigos ligados à Teologia da Libertação em geral possuíam caráter religioso, muito embora possamos confundi-los com aqueles de caráter político, tal o engajamento social de seu conteúdo. Esses estão presentes de maneira marcante nos dois impressos, tanto Psiu quanto Fermento, que nas citações feitas deixam clara a opção pela Teologia da Libertação. Frases, textos e poesias de expoentes dessa corrente católica, como D. Pedro Casaldáliga, Frei Leonardo Boff, Pedrinho Guareschi, Dom Hélder Câmara compõem nos impressos, assim como as músicas intituladas “Utopia”, de Milton Nascimento e “Pai nosso dos mártires”, de Zé Vicente. Em seu conjunto, estes eram ícones de um movimento que possuía expressividade dentro e fora da Igreja Católica naquele momento histórico e com o qual as Pastorais de Juventude tinham grande afinidade. Boa parte dos textos que os jovens liam na formação oferecida pelas pastorais ligava-se, também, à Teologia da Libertação.

O assessor abordou essas leituras em dois momentos da entrevista 1.

A década de oitenta era de militância. São pequenos aspectos da turma, isso fazia mais parte do contexto. Distribuir folhetos, mesmo leituras sobre Teologia da Libertação, sobre marxismo, etc... (Assessor. Entrevista 1)

A turma lia muito sobre Teologia da Libertação baseada, por exemplo, no [Leonardo] Boff, o [Juan Luís] Segundo, o [Pablo] Richard, o [João Batista] Libânio menos, mas também era. Essas coisas a turma lia mesmo. Não era raro você encontrar na bolsa de um estudante do segundo grau uma coisa sobre Marx ou até o Manifesto Comunista. Era uma leitura meio perigosa, mas a turma lia, a turma dos católicos, do movimento estudantil. Então, eles tinham essa subversão. Subversão na política, mas também nos movimento de Igreja. Isso eu vivi lá no IPJ, coisas que a gente copiava lá e a coisa ia, ia por aí. (Assessor. Entrevista 1)

Ao referir-se às leituras empreendidas pelos jovens, o assessor disse que tais leituras faziam parte da militância e do contexto daquela época. As leituras ligadas ao ideário da Teologia da Libertação caracterizavam-se, em certa medida, como subversivas e não eram bem aceitas por toda a Igreja Católica, tanto que alguns dos teólogos ligados a essa linha teológica foram perseguidos.

Juntamente a essas leituras havia um segundo conjunto de textos, os políticos. Os jovens liam textos sobre marxismo, reproduzidos na informalidade e distribuídos entre os jovens estudantes. Essas leituras ficam também evidenciadas nas citações que contam nas páginas do Psiu e do Fermento. Charges com críticas sociais, como as de Henfil²¹ e outros cartunistas da época, frequentemente figuram nos impressos. De outra parte, muitos textos reportavam-se à Constituinte de 1988, inclusive uma lista indicando doze referências²² que pautariam a temática foi sugerida na edição de número 11 (p. 11, Jul. Ago./ 1986) do Fermento. Dentre doze títulos sugeridos, seis correspondem a produções de grupos e editoras ligados à Igreja Católica. Os outros seis foram produzidos por movimentos sociais ou institutos de pesquisa. A leitura dos títulos leva a inferir que os mesmos constituíam uma espécie de cartilhas, cujo objetivo era esclarecer sobre o que era a Constituinte, quem e como participar e de que forma ela influenciaria a vida das pessoas.

Alguns textos de grande circulação na época, e mesmo até os dias de hoje, relativos aos movimentos sociais também apareciam nos impressos estudantis, como o poema “O analfabeto político”, de Bertolt Brecht (PSIU, nº 16, p. 9, jun./1993) e a música “Pra não dizer que não falei de flores” (PSIU, nº 13, p. 10, jun./1992), de Geraldo Vandré. Autores, também de grande circulação na época e até os dias de hoje, como Paulo Freire e Eduardo Galeano aparecem citados com frases e em poesias que conferiam ao impresso um caráter politizado e engajado. Outros textos veiculados, por seu próprio conteúdo, deixam entrever seu teor, como é o caso do poema de Ana Alves Godoy intitulado “Despertar do povo” (PSIU, nº14, contracapa, out./1992), e a resenha de um texto de José de Souza Martins, “Tio Patinhas no centro do universo” (PSIU, nº7, p. 7, 1ºsem./1988).

O terceiro conjunto de pistas das práticas de leitura, que chamei de citações de caráter popular ou cultural, contempla o conjunto de frases, músicas, textos que

²¹ Cartunista, jornalista e escritor mineiro, nasceu em 1944 e faleceu em 1988. Envolveu-se desde cedo em movimentos sociais, inclusive na Juventude Estudantil Católica (JEC), publicou inúmeras charges, cartazes, cartuns tematizando questões políticas e sociais do país. (conferir: Enciclopédia Itaú Cultural Online http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=3593&cd_item=1&cd_idioma=28555. Acesso em 01.jun.2014)

²² São elas: 1. Igreja e Constituinte – CNBB; 2. Cartilha da Constituinte – Secretaria Nacional da PO; 3. A Constituinte interessa aos trabalhadores rurais? – Movimento dos Sem terra/SP; 4. A Constituição e os Trabalhadores – DIEESE/São Paulo; 5. A luta faz a lei – CAMP/Porto Alegre; 6. Caderno sobre Constituinte para militantes – PJR; 7. O que é Constituinte – Coleção Primeiros Passos; 8. Como participar da Constituinte – Coleção Fazer; 9. O Povo de Deus e a Constituinte – Loyola/São Paulo; 10. Como fazer Nova a República – Coleção Fazer/IBASE; 11. A conquista da Roça – Comissão de Pastoral da Terra; 12. Por uma nova Ordem Constitucional – CNBB/Paulinas.

abordam temáticas relacionadas ao que estava em pauta no impresso. No caso das músicas, em todas as pistas encontradas, tratava-se canções brasileiras de artistas conhecidos nacionalmente, como Caetano Veloso e Chico Buarque, identificados como “engajados”, “críticos”, que haviam sido exilados durante o regime militar. Essa categoria é a mais abundante nos impressos, principalmente pela presença de frases de pensadores diversos ao fim das páginas ou em coletâneas de frases que nada tem em comum além do fato de terem sido escritas por pensadores conhecidos. Alguns exemplos de autores cujas frases celebrizadas são reproduzidas nas páginas do Psiu e do Fermento são: Vitor Hugo, Albert Einstein, La Fontaine. Poemas e trechos de livros também são citados principalmente no Psiu: poemas de Mário Quintana e trechos de livros como “Alice através do espelho”, de Lewis Carroll, aparecem nas edições analisadas.

Os argumentos aqui propostos possibilitam uma leitura dos textos, realizada hoje, segundo critérios de critérios de pesquisa que se propuseram a uma sistematização. Os sentidos atribuídos a esses textos por aqueles que os leram, ou a intencionalidade daqueles que escolheram citá-los, não são possíveis de apreender com exatidão, embora as motivações possam ser inferidas.

Uma observação quanto aos suportes dos impressos conduz, ainda, a tratar de alguns aspectos concebidos como protocolos de leitura, inscritos no texto pelo autor e/ou pelo editor com o intuito de restringir a multiplicidade de leituras possíveis, assegurando o que seria, supostamente, a leitura ideal do texto (CHARTIER, 2011b). Os protocolos nos levam a compreender alguns aspectos da intencionalidade daqueles que compilaram ou escreveram os textos e produziram os impressos aqui estudados. Esse é o aspecto abordado na sequência.

4.2 OS PROTOCOLOS DE LEITURA

Os jovens leitores do Psiu e do Fermento, como se relacionavam com os textos veiculados? Eram fiéis a seus propósitos? Transgrediam os sentidos pensados por seus autores? As práticas de leitura daqueles que se apropriaram dos impressos estudantis, ou de quaisquer outros impressos, supõem liberdades lado a lado com um conjunto de restrições, afinal,

Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. (CHARTIER, 1998, p. 77)

Quais os protocolos de leitura que atravessam os impressos estudados? Como é assegurado o sentido dos textos? É incorreto supor que uma mesma materialidade produz, junto a diferentes leitores, os mesmos sentidos da leitura. Mudam os gestos de leitura de acordo com as razões de ler, sejam elas formativas, informativas, de militância no movimento estudantil, ou de formação catequética, e em alguns casos, até de contestação.

Com efeito, todo autor, todo escrito impõe uma ordem, uma postura, uma atitude de leitura. Que seja explicitamente afirmada pelo escritor ou produzida mecanicamente pela maquinaria do texto, inscrita na letra da obra como também nos dispositivos de sua impressão, o protocolo de leitura define quais devem ser a interpretação correta e o uso adequado do texto, ao mesmo tempo em que esboça seu leitor ideal. (CHARTIER, 2011a, p. 20)

Os protocolos de leitura presentes no Psiu e no Fermento visam uma interpretação correta dos textos e discursos apresentados, utilizando-se de diferentes estratégias para isso. Na estrutura do texto ou nas imagens inseridas frequentemente se pode constatar a idéia de um leitor ideal, de usos apropriados imaginados por aqueles que compilaram, montaram, escreveram os textos e produziram os impressos.

Para fins de sistematização, proponho duas categorias que remetem, por assim dizer, a dois grupos de protocolos presentes no conjunto de impressos analisados. Alguns são bastante evidentes e os mais recorrentes. O primeiro caracteriza-se pelas inserções, complementos aos textos que intentam circunscrever os sentidos atribuídos. Também apresenta-se disposto de modo a preencher espaços e acaba por contribuir na construção de significados pelo leitor. Este primeiro conjunto, em geral, é um grupo de dispositivos inseridos por quem produz os impressos, e caracterizam sua impressão. O segundo conjunto de protocolos está inscrito mais diretamente no próprio texto, é parte de sua maquinaria, constitui-se

das formatações feitas nos textos, como o uso de fonte em negrito, de caixa alta, de sublinhado, entre outros.

O primeiro conjunto de protocolos de leitura presentes no Psiu e no Fermento diz respeito às imagens abundantes na ilustração dos diversos textos. Podem ser divididas em três grupos: aquelas que possuem relação direta com o texto veiculado, com o objetivo de didatizar o conteúdo apresentado, e aquelas com uma função que pode-se descrever como estética, ou de preenchimento gráfico do espaço da página, um recurso de identidade visual do periódico.

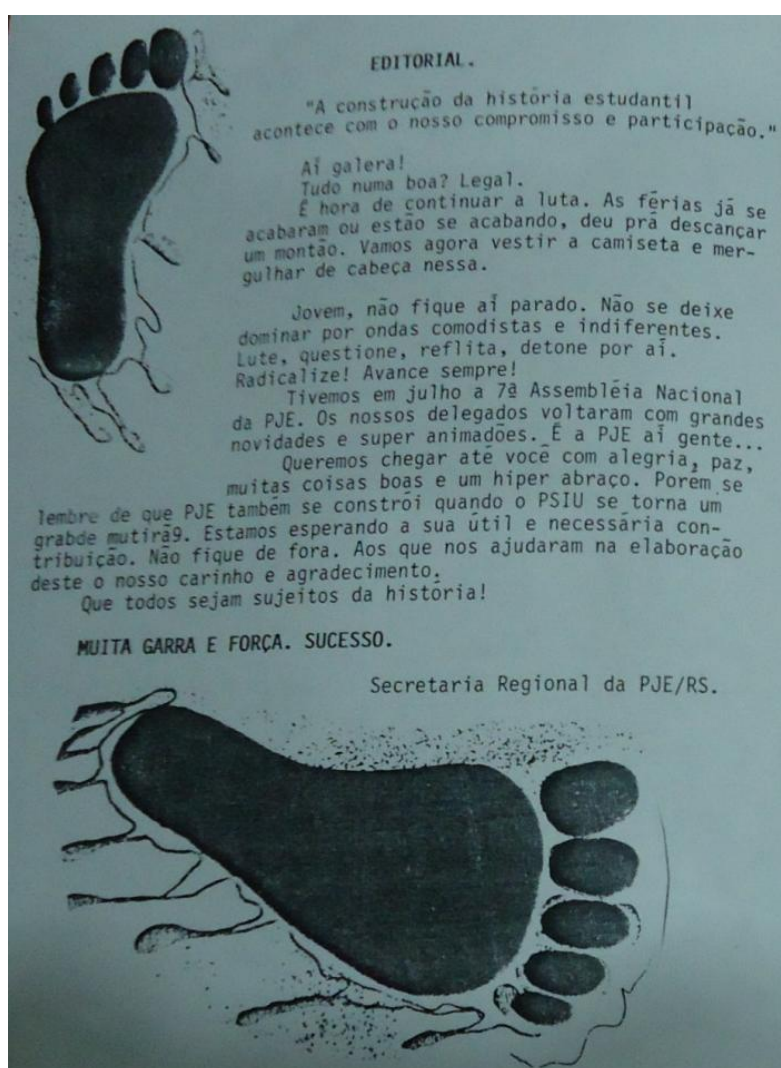


Figura 15 – Recorte da página 1 do Psiu n° 17
Fonte – Acervo IPJ

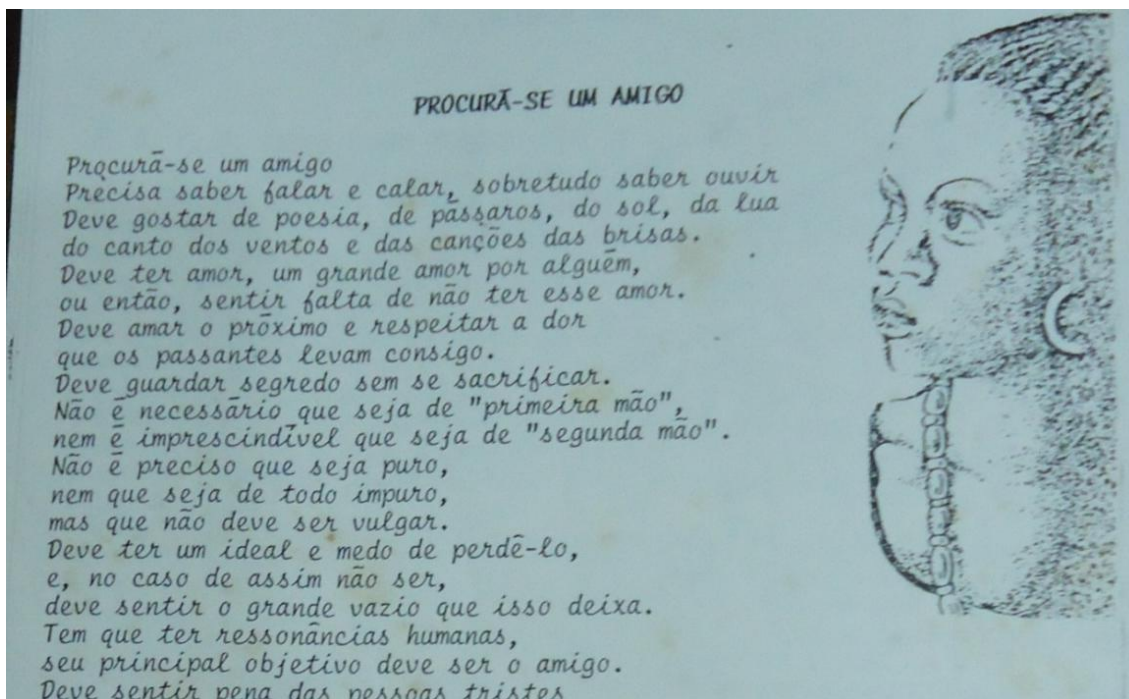


Figura 16 – Recorte da contracapa do Psiu nº 18
Fonte – Acervo IPJ

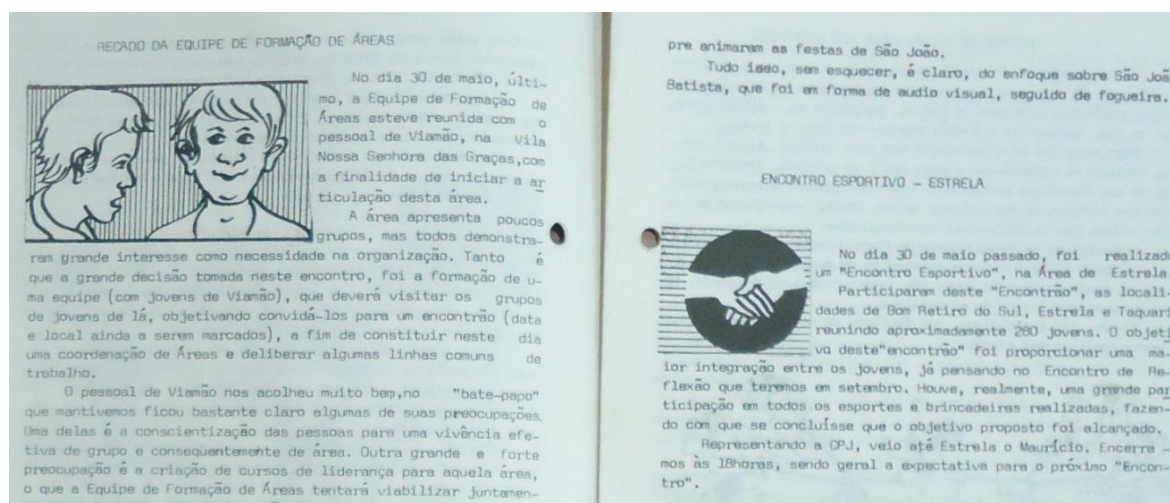


Figura 17 – Recorte das páginas 4 e 5 do Fermento nº 2
Fonte – Acervo IPJ

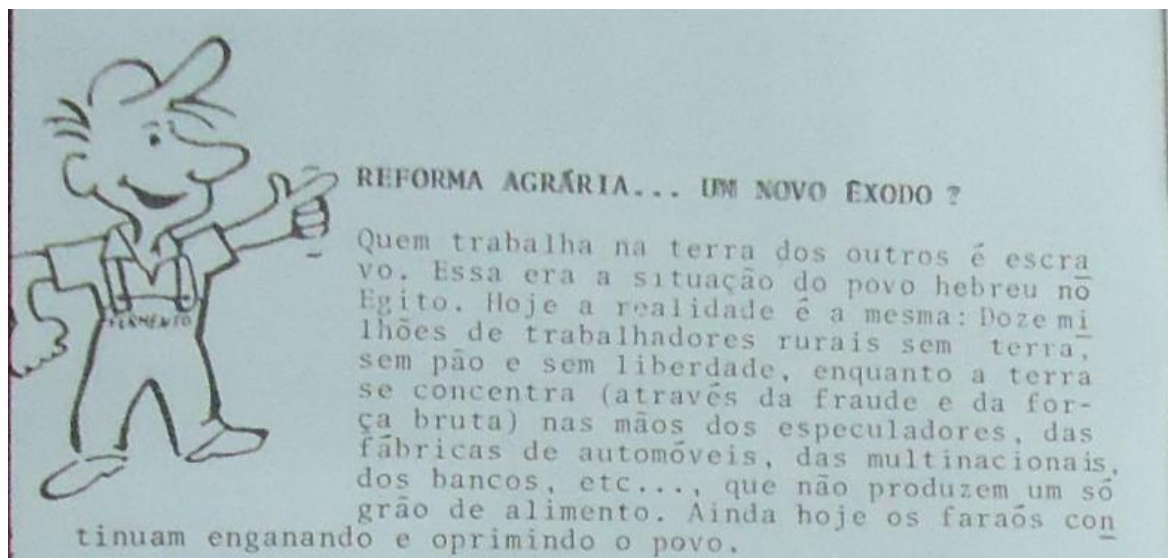


Figura 18 – Recorte da página 2 do Fermento nº 11
Fonte – Acervo IPJ

Nas figuras 15 a 18 constam exemplos de imagens que contribuem na atribuição do sentido ao texto escrito, embora não possuam uma relação direta com o mesmo. Mas não são descontextualizadas, aleatórias, estão inscritas simbolicamente no conjunto de imagens disponíveis e que freqüentam o movimento de jovens da pastoral e as culturas juvenis daquele momento histórico. A figura 15 apresenta o editorial de uma das edições do Psiu onde o espaço foi preenchido com imagens de pegadas. O texto anuncia a volta das férias e a 7ª Assembléia Nacional da PJE, assuntos que, aparentemente, nada tem a ver com as imagens. As pegadas são muito significativas nesse contexto, são utilizadas para representar a caminhada dos jovens, dos grupos e da própria PJE, as marcas que estes vão deixando por onde passam, imagem e expressão que integra a discursividade desses grupos.

O mesmo acontece nos demais exemplos. As imagens comparecem como protocolos de leitura que, em um primeiro olhar, não apresentam relação direta com o texto. No entanto, não parece possível afirmar que tais imagens estejam fora de contexto no impresso e, portanto, acabam por estabelecer interlocuções com os textos.

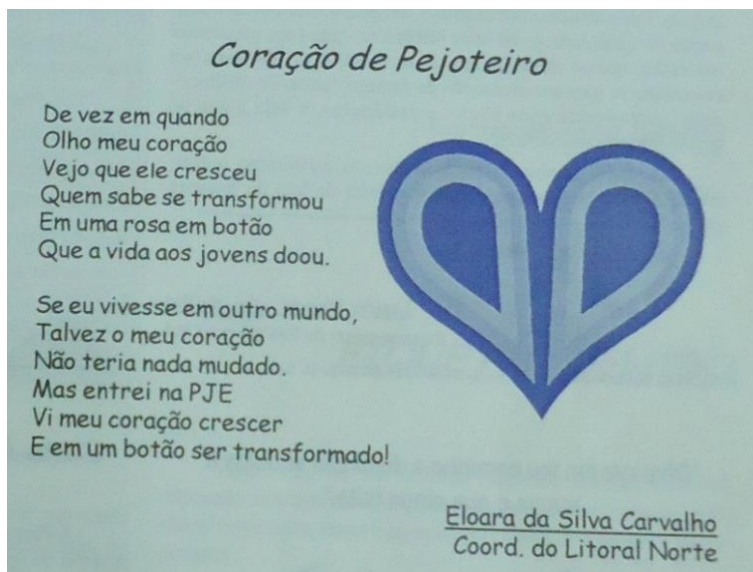


Figura 19 – Recorte da Capa do Psiu de número 35

Fonte – Acervo do IPJ

**“SEM PRAZER
NÃO DÁ!”**

DIA: 16 de abril

HORA: 20 horas

Galeto de



Confraternização

LOCAL: Igreja N. S. do Trabalho
Av. Benno Mentz, 1560



ÔNIBUS: Educandário-Linha 16

CONVITE: cr \$ 800,00 `a disposição na CPJ

Figura 20 – Recorte da contracapa do Fermento de nº 4

Fonte – Acervo do IPJ

Algumas imagens, ainda, visam destacar um aspecto central daquilo que o texto deseja transmitir ao leitor, como nas figuras 19 e 20. A imagem de um coração presente na capa do Psiu (figura 19) acompanha uma poema intitulado “Coração Pejoteiro”. Há aí uma relação direta entre o texto enunciado e a imagem apresentada, ainda que essa sirva, também, como ornamento da página, a ideia parece ser ressaltar o título – não só as mentes, mas os corações são pejoteiros. O mesmo acontece na figura 20, na qual o convite para um galeto vem acompanhado de imagens singelas de duas galinhas. As figuras apresentadas, então, vem a ratificar esse sentido dos textos.

O terceiro grupo de imagens recorrente no Psiu e no Fermento apresentam caráter de didatização, em geral utilizadas como explicativas ou como comentário ao texto. Na maior parte dos números aparecem em meio a textos mais densos, e/ou teóricos, que alternam imagens e escritas manuscritas, que por vezes assemelham-se ao formato de charge ou história em quadrinhos. Sugerem uma preocupação em tornar os textos mais acessíveis, valendo-se das ilustrações que supostamente vêm em auxílio à compreensão de textos considerados, por parte de quem escreve ou produz o impresso, de difícil interpretação. Esse grupo de imagens também tem forte influência na identidade visual desse tipo de impresso.

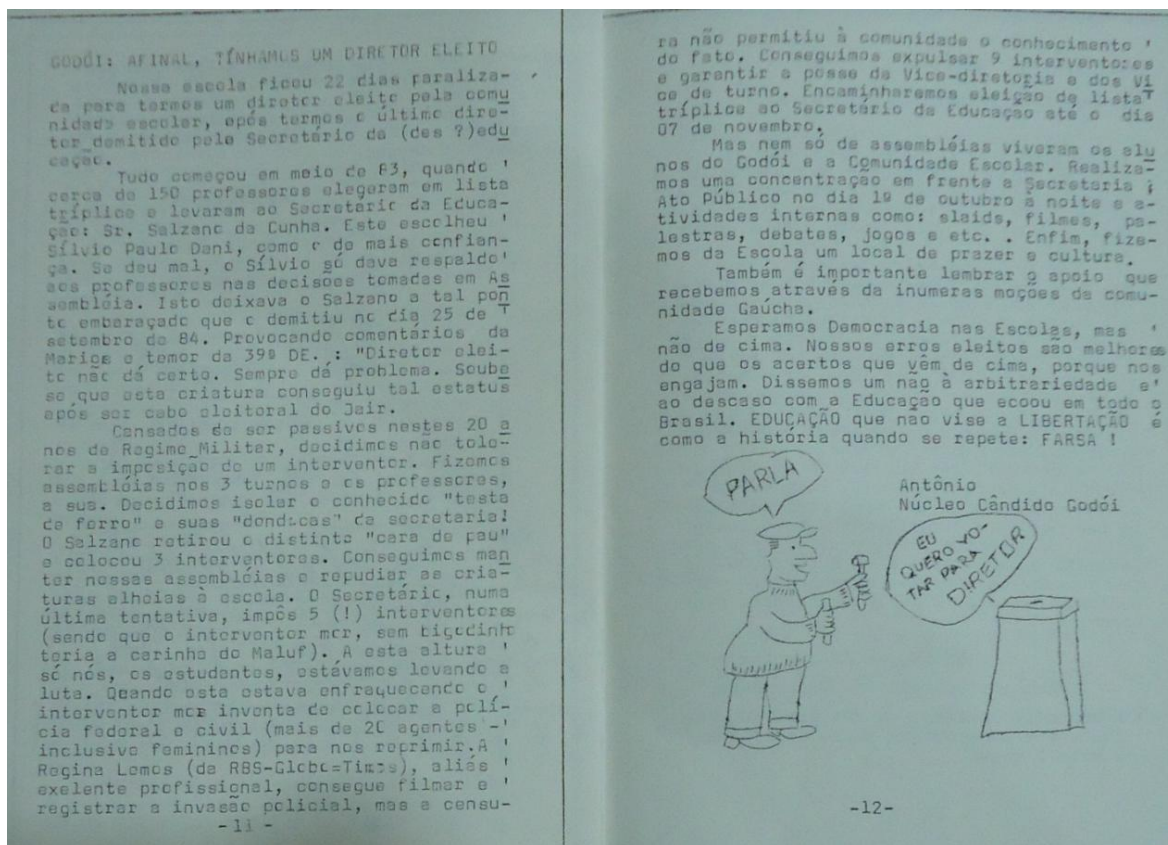


Figura 21 – Páginas 11 e 12 do Psiu de nº 4
Fonte – Acervo IPJ

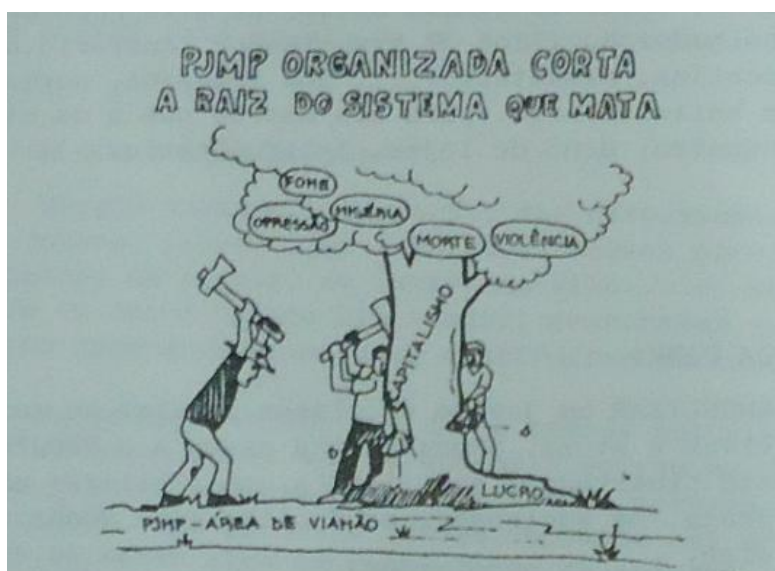


Figura 22 – Página 12 do Fermento de nº 17
Fonte – Acervo do IPJ

Como exemplo do terceiro grupo de imagens as figuras 21 e 22 apresentam ilustrações que fazem alusão ao texto e são mais do que ilustrativas, pois exemplificam e buscam sistematizar seu conteúdo. A figura 21 é do Psiu, acompanha um texto que trata da eleição de diretor em uma escola e faz referência

ao que, hoje, chamamos gestão democrática. A imagem que está próxima elucida o desejo de votar, ratifica a ideia do direito ao voto para diretor que se apresenta como mais do que um direito, mas um desejo dos membros das comunidades escolares.

A figura 22, por sua vez, encerra um longo texto que apresenta a Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP), seus objetivos, o lugar específico de sua atuação, as lutas sociais e políticas as quais se propõe. A imagem representa o sistema social como uma árvore e o objetivo e luta da PJMP, cortar essa árvore. Nos dois exemplos as imagens são acompanhadas de pequenas frases ou palavras, que ajudam na sistematização da ideia apresentada no texto. Tal referência deve-se ao trabalho feito também de maneira integrada entre as pastorais.

Assim, “[...] a forma do objeto escrito dirige [...] o sentido que os leitores podem dar àquilo que lêem” (CHARTIER, 1998, p. 128). A ilegalidade, que no texto é um conceito cifrado, torna-se um exemplo de ação por meio da utilização de charges. E, também, através desse recurso, constata-se uma tentativa de controlar a atribuição de significado ao texto, de forma que os leitores estejam convencidos por aquilo que o texto afirma.

O segundo tipo de protocolo que elenquei, diferencia-se um pouco dos demais pelo fato de não valer-se de imagens, mas da própria textualidade do impresso. Entretanto, converge em sua intencionalidade: dar ênfase a determinadas informações e torná-las acessíveis a um público que não necessariamente seja detentor de conhecimentos prévios a respeito dos assuntos apresentados.

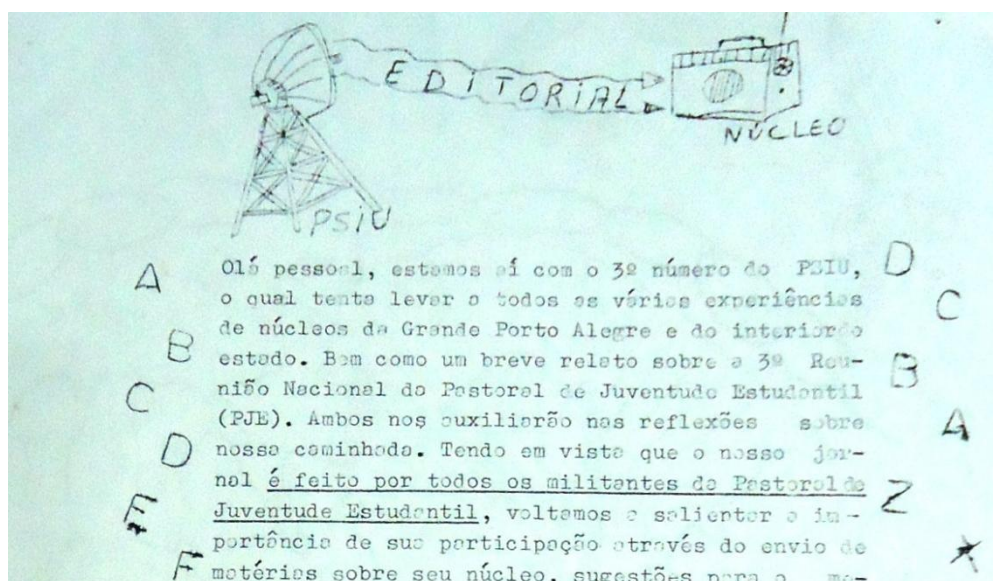


Figura 23 – Recorte da página 2 da edição nº 3 do Psiu

Fonte – Acervo do IP

UMA VISÃO DE CONJUNTURA

Para estudar a realidade, precisamos analisar a sociedade em dois aspectos:

ESTRUTURAL; ou seja, as características básicas ou mais ou menos estáveis da sociedade.

CONJUNTURAL; ou seja, o momento histórico concreto que atravessa tal sociedade.

Na conjuntura, o momento histórico, as classes e grupos sociais estão atuando em movimento, divididos em dois grandes grupos: os OPRESSORES e os OPRIMIDOS, tal como aparecem divididos a nível de estrutura econômica. Se nós quisermos analisar a ação destes grupos e entender os problemas e contradições que existem entre si, tem que tomar partido por um dos dois campos: pelo campo do povo oprimido, na nossa opinião.

Em termos estruturais é preciso entender que existem na nossa realidade dois projetos de sociedade que estão em constante movimento, em constante luta. O projeto das elites, das atuais classes dominantes e o projeto das classes dominadas.

O governo Collor, representa os interesses da classe dominante e estes querem preservar o seu projeto a qualquer custo.

Diante desta realidade, nós cristãos, somos desafiados a:

- organizar cada vez mais o povo, para a luta organizada e pacífica;
- investir na formação, buscando formas coletivas e associativas de organização popular;
- oferecer a classe política sugestões concretas e eficientes, para sairmos da crise;
- articular a união e a unidade política de ação coletiva para conquistar-mos as mudanças estruturais da sociedade e construirmos uma nova sociedade: justa e fraterna.

Figura 24 – Contracapa da edição nº 11 do Psiu

Fonte – Acervo do IPJ

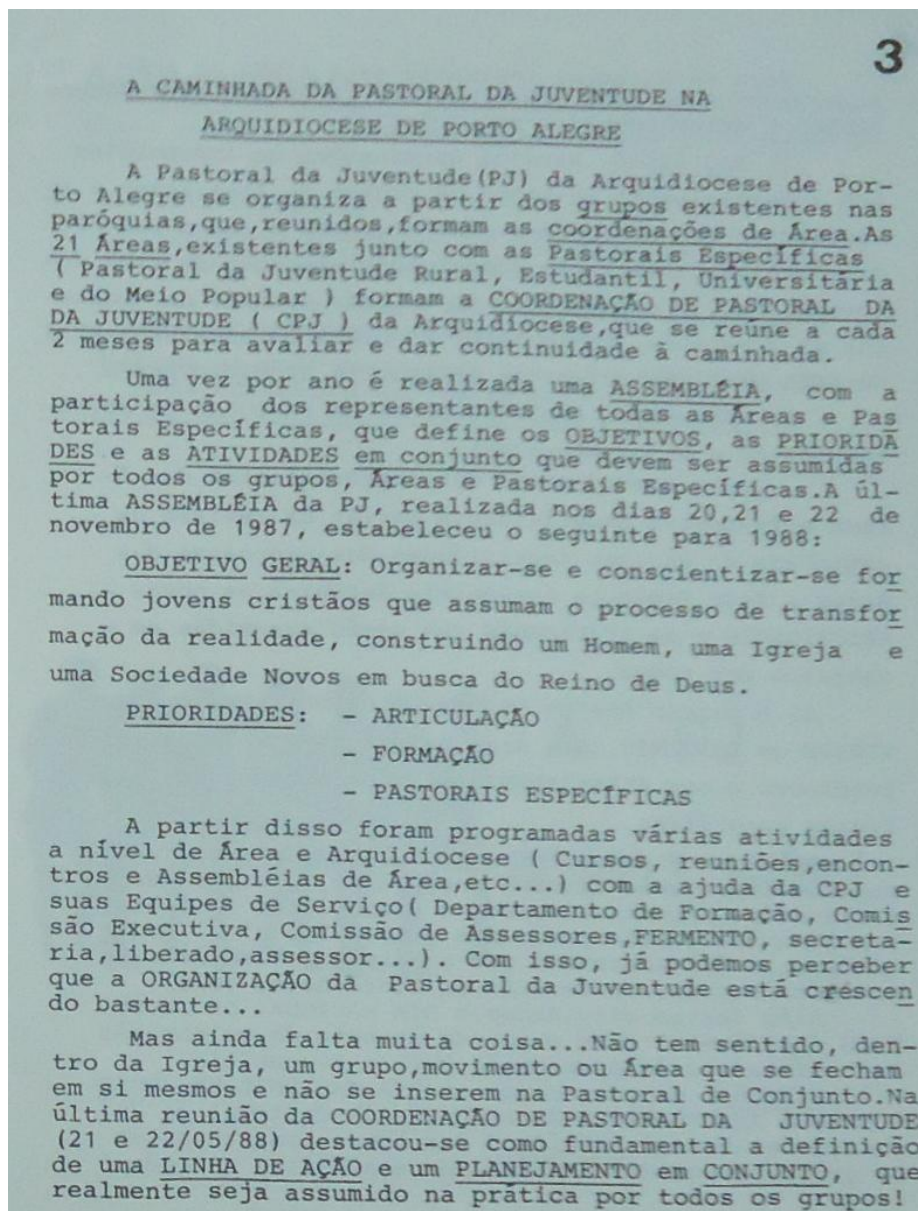


Figura 25 – Página 3 da edição nº 16 do Fermento
Fonte – Acervo do IPJ

Nos exemplos acima observar-se o uso de caixa alta, sublinhados e, em alguns casos, negritos para enfatizar ou destacar as idéias centrais, ou as palavras chave do texto. A figura 24 apresenta um texto do Psiu intitulado “A vida de conjuntura”, que a um só olhar identificamos as idéias centrais pelo uso da caixa alta: ESTRUTURAL, CONJUNTURAL, OPRESSORES, OPRIMIDOS. Nesse exemplo, vemos também outro recurso abundante nos textos desses impressos: a divisão em tópicos, frases mais curtas e diretas. Também nas figuras 22 e 25, os recursos gráficos da formatação do texto são marcantes.

Autor e editor se valem de uma figura de “leitor ideal”, com determinadas competências, para guiar seu trabalho. E a partir dessas competências, lançam mão

de esforços e efeitos de persuasão para infundir pensamentos e idéias nos leitores (CHARTIER, 2011a).

Figuram na atribuição de sentido ao texto lido inúmero elementos pessoais do sujeito, como sua história de leitura e suas capacidades léxicas. No entanto, a liberdade de atribuição de sentido ao texto por quem o lê não é total. Os protocolos de leitura são dispositivos que de alguma forma cerceiam essa liberdade. Como apresentei antes, esses protocolos podem ser internos ao texto, tanto de escrita, quanto de formatação, ou externos a ele, como o caso das abundantes imagens presentes no Psiu e no Fermento. Chartier (2011b) descreve tais protocolos.

Com efeito, podemos definir como relevante à produção de textos as senhas, explícitas ou implícitas, que o autor inscreve em sua obra a fim de produzir uma leitura correta dela, ou seja, aquela que estará de acordo com sua intenção. Essas instruções, dirigidas claramente ou impostas inconscientemente ao leitor, visam a definir o que deve ser uma relação correta com o texto e impor seu sentido. [...] Mas essas primeiras instruções são cruzadas com outras, trazidas pelas próprias formas tipográficas: a disposição e a divisão do texto, sua tipografia, sua ilustração. Esses procedimentos de produção de livros não pertencem à escrita, mas à impressão, não são decididas pelo autor, mas pelo editor-livreiro e podem sugerir leituras diferentes de um mesmo texto. (CHARTIER, 2011b, p. 96 e 97)

As leituras de sujeitos-leitores que tomaram contato com o Psiu e o Fermento foram únicas e marcadas por questões próprias ao tempo-espço de apropriação. Mesmo se cada nova leitura desses impressos é singular, isto não significa que inexistam características comuns e intencionalidades propostas pelos protocolos de leitura, sejam aqueles de formatação gráfica do texto, sejam aqueles que compõem cada página da maneira como a vemos. As escritas e produções dos impressos visavam construir uma leitura correta, com o intuito de não se deixar perder a ideia a ser transmitida, a ênfase para o ideário das pastorais.

A grande questão, quando nos interessamos pela história da produção de significados, é compreender como as limitações são sempre transgredidas pela invenção ou, pelo contrário, como as liberdades da interpretação são sempre limitadas. (CHARTIER, 1998, p. 19)

Aqueles jovens responsáveis pela produção dos impressos foram também formados por suas leituras prévias. O exercício de escrever é fruto do exercício de ler e buscar novas temáticas, novos textos para partilhar com os leitores. Porém,

nem as leituras realizadas, nem as escritas empreendidas encontram-se desligadas do suporte em que os textos são dados a ler.

Os protocolos de leitura apresentados contribuíram na atribuição de sentidos aos textos lidos no Psiu e no Fermento e também eram parte de uma gramática discursiva e uma identidade visual desses impressos.

5 PSIU E FERMENTO: PRÁTICAS DE LEITURA, ESCRITA E PRODUÇÃO DE IMPRESSOS DAS PASTORAIS DE JUVENTUDE



*Pois as palavras são portadoras do presente, elementos de reconhecimento
e de distinção do tempo do qual vieram.
(FARGE, 2009, p. 81)*

A pesquisa em história da educação, como produção historiográfica, é uma constante busca pelo reconhecimento e, ao mesmo tempo, pela distinção frente ao passado, como aponta Arlette Farge (2009). No estudo que desenvolvi, as palavras, os textos, as imagens impressos nas páginas do Psiu e do Fermento e a própria materialidade desses periódicos foram os elementos que possibilitaram tanto o reconhecimento quanto a distinção diante do que hoje constitui as vivências da Pastoral da Juventude e os modos de circulação de idéias e informações dos grupos juvenis a ela ligados.

Com o objetivo de compreender os processos de produção, escrita e leitura implicados nos impressos estudantis de jovens, esta dissertação lançou-se à análise e compreensão dos processos envolvidos com os impressos estudantis das décadas de 80 e 90 do século XX e que foram produzidos e disseminados no Rio Grande do Sul. Destacou aqueles periódicos que circularam entre jovens estudantes e protagonizados pelos próprios jovens.

O estudo realizado intenta contribuir com o campo da história da cultura escrita, pensado a partir da História da Educação. Sob inspiração dos pressupostos teóricos da História Cultural concebeu as práticas de leitura, escrita e produção do Fermento e do Psiu como práticas culturais.

Dimensionar o significado e a importância dessa experiência histórica dos impressos estudantis de jovens implica, forçosamente, compreendê-los no contexto

social da época em que foram produzidos e circularam. Neste estudo, foram considerados como documentos constituídos e constituintes das relações socioculturais dos jovens estudantes que participavam dos grupos de jovens das pastorais da juventude, em tempos de redemocratização da sociedade brasileira após o período da ditadura militar dos anos 1960 a fins dos anos 1970 e início da década de 80, bem como em tempos de emergência e afirmação do ideário da Teologia da Libertação no campo da Pastoral da Juventude. São, portanto, significativos para lançar olhares às práticas sociais e políticas, mas também às práticas pastorais, ao cotidiano escolar e às culturas juvenis, contextos implicados nas redes de relações cruzadas que ensejaram a sua produção. Não é possível interpretá-los sem pensar nos espaços por onde os jovens circulavam e nos quais agiam.

Os caminhos da pesquisa iniciaram antes mesmo do ingresso no mestrado em Educação, pois ainda na graduação ocorreu uma decisiva aproximação aos estudos da História da Educação e da História Cultural. As inserções e motivações que levaram a pesquisar impressos estudantis de jovens estão, portanto, na imbricação dessa experiência com a condição de bolsista de iniciação científica durante a graduação e que antes foi mencionada. Também decorreu de uma dimensão da vida pessoal. As vivências nas Pastorais de Juventude aconteceram ainda na adolescência. Entretanto, vale registrar que o conhecimento dos impressos analisados aconteceu somente com o início desta pesquisa. Isso não minimiza o fato de que como pesquisadora sou, de certa forma, nativa do contexto e dos objetos da pesquisa que elegi nesta dissertação (SARMENTO, 2003). No decorrer da pesquisa, experimentei muitos momentos de identificações pessoais com os sujeitos produtores dos impressos; também fui militante da Pastoral da Juventude e da Pastoral da Juventude Estudantil.

Para traçar o percurso de aproximação com as práticas de produção, escrita e leitura dos impressos *Psu* e *Fermento*, algumas delimitações se fizeram necessárias. A primeira delas refere-se ao *design da pesquisa*, ou seja, o conjunto de escolhas teóricas e empíricas que findaram por configurar a investigação e, principalmente, as reflexões deste texto.

Entrelaçado às opções teóricas e o recorte temático, foi possível compor o corpus empírico a partir de dois conjuntos de impressos estudantis de jovens – as edições do *Psu* e do *Fermento* – e, no transcorrer do exercício de apropriação do

que estava posto nesses impressos, confirmou-se o desejo de realizar entrevistas para cotejar informações, aproximar o vivido e o pensado sobre aqueles sujeitos e suas práticas. Finalizada a dissertação, eu e minha orientadora ficamos convencidas do acerto da decisão em realizar as três entrevistas que somaram-se como documentos empíricos do estudo. O contato com os entrevistados possibilitou ampliar o repertório de informações sobre as práticas de produção, de escrita e de leitura implicadas no Psiu e no Fermento, possivelmente também em muitos outros impressos estudantis de juventude da mesma época.

Os dois conjuntos de impressos – Psiu e Fermento – são o objeto central a que se dedicou a pesquisa, que por meio de uma descrição de suas materialidades, protocolos de leitura, temáticas que abordam, acredita ter demonstrado a importância dos mesmos na formação dos jovens que integravam os grupos juvenis que os produziam e que filiavam-se às pastorais de juventude da Igreja Católica. Esses impressos encontram-se disponíveis, reunidos e conservados em um Acervo específico junto ao Centro de Assistência Social e Pastoral Juvenil Lassalista, no bairro Niterói, cidade de Canoas/RS. Como Acervo, foi constituído por um Instituto que não existe mais como instituição, mas que persiste nas memórias e nos vestígios materiais representados pelo Acervo. A presente dissertação almeja contribuir com uma maior visibilidade e conhecimento do potencial do Acervo para muitas outras pesquisas sobre juventudes e pastoral, mas também com estudos sobre formação e educação de jovens. Gostaria, sobretudo, de que o Acervo pudesse ser percebido como potencial espaço de estudos que somem ao campo da história das práticas de leitura e de escrita, história da imprensa de educação, ou melhor, história da cultura escrita e de suas relações com as culturas juvenis em nosso país.

No contato com o Acervo, deixei-me impregnar pelos impressos, pelos jovens que se narram e narram a sociedade na qual viviam, perceber aquilo que, sem tal imersão, não seria visível. A imersão foi necessária à pesquisa, o contato com os impressos, as idas e vindas, suscitaram muitas indagações e diversas alternativas para organizá-los, de uma forma, de outra e então reorganizá-los na direção do problema de pesquisa. Registro aqui a importância de ter fotografado cada página e de ter constituído um arquivo pessoal para consultas constantes, assim como o quanto foi decisiva a elaboração de instrumentos de organização e explicitação dos achados através de tabelas e levantamentos que permitiram interrogar as

continuidades, as rupturas, observar quadros e descrições, eleger categorias. E a partir disso foi possível apontar algumas considerações e outras tantas indagações.

Uma primeira constatação diz respeito aos sujeitos das práticas pesquisadas. No caso do Psiu e do Fermento é necessário ressaltar que os sujeitos, autor e editor, em geral, coincidem desde o processo de escrita dos textos até a produção dos impressos e a distribuição para os leitores, também jovens estudantes, em sua maioria ligados aos grupos das pastorais de juventude. Psiu e Fermento podem ser pensados como práticas de formação de jovens em relação às quais podemos perscrutar procedimentos que exigem competências e recursos diferenciados e que demonstram a complexidade envolvida no processo da imprensa estudantil de jovens.

O “espaço visual da página” (CHARTIER, 1999, p. 47) nos impressos Psiu e Fermento foi construído a partir de combinações intencionais, ou não, que conformaram a identidade visual desses impressos, assim como de muitos outros similares naquele contexto. A combinação de variados gêneros textuais inscritos de maneira quase artesanal no suporte impresso caracterizam um tipo específico de impresso, fruto de uma época e um modelo de ação pastoral. As pastorais com um engajamento político e social, mas com poucos recursos financeiros e sem profissionais com formação para a produção de impressos empreenderam essas construções com a participação efetiva dos jovens.

Outra constatação diz respeito aos sentidos atribuídos à produção desses impressos. O objetivo de serem impressos produzidos pelos grupos de jovens demonstra a participação de muitos na escrita de textos, envio de notícias, distribuição dos impressos. Nas várias etapas do processo de produção, os grupos de jovens eram convidados a contribuir com uma participação efetiva. O sentido de protagonismo dos jovens comparece fortemente. Não se queria um jornal feito para os jovens, para os grupos de jovens e sim feito pelos jovens, com os pares e para circular entre os jovens.

O impresso, em suas variações, era fundamental para qualquer organização ou grupo que desejasse registrar e dar visibilidade às suas ações. O papel constituía-se como espaço de memória e de divulgação. Em muitos momentos, em vários editoriais, os impressos se afirmam como espaço de “comunicação com, dos e entre os” grupos de jovens. Noticiar atividades, eventos, datas, registros de

experiências, convites, idéias, chamamentos ao engajamento foram objetivos que justificavam o empenho em criar, manter e difundir esses impressos.

Nesse contexto de produção do Psiu e do Fermento, a escrita não tinha um fim em si mesma. Os textos não eram escritos como forma de registro pessoal ou partilha para um pequeno grupo, tinham por objetivo a grande circulação entre os jovens das pastorais de juventude. Aqueles que escreviam tinham, também, uma motivação de militância, escreviam para que muitos lessem, esforçavam-se em formar opiniões semelhantes as suas, para promover debates, para informar, para levar ao engajamento na luta por uma sociedade com justiça e fraternidade.

Os jovens, instados pelas ações de mobilização e formação das pastorais de juventude, ampliavam constantemente seus repertórios de leitura, assim como seus conhecimentos de história, conjuntura, teologia. Dentre leituras, discussões, escritas, palestras, encontros pastorais, se desenvolvia uma espécie de educação não-formal. Na PJ e PJE, por meio da participação ativa dos jovens nessas atividades e práticas dava-se a *formação*, processo pelo qual os jovens apropriavam-se de diversos conteúdos e conhecimentos específicos, além de competências e práticas de saber-ser/saber-fazer variadas. Foi possível vislumbrar a importância e a valorização dada a essa formação nos relatos escritos que constam nos impressos Psiu e Fermento, assim como nas falas dos entrevistados que deram ênfase ao envolvimento dos jovens, que por vezes legitimavam mais as aprendizagens pastorais do que os conteúdos escolares.

Pude perceber que os impressos deixam entrever as práticas de leitura dos jovens que os produziram. Considerei os textos, o conteúdo, a organização espacial, material e a visualidade das páginas dos impressos como pistas das práticas leitoras dos jovens que os produziam. Reafirmei o quanto a leitura era fundamental tanto como processo formativo quanto como necessária à ação dos jovens. A produção de impressos possibilitava e disseminava estratégias de articulação dos jovens. Leitura, estudo e militância confundiam-se como práticas de formação e de engajamento social dos jovens no âmbito da pastoral.

Por fim, uma observação cuidadosa quanto aos suportes do Psiu e do Fermento sugeriu, ainda, destacar os aspectos caracterizados como protocolos de leitura, que podem ter sido inscritos no texto pelo autor e/ou no espaço visual das páginas pelo jovem editor com o intuito de restringir a multiplicidade de leituras possíveis, buscando assegurar o que seria uma leitura ideal dos textos. Os

protocolos também ajudam a compreender alguns aspectos da intencionalidade daqueles que compilaram ou escreveram as epígrafes, as citações e os textos e produziram esses periódicos. Identifiquei dois grupos principais de protocolos mais recorrentes: as inserções complementares aos textos que buscavam circunscrever os sentidos atribuídos ou preencher espaços, e portanto contribuía na atribuição de significados (imagens, ilustrações e charges compiladas ou produzidas pelos próprios jovens); e aqueles protocolos que considere como uma espécie de maquinaria dos textos, inseridos pelo próprio autor para enfatizar idéias ou didatizar o conteúdo, como as formatações, o uso de fonte em negrito, a caixa alta, os sublinhados, entre outros.

Ao fim desta pesquisa, não me sinto em um ponto de chegada, mas em novo ponto de partida. As análises e reflexões empreendidas a partir do Psiu e do Fermento, se revisitadas agora, suscitam novas miradas, outras imersões, inúmeras aproximações ainda por fazer. Este estudo buscou dar conta de alguns aspectos que não contemplam todo o potencial de pesquisa desses impressos e do conjunto do Acervo do IPJ.

Encerro este estudo para dar início a outras muitas reflexões, como pedagoga, como estudante, como militante das pastorais de juventude, sentindo-me motivada a trilhar outros caminhos de pesquisa, outras práticas mais maduras e mais embasadas nas reflexões aqui desenvolvidas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. O Crisol: periódico das alunas do Colégio Americano (Porto Alegre/RS, 1945-1964). **Revista História da Educação**. ASPHE/FaE/UFPel, Pelota, v.17, n.40, maio/ago. 2013. p. 267 – 290.

_____. Um periódico juvenil: civilidade nas páginas de O Clarim. **Conjectura**. Caxias do Sul, v. 17, n. 2, maio/ago. 2012. p. 123 – 144.

AMARAL, Giana L. Os impressos estudantis em investigações da cultura escolar nas pesquisas histórico-institucionais. **Revista História da Educação**. ASPHE/FaE/UFPel, Pelota, v.11, abr. 2002, p. 117 – 129.

_____. Os jornais estudantis Ecos Gonzagueanos e Estudante: apontamentos sobre o ensino secundário católico e laico (Pelotas/RS, 1930 a 1960). **Revista História da Educação**. ASPHE/FaE/UFPel, Pelota, v.17, n.40, maio/ago. 2013. p. 121 – 142.

BASTOS, Maria Helena Câmara. Apresentação do Dossiê: Escritas estudantis em periódicos escolares. **Revista História da Educação**. ASPHE/FaE/UFPel, Pelota, v.17, n.40, maio/ago. 2013. p. 7 – 10.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. Das mãos ao arquivo. A propósito das escritas de pessoas comuns. **PerCursos**, Florianópolis, v. 4, n. 1, julho/2003, p. 223 – 250.

_____. Educação e cultura escrita: a propósito dos cadernos e escritos escolares. **Educação**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 66-72, jan./abr. 2012.

CATANI, Denice; BASTOS, Maria Helena. Apresentação. IN: CATANI, Denice; BASTOS, Maria Helena (orgs.). **Educação em Revista: A Imprensa Periódica e a História da Educação**. São Paulo: Escrituras, 1997. p. 5 - 10

CECCON, Claudio; OLIVEIRA, Claudio; OLIVEIRA, Rosiska. **A vida na escola e a escola da vida**. Petrópolis: Editora Vozes, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. 15ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

CHARTIER, Roger. **Aventuras do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

_____. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. **A história ou a leitura do tempo**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

_____. Prefácio. In: CHARTIER, Roger. (org.). **Práticas de leitura**. 5ª Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011a. p. 19 – 22

_____. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger. (org.). **Práticas de leitura**. 5ª Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011b. p. 77 – 105

_____. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 211 - 238

CUNHA, Maria Teresa Santos. Do baú ao arquivo: escritas de si e escritas do outro. **Patrimônio e Memória**, UNESP – CEDAP, v.3, n. 1, 2007.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, nº 24, set./dez. 2003. p. 40 – 42.

DICK, Hilário. **O caminho se faz**. História da Pastoral da Juventude do Brasil. Porto Alegre: Evangraf, 1999.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FRAGA, Andréa Silva. **Imprensa Estudantil e Práticas de Escrita e de Leitura**: a revista “O Estudo”. Dissertação (Mestrado em Educação). Porto Alegre, Programa de Pós Graduação em Educação/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

FREIRE, Paulo; CECCON, Ricardo; et al. **Cuidado, escola!** São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Território Plural: a pesquisa em história da educação.** São Paulo: Ática, 2010

GASTAUD, Carla. **De correspondências e correspondentes: cultura escola e práticas epistolares no Brasil entre 1880 e 1950.** 2009. 264 p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, Porto Alegre.

HATOUM, Milton. **Cinzas do Norte.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação.** SBHE, nº 1, jan./jun. 2001.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2008. 2 ed. p.111 – 153.

MAFRA, Núbio Delanne Ferraz. **Leituras à revelia da escola.** Londrina: Eduel, 2003.

MIGNOT, Ana Christina Venâncio (org.). **Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MONTEIRO, Carolina. **A escrita na escola primária: repercussões da obra de Orminda Marques nas décadas de 30 a 60 do século XX.** 2012. 118 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, Porto Alegre.

NEVES, Lucilia de Almeida. Memória, história e sujeito: substrato da identidade. **Revista da Associação Brasileira de História Oral**, n. 3, 2000. p. 109 - 116

PERONDI, Mauricio. **Jovens da Pastoral da Juventude Estudantil: aprendizados na experiência.** Dissertação (Mestrado em Educação). Porto Alegre, Programa de Pós Graduação em Educação/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

PESAVENTO, Sandra. **História & História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PIÑEDA, Silvana Schuler. **Hyloea**: o feminino na revista dos alunos do Colégio Militar de Porto Alegre (1922-1938). Porto Alegre: Ufrgs, 2003. 193f. Dissertação (mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PJE. **Nossa Vida, Nossos Sonhos**: Marco Referencial da Pastoral da Juventude Estudantil. 2005.

PULITA, Raquel. **As lições de uma fonte** – análise da caminhada do Instituto de Pastoral da Juventude de Porto Alegre. Monografia apresentada no Curso de Pós-Graduação Especialização em Juventude. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

RIBEIRO, Renato Janine. Não há pior inimigo do conhecimento que a terra firme. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, n. 11, v. 1, maio/1999, p. 189 – 195.

SARMENTO, Manuel Jacinto. O estudo de caso etnográfico em educação. IN: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília; VILELA, Rita Amélia (orgs.). **Itinerários de pesquisa**: Perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 137 – 179.

SPOSITO, Marília. Trajetórias na constituição de políticas públicas de juventude no Brasil. IN: FREITAS, Maria Virgínia de; PAPA, Fernanda Carvalho (orgs.). **Políticas Públicas**: Juventude em pauta. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Por uma História da Cultura Escrita: observações e reflexões. **Cadernos do Projecto Museológico sobre Educação e Infancia**. Portugal, nº 77, maio/2001, p. 3 – 53

_____. **Sistemas educativos, culturas escolares y reformas**: continuidades y câmbios. Madrid: Ediciones Morata, 2002.

ZAGO, Nadir. A entrevista e o seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira (orgs.). **Itinerários de pesquisa**: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

YUNES, Eliana. **Tecendo um leitor**: uma rede de fios cruzados. Curitiba: Aymar, 2009.